

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



Currículo-nômade:
sobrevôos de bruxas e
travessias de piratas

Ada Beatriz Gallicchio Kroef

Doutoranda

Profa. Dra. Sandra Mara Corazza

Orientadora

Porto Alegre, outubro de 2003

Às amigas-bruxas
Nânia Machado e Sílvia Motosi,
que, em vôos,
partiram para
outros planos.

Ao Mauro,
que, em sua rápida travessia pelo planeta,
na sua luta pela vida,
muito me ensinou...

Pensar é sempre seguir a linha de fuga do voo da bruxa.
Deleuze & Guattari



Agradecimentos

Gi, companheira assídua, em todas as viagens...

A Márcia Regina da Silva, amiga e professora do Maternal I e da Turma dos Piratas, que me possibilitou esta invenção.

Aos alunos e pais do Maternal I e da Turma dos Piratas da Escola Municipal Infantil Humaitá, que transversalizaram comigo seus saberes...

Minha orientadora, Sandra Corazza, pelas forças todas e amizade intelectual.

Professoras Zenaide Martins da Silva e Rosemeri Carvalho Costa, pelo acolhimento na Escola.

Secretaria Municipal de Educação - SMED, em especial à Educação Infantil, pelos vários convites para discussões.

Adele, mãe-tradutora, pelo carinho e dedicação.

Judith Guerra, pelos materiais...

Heloísa Maia, pelas belas ilustrações.

Heloísa Horta Barbosa Kroeff, pelos marcadores-artísticos.

Raul Miranda e André Koloszuk Rosa, pelas fotos digitais.

Nilza Silva, pelos socorros-conceituais na madrugada e leitura demorada em minúcias.

Funcionários da Secretaria do Pós, em especial Mary e Eduardo, pelo apoio em horas difíceis, torcida e amizade.

CAPES, pela sensibilidade e financiamento da pesquisa.

Coordenação do Pós-Graduação e Membros da COMPÓS, por todos os apoios.

Grupo de Orientação, pelas minuciosas leituras e sugestões.

Jorge Occhipinti, e todos os seus personagens, pela amizade e reprodução das imagens.

Dr. Lisboa, amigo-médico-velejador, pela dedicação e competência profissional.

André Soltau, amigo-viabilizador dos materiais-catarinenses.

Léa Perez, Francisco Coelho dos Santos e Helena, amizade e torcida.

Ivan W. dos Santos e Milton B. Fortes, pela sensibilidade estética e pelo Atlas Proibido.

Prof. Eric Alliez, pelo encontro-filosófico que proporcionou vetores ousados e riscos; amigo-virtual que me colocou no trabalho!

Resumo

O *currículo-nômade* é produzido no acontecendo. Ele escapa do planejamento e do controle. Seus percursos são marcados por esta cartografia, uma geografia curricular, que indica alguns movimentos de desterritorialização e reterritorialização, assinalando os devires do conceito currículo — *nômade* e *programa* — com outros conceitos. Estes movimentos são disparados pelos bonecos de pano, inventados em uma Escola Municipal Infantil na periferia de Porto Alegre. Os bonecos, Bruxela e Roberto, passam de arranjos maquínicos a personagens conceituais, traçando um plano de imanência e criando conceitos. Os conceitos avizinham-se e se atualizam nas redes de relações de forças, conectando bruxa, bruxaria, pirata e pirataria a diferentes elementos que os compõem. Os personagens conceituais deslizam para outros planos: de composição, transformando-se em figuras estéticas; e de referência, tornando-se observadores parciais. A educação é tratada como um plano de imanência, uma máquina diagramática, cujos traços atravessam outras máquinas. Neste plano, a Educação Infantil institui uma organização, conformando um organismo. Os traços diagramáticos, também, perpassam os eixos de significação e de subjetivação, constituindo um rosto que se desfaz em uma paisagem. As trajetórias da Bruxela e do Roberto indicam possibilidades de afirmar uma não-filosofia, no sentido de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Seus deslocamentos produzem um exercício de vida, uma experimentação em que crianças, professoras, monitoras e famílias filosofam.

Palavras-chave: Currículo – personagens conceituais – plano de imanência – educação – cartografia – bruxa – bruxaria – pirata – pirataria – máquina diagramática – paisagem.

Sumário

Iniciação	VII
Secção I - Estranha vizinha: aparição da bruxa	17
Dos ares para os mares: surgimento do pirata	22
Magias e encantamentos: mutações dos arranjos	28
Secção II - Educação: um plano de bruxas e piratas	54
Secção III - Entre o céu e o mar, muitas linhas a traçar	77
Devires do currículo	77
Criaturas-bruxas	91
Navegadores-piratas	121
Mar: paisagem da educação	141
Infinitos trajetos	156
Referências Bibliográficas	168

Iniciação

Esta cartografia nasce do acaso. Encontro fortuito com a boneca de pano chamada Bruxela. Nesta ocasião, quando solicitada para prestar assessoria, aprendi muito mais do que assessoriei. Muitas interferências foram produzidas numa transversalização de saberes em que os relatos da professora Márcia fizeram emergir trajetórias que se embaralham com a produção de um currículo.

O poder de encantamento da Bruxela interceptou minha pesquisa. Seus afectos desencadearam uma paixão do tipo daquela descrita por Gilles Deleuze¹, que não é um amor, um estado e uma relação de pessoas, mas um acontecimento subpessoal, um campo de intensidades que individua sem sujeito. Quis saber, cada vez mais, coisas sobre ela, suas visitas, a turma com quem ela convivia e, também, sobre a escola onde foi inventada. A Bruxela disparou uma mudança radical. Começo de inúmeros percursos aonde um pirata, mesmo no plano das possibilidades, já singrava.

Gilles Deleuze e Félix Guattari, em sua filosofia, me fizeram acreditar no mundo, não propriamente na sua existência, mas nas suas possibilidades, em movimentos e intensidades. Buscando traçar estes movimentos, tramo bruxa, pirata e currículo com os filósofos, numa composição marcada por uma cartografia.

Na literatura, seres imaginários, personagens-bruxos, casas embruxadas, seres misteriosos da terra e do mar, cruzamentos entre piratas e bruxas... são temas correntes. Escritores-feitiçeiros que, com seus personagens, nos fazem atravessar outros planos, produzir novos conceitos, novos devires que se conectam a esta Tese. Hugo, Melville, Shakespeare, Borges, Pessoa, Bosch, Cascaes, Klink, San Martin, Colbert misturam-se.

Hugo, com seu personagem-bruxo-marinheiro *Gilliatt* e seus conceitos de mar, vento. Melville com as Ilhas Encantadas e navios-fantasmas. As três bruxas de Shakespeare que, com suas profecias, são os elementos sobrenaturais, as forças do Mal que disputam a alma de *Macbeth*. Os seres imaginários que Borges catalogou, não em um dicionário fantástico-fixo, mas atento às variantes, às inevitáveis transformações, às mutações, às novas versões, às digressões em sua literatura, numa monstruosa série de imaginações, na sua *História da Infâmia*. Pessoa, em sua poesia *Ode Marítima*, quando

mulheres-bruxas esperam, no cais, seus bravos marinheiros. Corbin, com sua cartografia do mar e dos litorais. Bosch, com *Cresques e Jafudá* na construção do Atlas Real e do Proibido. Klink, na cartografia “em ato”, em seus múltiplos devires, nomeando as ondas. Cascaes, com suas pesquisas e personagens no universo bruxólico dos *pescadores-anfíbios* da Ilha de Santa Catarina. San Martin, que extraiu, das anotações de próprio punho de um pirata inglês, um relato de saques, conquistas, derrotas, batalhas e mortes. Colbert, na atualização da bruxaria e do fantástico, no mundo de Harry Potter... Escritores que me fizeram pensar, perceber o mundo de outra maneira. Feiticeiros que me encantaram, envolvendo-me em suas linhas para que traçasse essa geografia, um mapa da bruxa e do pirata: uma cartografia.

Uma cartografia constrói um plano, traça percursos que são imanentes à própria produção da realidade — entendida como multiplicidade. Ela é composta por traços intensivos, estabelecendo relações de vizinhança constitutivas da singularidade. Assim, a cartografia diferencia-se de certos procedimentos científicos por ser impossível separá-la do acontecimento, da sua instituição, da sua composição, das suas relações. A *ciência régia, de Estado*, por sua vez, constrói proposições enquanto formações discursivas que definem uma referência. Ela opera por coordenadas extensivas que buscam apreender espécies variáveis para um gênero constante, ou espécie constante, para indivíduos variáveis. Desta forma, a ciência torna-se uma transcendência.

A cartografia investe no abandono das fronteiras disciplinares, visando a transversalização entre diferentes perspectivas. Com ela, faz-se uso de outros aportes teóricos que se afastam das dicotomizações sincronia-diacronia, espaço-tempo, estrutura-dinâmica como demarcadores dessas fronteiras. A genealogia, proposta por Foucault, atravessa a cartografia na medida em que (...) busca ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome de uma ciência detida por alguns. As genealogias não são portanto retornos positivistas a uma forma de ciência mais exata, mas anti-ciências. Trata-se da insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poderes centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no

¹ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996, p. 144

interior de uma sociedade como a nossa². Assim, a cartografia aproxima-se de uma perspectiva genealógica, quando pretende ativar os saberes locais e quando compõe uma anti-ciência.

Com seus instrumentos, os *conceptos*, os *perceptos* e os *afectos*, a cartografia não deve ser utilizada como grade de leitura global exclusiva com pretensão científica; mas enquanto instrumento parcial em composição com outros, cujo critério último seja o de ordem funcional. Nesta perspectiva, ela não possui intenção explicativa, não visa exprimir um conhecimento científico, nem busca um mesmo sistema interpretativo com suas invariantes universais. As construções explicativas buscam determinantes causais para dar conta deste ou daquele resultado e, com isso, reportam-se à(s) origem(ns), enquanto a cartografia compõe uma anti-ciência. Uma *ciência-nômade* que se opõe ao estável, ao idêntico, ao eterno, ao constante, característicos da *ciência de Estado*. *Ciência-nômade* que é turbilhonar, onde as coisas-fluxo se distribuem, em vez de distribuir um espaço fechado para coisas lineares e sólidas. Concebe o espaço vetorial e topológico; ocupa-se o espaço sem medi-lo. A *ciência régia* mede o espaço a fim de ocupá-lo; reconhece-se num espaço estriado, métrico. A *ciência-nômade* não pára de ser barrada, inibida ou proibida pelas exigências e condições da *ciência de Estado*: (...) *a ciência de Estado não pára de impor sua forma de soberania às invenções da ciência nômade; só retém da ciência-nômade aquilo de que pode apropriar-se, e do resto faz um conjunto de receitas estritamente limitadas, sem estatuto verdadeiramente científico*³.

A *ciência-nômade*, com suas noções dinâmicas como as de devir, heterogeneidade, infinitesimal, passagem ao limite, variação contínua, fluxos, produz os componentes, os elementos, as partes, as máquinas constituidoras de uma cartografia. *Ciência vaga*, no sentido de *vagabunda*: (...) *nem inexata como as coisas sensíveis, nem exata como as essências ideais, porém anexata e, contudo, rigorosa*⁴.

Na *ciência régia, de Estado*, os procedimentos científicos são de reprodução, reiteração, dedução e indução; enquanto na *ciência nômade* são de itinação, formando um conjunto de procedimentos junto às *ciências itinerantes, ambulantes*. A *ciência*

² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1996, p. 171.

³ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Ed. 34, 1997, v. 5, p. 26

⁴ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 33.

*nômade segue, (...) somos de fato forçados a seguir quando estamos a procura das "singularidades" de uma matéria ou, de preferência, de um material, e não tentando descobrir uma forma; quando escapamos à força gravitacional para estar num campo de celebridade; quando paramos de contemplar o escoamento de um fluxo laminar com direção determinada, e somos arrastados por um fluxo turbilhonar; quando nos engajamos na variação contínua das variações, em vez de extrair delas constantes*⁵.

No procedimento e no processo ambulantes de uma cartografia, os pontos têm posição de singularidades que exclui qualquer relação biunívoca e o fluxo tem andamento turbilhonar que exclui todo o paralelismo de vetores. Produz-se uma corrente, na qual as *ciências ambulantes*, ou itinerantes, não se deixam capturar pelas ciências régias reprodutoras. O importante não é o resultado final, mas o processo de cartografar as produções nas redes de relações de forças.

Como processo multicomponencial, a cartografia aborda o processo que opera por fluxos e descontinuidades, com tempos e espaços variados, velocidades diferenciais, latitudes e longitudes, cujos cruzamentos formam os arranjos, que definem os corpos.

O procedimento cartográfico analisa o modo como estamos inseridos num processo mutante, considerando as constituições, as relações e as intensidades estabelecidas entre os seus componentes. Cartografar implica em (...) *discernir os componentes postos em jogo e os universos de referências correspondentes*⁶. A cartografia, ferramenta da *esquizoanálise*, visa construir mapas dos processos que estão sempre em *obras*. A *esquizoanálise* interessa-se pela processualidade, analisa o *acontecendo*. *Numa cartografia, pode-se apenas marcar caminhos e movimentos. Esquizoanálise é a análise das linhas, dos espaços, dos devires*⁷. Constróem-se mapas, concebendo que (...) *o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como uma obra de arte, construí-lo como uma ação política ou uma*

⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs...*, v. 5, p. 40.

⁶ GUATTARI, *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993, p. 84.

⁷ DELEUZE, G. *Conversações...*, p. 48.

*meditação*⁸. A cartografia, com seus mapas, desenhados a partir dos fluxos/cortes configurados em linhas, aproxima-se de uma obra de arte, de um quadro de pintura, de desenho, cuja beleza (...) *está no momento em que se sabe e se sente que o movimento, que a linha enquadrada vem de outro lugar, que ela não começa nos limites do quadro; que ela começou acima, ou ao lado... A linha atravessa o quadro*⁹.

Na cartografia, as linhas são cruzadas, arranjadas, engancham-se umas com as outras, formando mapas que se conectam em outros. Linhas com inúmeras proveniências, em cujos traçados dobram-se, vergam-se, delineando bordas movediças, contornos mutantes: os devires. Estes, extraem partículas, entre as quais instauram relações de movimento e de repouso, de velocidade e lentidão; as mais próximas daquilo em que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos; e, neste sentido, o devir é o processo do desejo como fluxo. Uma linha de devir não se define nem por pontos que ela liga nem por pontos que a compõem: ao contrário, ela passa entre os pontos, ela só cresce no meio, e corre numa direção perpendicular aos pontos. Um ponto é sempre de origem, mas uma linha de devir não tem começo nem fim, nem saída nem chegada, nem origem nem destino. Não é o ponto que faz a linha, é a linha que arrasta o ponto desterritorializado. A linha do devir constitui-se como uma via de escapar dos dualismos, do ser e não-ser, por estar entre, passar entre, *intermezzo*, não parando de devir... Desdobra-se em seguida, num movimento infinito. *Há linhas que formam contornos, outras não e, estas são as mais belas... As linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos*¹⁰.

O acontecimento é a atualização de forças em uma superfície de registros. Ele é um entre-tempo, um devir. *Em cada acontecimento, há muitos componentes heterogêneos, já que são cada um um entre-tempo [um devir], todos no entre-tempo que os faz comunicar por zonas de indiscernibilidade, de indecidibilidade: são variações, modulações, “ intermezzi”, singularidades de uma nova ordem infinita. Cada componente do acontecimento se “ atualiza” ou se “efetua” num instante, e o acontecimento, no tempo que passa entre estes instantes (...)*¹¹. O acontecimento é

⁸ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995, v. 1, p. 22.

⁹ DELEUZE, Gilles. *O pensamento nômade*. In: MARTON, Scarlett (Org.). *Nietzsche hoje?* São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 60-61

¹⁰ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs...*, v.5, p. 47.

¹¹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996, p.203-204.

composto por relações de forças em um instante de atualização do virtual, produzindo uma singularidade. Ele é rodeado pelo virtual, envolvendo a subtração e/ou a absorção de elementos virtuais que o modificam¹². O acontecimento se diferencia do estado de coisas, já que *não começa, nem acaba, mas ganhou ou guardou o movimento infinito ao qual dá consistência*. É o virtual, mas um virtual *tornado consistente sobre o plano de imanência que o arranca do caos*¹³.

Há duas maneiras de considerar o acontecimento: uma ligada à história, que recolhe sua efetuação, seu condicionamento, seu apodrecimento, designando um conjunto de condições, atribuindo explicações e resultados, e outra, instalando-se num devir, passando *por seus componentes ou singularidades*. Deste modo, *tudo muda no acontecimento e nós mudamos no acontecimento*¹⁴.

A cartografia marca os acontecimentos e os devires, constrói um mapa. O mapa é um conjunto de linhas diversas que funcionam ao mesmo tempo. Cada coisa tem a sua geografia, sua cartografia; (...) *o que há de interessante, mesmo numa pessoa, são as linhas que a compõem, ou que ela compõe, que ela toma emprestado ou que ela cria*¹⁵.

Os personagens Bruxela e Pirata Roberto marcam infinitos percursos. Traço alguns, a partir das anotações no *Diário da Bruxela* e nos *Registros de Roberto*, dos depoimentos, das observações e interações... O *Diário da Bruxela* e os *Registros de Roberto* são arranjos coletivos de enunciação e maquínicos do desejo que assinalam acontecimentos instituintes do currículo. Estes registros são transcritos literalmente a fim de mostrar o ritmo do pensamento e as bifurcações possíveis dessas escritas que marcam os saberes locais.

Outros tantos percursos escapam da cartografia que me aventuro a traçar. Trata-se de traçar não as memórias, as histórias da Bruxela e do Pirata Roberto, mas seus trajetos. Muito mais a geografia do que a história destes personagens. Para tanto, pego carona nos sobrevôos tracejados pelo cabo da vassoura da bruxa e nas travessias a bordo

¹² Para Foucault, conforme Deleuze, o atual é definido por aquilo que *nos tornamos, que estamos nos tornando, (...) é o agora do nosso devir*, distinguindo-se do presente. Cf. DELEUZE, G & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?...*, p. 145.

¹³ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?...*, p. 202.

¹⁴ Deleuze e Guattari distinguem as referidas maneiras a partir de Péguy. Cf. DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?...*, p. 144.

¹⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 47.

do navio do pirata. A bússola, o astrolábio, o compasso, o escalímetro e as cartas náuticas, o caldeirão e as ervas transformam-se em instrumentos da esquizoanálise.

Ao cartografar os movimentos da Bruxela e do Roberto, eles se tornam personagens conceituais para pensar o currículo e a educação. A Bruxela e o Roberto habitam esta cartografia. A bruxa e o pirata lançam vários problemas e, através de alguns deles, é possível pensar em coisas e em conceitos gerados por suas interferências.

A Bruxela e o Roberto passam a ser personagens que interferem, cotidianamente, no pensamento, tramando conceitos com os quais produzi esta pesquisa. Estes personagens abrem uma gama de conceitos. Tive que realizar escolhas, várias escolhas! Como tratá-los? Personagens conceituais, figuras de diálogo ou figuras estéticas e observadores parciais? Como tratar o currículo? Máquina, arranjo, plano, conceito? Como tratar a escola? Território? Como tratar a educação? Plano de Imanência? Terra? Máquina diagramática?

A opção em lançar a Bruxela e o Roberto como personagens conceituais ocorre quando percebi que eles povoam os movimentos do pensamento, produzidos nos acontecimentos interceptados no cotidiano escolar. Além dos conceitos propostos nesta cartografia, tais personagens remetem aos diferentes saberes tramados e registrados em seu *Diário* e em seus *Registros*, indicando a criação de diversos conceitos pelos componentes humanos e não-humanos envolvidos no processo – crianças, professoras, música, presentes, barcos, mapas, mensagens, sonhos...

Entretanto, eles realizam movimentos em infinitas direções e velocidades, atravessando, também, os planos de imanência da filosofia, de composição da arte e de referência da ciência. Eles provocam sentidos aos conceitos de bruxa e de pirata que se atualizam nos acontecimentos, ligando-se, por vizinhança, a outros elementos e novos conceitos. Como personagens conceituais, eles ativam os saberes locais que produzem os conceitos. Quando os saberes passam a ser hierarquizados, ordenados e direcionados para responder ao estado das coisas, buscando o conhecimento legitimado como referente científico, Bruxela e Roberto de personagens conceituais compõem-se em observadores parciais. Como observadores parciais, ocupam o plano de referência e distribuem os elementos dos acontecimentos em coordenadas extensivas e explicativas. Esta bruxa e este pirata encarnam figuras estéticas, na medida em que disparam

sensações que envolvem afectos e perceptos, e possibilitam uma ligação aos personagens conceituais. Como figuras estéticas extraem um bloco de sensações, arrancam afecto das afecções e percepto das percepções, viabilizando a passagem de um plano a outro, a partir de um suporte material que invade o plano de composição. Estas figuras estéticas produzem uma fabulação criadora que não se reduz à memória, pois remete a devires não-humanos do homem e a paisagens não-humanas da natureza. A Bruxela e o Roberto, enquanto composições materiais — bonecos de pano —, provocam, em suas visitas, estas mudanças de estado que são registradas no *Diário* e nos *Registros*, sem caracterizarem-se como memória histórica ou conhecimento, mas perceptos e afectos fabulosos e fabulados em devires não-humanos.

Como figuras estéticas, Bruxela e Roberto habitam um plano de composição, que se recompõe esteticamente a cada visita. Nesta recomposição, que se atualiza nos acontecimentos, eles deslizam do plano de composição para o plano de imanência.

Os devires bruxa e pirata produzem os devires do conceito currículo: *nômade* e *programa*. Indico dois devires do conceito currículo. O vetor de desterritorialização marca os *currículos-nômades*, quando escapam das designações dos *currículos-programas*. Os *currículos-nômades* tecem redes infinitas com diferentes suporte de saberes que circulam pelas transversalizações. Os movimentos de reterritorialização configuram os *currículos-programas* que são constituídos pelas propostas curriculares oficiais e pelas ditas alternativas. Estes privilegiam o conhecimento delimitado pelo referente científico. Demonstro a imanência do plano-educação através da vizinhança do conceito de currículo com outros conceitos, que se produzem por devires.

Analiso a educação como um plano e o currículo como conceito, concebendo a Bruxela e o Roberto como personagens para assinalar a produção de devires do currículo. Considero a Bruxela e o Roberto como produtos/produtores e produção de currículos. Currículos que se constituem no *acontecendo*. Para tanto, parto da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que apresentam o plano de imanência como uma imagem do pensamento, uma máquina diagramática, que está associada à criação de conceitos e aos personagens conceituais.

A Bruxela e o Roberto, enquanto personagens, viabilizam a instituição de territórios, desterritorializações e reterritorializações de seus currículos. Através deles, portanto, é possível cartografar os movimentos de produção de seus currículos e de suas

mutações, caracterizando sua imanência. Nas circunstâncias e nos acontecimentos, eles tornam perceptíveis as formações de territórios, os vetores de desterritorializações e os processos de reterritorializações, em movimentos simultâneos.

Os personagens conceituais remetem ao movimento do pensamento, entretanto, a Bruxela e o Roberto constituem-se em arranjos maquínicos que atravessam outros planos, compondo-se, também, como figuras estéticas e observadores parciais. Eles cruzam planos, ziguezagueando, com sua vassoura e velas, diferentes platôs, em sobrevôos e travessias. Alguns movimentos da bruxa e do pirata são cartografados numa geografia-curricular na educação. Uma cartografia da sua instituição, da sua composição, das suas relações. Secciono esta cartografia em três cortes, três interseções de infinitos fluxos. Na Secção I, apresento como a Bruxela e o Roberto — a bruxa e o pirata de pano inventados na *Escola Municipal Infantil Humaitá*, na periferia de Porto Alegre —, de arranjos maquínicos se compõem como personagens conceituais. Na Secção II, considerando a educação como um plano de imanência, uma máquina diagramática, cujos traços atravessam outras máquinas, analiso como a Educação Infantil, no Município de Porto Alegre, constitui-se como um organismo deste plano. Esta secção tem a intenção de indicar os traços diagramáticos que compõem uma máquina abstrata, perpassando diferentes eixos, constituindo uma paisagem e um rosto. A Bruxela e o Roberto deslizam nesta paisagem, ora encarnando investimentos de interesse, que compõem uma política, ora escapando e desterritorializando a educação. Na Secção III, traço alguns movimentos disparados pela bruxa e o pirata, na ordenação do conceito de currículo em seus devires — *nômade e programa* —, com outros conceitos. Assinalo a composição dos conceitos de bruxa e de pirata, o modo como se avizinham, misturando traços intensivos nas redes de relações de forças. Trajetórias engendradas por inúmeras proveniências, cujas descontinuidades históricas reativam componentes mesclados aos registros do *Diário da Bruxela e Registros de Roberto*, bem como aos saberes da comunidade da Lagoa da Conceição em Florianópolis. Nestes registros, criaturas-bruxas e navegadores-piratas transitam no mar, povoando uma paisagem. Os *Infinitos Trajetos* indicam deslocamentos para outros planos, alguns movimentos que assinalam a captura do mar-paisagem pelo *currículo-programa*, delimitando o plano de referência. Estes trajetos

apontam para outras possibilidades, outras cartografias que traçam novos planos, privilegiando (ou não), as figuras estéticas e os observadores parciais.

Seção I

Estranha vizinha: aparição da bruxa

Nosso passeio pelo mundo imaginário das bruxas aconteceu, devido às crianças da turma Maternal I terem demonstrado muito interesse e curiosidade sobre elas. Esta curiosidade levou-nos a iniciarmos um estudo para podermos conhecê-las melhor. Após a leitura de histórias e canções sobre bruxas, em sala de aula, confeccionamos uma boneca de pano, a qual demos o nome de BRUXELA. BRUXELA passeará em diversos lugares, buscando informações e presentes, como: olhos, nariz, queixo, cabelos, perfumes, calcinha, vassoura, pulseiras, colares e tudo o mais que poderá lhe deixar bonita, pois é muito vaidosa. Queremos saber histórias, lendas, canções, filmes, desenhos, magias receitas, poções... e tudo o que você sabe sobre bruxas, para que possamos enriquecer e ampliar o nosso projeto. Gostaria de deixar registrado, que o início desse projeto contou com a colaboração da estagiária do Curso de Pedagogia da UFRGS, A. T.

*Solicitamos, que ao receber a visita da Bruxela em sua casa, dê um presente para ela e registre em seu diário algo que sabe sobre bruxas. Márcia R. da Silva — professora. **Página introdutória do Diário da Bruxela.***

A

Bruxela é produzida num processo que envolve muitos cruzamentos, entre eles os alunos do Maternal I da *Escola Municipal Infantil Humaitá* no ano de 2000. A idéia da professora partiu do interesse das crianças sobre a temática das bruxas, que ela atribuiu ao fato de serem vizinhos de sala do Jardim B¹⁶. Os alunos do Jardim B cantavam uma música sobre bruxas que aprenderam em aula¹⁷. *De tanto ouvir, eles também já estavam cantando*, observou a professora. A partir da música, eles tiveram contato com livros de histórias infantis sobre bruxas, um deles *A bruxa Onilda*¹⁸, brincaram de bruxas, etc. Márcia e a estagiária construíram, com as

¹⁶ O ensino da Educação Infantil é organizado em níveis, cujo critério de enturmação é a idade completa no mês de março. O Maternal I corresponde ao Nível II, compreendendo crianças de dois anos e seis meses a três anos e oito meses. O Jardim B corresponde ao Nível V, abarcando crianças de cinco anos e nove meses a seis anos e oito meses.

¹⁷ A música que as crianças ouviam, cantada pela turma do Jardim B, apresenta esta letra: *Bruxa/Anda de vassoura/ Tem um narigão/ É má e feiosa / Mexe o caldeirão/ Tem asas de morcego/ Patas de aranha/ Picadas de formiga/ E dentes de piranha./ É a bruxa, ah .../ Tão malvada, ah.../ Quer pegar, ah.../ A gurizada, ah.../ Mas a bruxa, ah.. /Tem segredos... psiu!!!/ Grite com ela.../ Que ela morre de medo!*

¹⁸ LARREULA E. & CAPDEVILA R. *A Bruxa Onilda*. São Paulo, Scipione, 1999. As crianças realizaram a leitura de várias obras da coleção referente à Bruxa Onilda, correspondendo aos seguintes títulos: *As memórias da bruxa Onilda, As férias da bruxa Onilda, O casamento da bruxa Onilda, Bruxa Onilda e a macaca, Bruxa Onilda vai à festa, Bruxa Onilda vai à Inglaterra, Bruxa Onilda vai à Venezuela, Bruxa Onilda vai à Paris, Bruxa Onilda vai à Nova Iorque.*

crianças, um corpo de pano que deveria, a partir de uma composição coletiva, ser transformado numa bruxa. A bruxa recebeu o nome de BRUXELA. Foi decidido que a Bruxela teria um diário e visitaria as casas de cada aluno, o que contemplaria a proposta de envolver os pais e a comunidade a participarem, mais efetivamente, do projeto pedagógico da escola. A turma, posteriormente, assistiu a uma peça teatral – *A bruxa Elvira* –, que também possuía um diário.

A Bruxela surge por vizinhança e exterioridade, marcando movimentos e a emergência de um acontecimento. Acontecimento produzido por um estado de forças, sempre exteriores umas às outras. Ela aparece do acaso, do desvio, quando as crianças do Maternal 1 furtam a bruxa cantada pelo Jardim B. Neste furto, a professora reterritorializa a bruxa numa intenção pedagógica. A bruxa, como multiplicidade, consiste num arranjo de inúmeros fluxos de uma rede descontínua. A demarcação de seu início é arbitrariedade que tende a fixar a professora como sujeito da ação pedagógica. A Bruxela produz rasgos cujas possibilidades e proveniências traçam movimentos do pensamento. Ela não representa, ela produz devires. Brux(ela) que, em seu devir-mulher, não é tomada numa máquina dual que a opõe ao homem, determinada por sua forma, mas Bruxela capaz de percorrer, impregnar e contaminar, com átomos de feminilidade os alunos-meninos, os irmãos, os amigos, os homens-pais que visita, e tomá-los num devir. A Bruxela passa *entre* os sexos, as idades... Nestes devires ocorre uma atualização. Nos movimentos do pensamento, a Bruxela recusa a representação, o real, o imaginário e o simbólico. V., aluno da turma, quatro anos de idade, relata alguns devires provocados pela Bruxela na ocasião de sua visita: *Foi o pai que levou a Bruxela para casa. Eu brinquei com ela, li um livro [apontando para o Diário da Bruxela] e a mãe deu uma corrente para ela [referindo-se ao colar oferecido para a Bruxela, que ele fez questão de mostrar]. Também passei com minha vó. Eu levei a Bruxela na casa dela. A Bruxela é boa, porque deu um carinho na minha vó. A bruxa malvada tem sangue. Quando eu vi a bruxa no teatro eu chorei porque ela é uma bruxa de falar. Um homem queria roubar o diário da bruxa. Ela falava com todo mundo. A Bruxela fala. A Bruxela dormiu em cima das roupas de minha mãe. A mãe não deixou ela dormir*

comigo. A Bruxela está colada ao vivido, rompendo com o conceito de imaginário, visto que este está relacionado aos pares real-irreal e verdadeiro-falso. Não há potência no imaginário, no simbólico e no sonho, eles têm como modelo o verdadeiro e não investem na potência do devir. *O imaginário, o simbólico e o sonho traduzem a miséria do real sempre adiado para o amanhã e não a experimentação de um devir*¹⁹. A Bruxela não é representação da música cantada na sala ao lado, já que a música constitui-se em um dos elementos que tensionam e compõem o pensamento. Antes da Bruxela adquirir corpo e nome, ela é potência e devires. Ela produz relações entre crianças, personagens, músicas, salas, temas, idéias, emoções, afectos, saberes..., cujas velocidades atravessam o plano virtual para se atualizarem em um corpo. Arranjos maquínicos²⁰ que produzem uma máquina concreta. A Bruxela é imanente aos acontecimentos que a produziram, mutando e atualizando-se no processo marcado pelos seus percursos. Uma das linhas da rede que a compõe corta o pensamento, conectando-se ao corpo de pano, diário, presentes, visitas, brincadeiras, práticas pedagógicas, famílias, escola, comunidade, currículo, projetos, educação, literatura, teatro... Ela habita o plano do pensamento, tornando-se um arranjo maquínico, adquirindo a consistência de um corpo como superfície de inscrição dos acontecimentos que encarna e dos percursos que traça.

O corpo de pano transforma-se em bruxa, chamada Bruxela. *O corpo não é questão de objetos parciais, mas de velocidades diferenciais. Estes movimentos são movimentos de desterritorialização*²¹. Desterritorialização da música em pano e do pano

¹⁹ DELEUZE, Gilles. *Conversações...*, p. 85-86.

²⁰ Sobre a expressão agenciamento: do francês, *agencement* tem sido traduzido para o português como agenciamento. Porém, a versão mais próxima da idéia de *agencement*, apontada por Deleuze e Guattari, é arranjo, na acepção de arrumação, distribuição, disposição, composição. Neste sentido, Arnaldo Marques traduz *agencement* como arranjo, In DESCAMP, Christian. *As Idéias Filosóficas Contemporâneas na França (1960-1985)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991, p. 24. Assim, farei uso da expressão *arranjo*, por considerar que agenciamento pode remeter, ainda, a uma noção de sujeito de ação, de um sujeito que agencia. Utilizo o termo arranjo maquínico a fim de ressaltar os cortes e conexões de máquinas acopladas: máquinas de máquinas. Entretanto, convém ressaltar que o arranjo maquínico é inseparável do arranjo coletivo de enunciação, o qual apreende o conteúdo e a expressão, ou seja, o regime de signos e de ações e paixões. A este respeito Cf. DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 218-219.

²¹ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996, v. 3, p. 37.

em nome próprio: Bruxela. Nome próprio que designa forças, movimentos, motivações e acontecimentos. A bruxa tem um nome próprio que, muito antes de designá-la, nomeia os acontecimentos que atravessam seus trajetos: música, ventos, vôos, vassoura, crianças, escola, fogo, currículo, ervas, saberes, famílias... Um nome próprio entendido por designação de intensidades vividas. Estas intensidades são fluxos e interrupções de fluxos *já que cada intensidade está em relação com uma outra de tal modo que alguma coisa passe*. Há uma exterioridade movente concernente ao nome próprio: (...) *uma espécie de nomadismo, de deslocamento perpétuo de intensidades designadas por nomes próprios, e que penetram umas nas outras ao mesmo tempo em que são vividas sobre um corpo pleno. A intensidade só pode ser vivida em relação com sua inscrição móvel sobre um corpo, e com a exterioridade movente de um nome próprio, e é por isso que o nome próprio é sempre uma máscara, máscara de operador*²². Os nomes próprios, tal como Bruxela, indicam individualizações sem sujeito, atravessamentos com componentes diversos de inúmeras proveniências, *apreensões instantâneas de multiplicidades*²³.

A primeira visita da Bruxela, ainda um corpo de pano, embora com um lindo vestido, foi à casa da professora Márcia que registrou: (...) *Ao receber a boneca de pano "Bruxela" em minha casa, comecei sua transformação em bruxa*²⁴. Ela confeccionou os olhos, um nariz e um queixo, presenteando-a com uma bolsa, para que Bruxela pudesse passear bastante, em outras casas... A bolsa tem a forma de uma abóbora e nela está escrito: *Bruxela vai passear*. Os possíveis passeios da Bruxela, seriam semelhantes aos da bruxa Onilda, que viajou pelo mundo. As viagens da bruxa Onilda dispararam o interesse sobre o Globo Terrestre, no qual procuraram os lugares por onde ela andou... A professora escreveu no diário da Bruxela o que havia descoberto sobre bruxas: *Ser bruxo(a) não se trata de poderes ou escolha. Qualquer pessoa pode se tornar um bruxo ou bruxa, desde que se dedique a isso e trate o assunto com seriedade e devoção* (...) ²⁵.

A Bruxela provoca transversalizações de saberes através dos registros, da sua presença e através dos presentes. Ela é uma superfície mutante que se redesenha, assim como reconceitualiza a noção de bruxa e bruxaria. Ela estabelece relações de

²² DELEUZE, Gilles. O pensamento nômade..., p. 63.

²³ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 51.

²⁴ *Diário da Bruxela*, registro em 25 de julho de 2000.

²⁵ *Diário da Bruxela*, registro em 25 de julho de 2000.

reciprocidade, instituindo trocas²⁶ em diferentes níveis, direções e sentidos. A bruxa, o diário e a bolsa-abóbora tornam-se superfícies de registros de devires, de novos acontecimentos, de saberes transversalizados, de visitas e passeios. Estas superfícies mutantes interrompem e agregam novos fluxos, marcando os movimentos da Bruxela com linhas que configuram um rizoma. O devir-Bruxela marca trajetos que a compõem como um arranjo de multiplicidades. As multiplicidades são rizomáticas, não tendo nem sujeito, nem objeto, *mas somente determinações de grandezas que não podem crescer sem que mudem de natureza. (...) Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões de uma multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões*²⁷.

O registro da professora sobre bruxas anuncia um devir-bruxo/bruxa, quando aponta a possibilidade de qualquer pessoa tornar-se uma bruxa. A inscrição *Bruxela vai passear* contém o verbo infinitivo que expressa devires e acontecimentos, ultrapassando os modos e os tempos, anunciando um movimento infinito e inusitado. A professora abre possibilidades de trânsitos por mundos de experimentação, devires, cujas diferentes intensidades escapam a seu controle. A Bruxela bifurca-se, aparecendo o pirata Roberto. Os arranjos constituem complexos de linhas, extraído dos meios um território, por isso, todo arranjo é territorial: *O território é feito de fragmentos descodificados de todo o tipo, extraídos dos meios, mas adquirem a partir deste momento um valor de “propriedade”: mesmo os ritmos ganham um novo sentido (ritornelos). O território cria o agenciamento*²⁸.

O arranjo Bruxela modifica suas dimensões por consistir numa multiplicidade. Esta mudança de dimensão, associada a novas conexões, produz um novo arranjo: o pirata Roberto. Convém ressaltar que, neste novo território delimitado pelo pirata, instituem-se novos componentes, envolvendo alunos de outra turma — o Jardim B —, na mesma escola, em outro ano — 2001, tendo como ligação a mesma professora. Esta professora, de elemento parcial do arranjo-Bruxela,

²⁶ As trocas e a reciprocidade referidas não constituem semelhanças, simetrias, ambivalências estruturais, nem equivalências econômicas, mas traços do acontecimento da presença da Bruxela, que acrescentam ao seu corpo novos componentes. Trocas que alteram, adulteram, cruzam, mudam, transformam e operam por potencialização.

²⁷ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 1, p. 16-17.

²⁸ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 218.

desloca-se, configurando a restituição de um sujeito que controla e conduz a experiência pedagógica. O pirata já surge aprisionado.

Bos ares para os mares: surgimento do pirata

Aventure-se com a Turma dos Piratas

*Mesmo com a fama de feios, sujos e malvados, os piratas exercem um estranho fascínio sobre as pessoas de bem. Talvez pelo jeito intenso e, perigosamente de viver. Nosso pirata “Roberto” viajará até suas casas, em busca de mensagens, sonhos e desejos. Imaginando, pois, ser um pirata em terra firme, aventure-se, escrevendo no caderno – Registros de Roberto – seus sonhos, seus desejos, e/ou sua história de vida. Professora Márcia -
Página introdutória dos Registros de Roberto.*

Assim como a Bruxela, o pirata Roberto é produzido num processo que envolve muitos cruzamentos. Sua criação foi inspirada a partir de uma parceria com o Instituto Estadual do Livro (IEL), através do Projeto *Autor Presente* e a *Escola Municipal Infantil Humaitá* no ano de 2000. A escola deveria escolher uma obra infantil para ser trabalhada e, ao IEL, caberia garantir uma visita do autor para apresentar seu livro e conversar com as crianças.

O livro escolhido pela professora Márcia, do Jardim B, foi *O capitão pirata e o gênio invisível* de autoria de Roberto Pereira dos Santos e Walmor Santos²⁹. A professora afirma que escolheu o livro pela capa, pois a ilustração lhe remetia à idéia de um sonho. A figura do gênio parecia ser em forma de um coração. Assim, iniciou o trabalho do ano letivo inspirado no livro.

O pirata desenha um território produzido por desterritorialização em relação à bruxa. Os seus contornos adquirem fronteiras mais espessas em relação aos movimentos

de reterritorialização, fixados nas ações pedagógicas. O descontrole da bruxa leva à produção de um vetor direcionado e focalizado na figura da professora, quando da escolha do livro que conduzirá o projeto.

Ao apresentar o livro para as crianças, devido à capa, elas deram um outro título à obra: *O pirata apaixonado*, fato que a professora atribuiu à apresentação do gênio em formato de coração. A professora realizou a leitura do livro com o grupo de alunos, gerando a busca do significado de várias palavras do texto. Uma destas palavras foi *pasmaceira*.

Após este trabalho, as crianças elaboraram uma carta, que a professora *desenhou*, para ser entregue ao autor em sua visita à escola. Este desenho não capturou as crianças no fluxo da lingüística. Elas transitavam pela oralidade: a palavra, a escrita e o texto eram desenhos. Como as crianças não eram alfabetizadas, elas solicitaram que a professora *desenhasse* a carta, ou seja, qualquer texto era um desenho aberto, despreendido da letra, do fonema, da palavra. Quanto à escrita embrionária que se manifesta no desenho de uma criança até três ou quatro anos: (...) *pode-se falar aqui apenas do índice de uma escritura. Nada é jogado, nada é cristalizado, tudo é ainda possível. Mas, este índice carregado pela máquina escolar, sofre uma mudança radical. O desenho perde a sua plurivocidade. Há uma disjunção entre, por um lado, o desenho — empobrecido, imitativo — e, por outro lado, uma escrita totalmente voltada pela expressão adulta e tiranizada por uma preocupação de conformidade com as normas dominantes*³⁰. As crianças não foram enquadradas na significação da imagem do código-letra. Elas foram tomadas em fluxos que possibilitaram inúmeras produções de sentido. Para cada criança aquele desenho tinha um sentido, uma polifonia, uma zona de abertura.

A carta foi colocada dentro de uma garrafa. A partir dela, foi realizado um estudo sobre os meios de comunicação dos tempos dos piratas até os dias atuais, suas transformações, seus refinamentos e a significação que hoje se dá à pirataria, nos meios de comunicação e na venda de mercadorias.

²⁹ SANTOS, Roberto P. dos & SANTOS, Walmor. *O capitão pirata e o gênio invisível*. Porto Alegre, WS Editor, 1998. s/p.

³⁰ GUATTARI, Félix. *O Inconsciente Maquínico: ensaios de esquizo-análise*. Campinas, Papirus, 1988, p. 157.

As crianças construíram e decoraram um barco que disparou um estudo sobre os diferentes tipos de embarcações. Ao construírem o barco, *elas pediram* para a professora se não era possível fazer um pirata de pano. A professora em uma conversa informal, relatou-me que atribuía esta solicitação à experiência que tiveram com a *Sacola de Brinquedos* que circulava, em suas casas, com o objetivo de cada família produzir, coletivamente, um brinquedo. As famílias confeccionaram várias bonecas de pano.

A professora construiu dois piratas – um preto e outro branco –, com ajuda de seus familiares e amigos. A cor do personagem principal do livro — um menino negro³¹ —, indica a diferença reterritorializada em raça. Este elemento é capturado pela professora e associado a sua observação em várias situações, onde as crianças não *conseguiam trabalhar* com as diferenças. Ocasões em que uma criança branca não dava a mão para outra negra, por exemplo. A professora, aproveitando estas situações, fez várias discussões sobre a questão das diferenças entre as pessoas. Propôs que eles *observassem como cada um, mesmo sendo da mesma cor, têm os olhos, a boca, os cabelos diferentes. Cada um com sua beleza*³².

As crianças, quando viram os piratas, vibraram muito e perguntaram se eles poderiam levá-los para suas casas. A professora expôs todo o trabalho a ser produzido, em reunião com os pais, gerando uma expectativa nas famílias e nas crianças. Segundo ela, seriam visitas de trocas para buscar algumas coisas das famílias em relação ao tema pirata-pirataria e as relações possíveis. A professora afirma que, *através do lúdico, do brinquedo, é possível conhecer os atravessamentos econômicos, sociológicos e filosóficos de cada família*³³.

Na visita do autor à escola, as crianças entregaram a carta e formularam várias perguntas sobre o livro, sendo uma delas: Quais são os setes mares nos quais o pirata navegava? O autor tentou responder, mas não conseguiu lembrar de todos. Este acontecimento, posteriormente, gerou a necessidade do estudo do Globo Terrestre, onde procuraram localizar os mares, além dos continentes e oceanos.

³¹ Os autores receberam, em 1995, o *Certification of Participation with Honor and Excellence, Mail Art Show for a Society Free from Racism*, conferido pela *Bluffton College*, de Ohio, USA, e pela *International Writers and Artists Association*.

³² Conforme relato da professora.

³³ Conforme relato da professora.

O autor contou que quem inventou a história do pirata foi seu filho Roberto, que mora em Tramandaí-RS, uma cidade localizada no litoral, e que ele apenas a transpôs na forma de livro. As crianças deram ao pirata de pano o nome de Roberto. Segundo a professora, foi uma *coincidência* ser o nome do pirata o mesmo do filho de Walmor Santos. Ela me explicou que a turma tem vários nomes preferidos, como: Andressa, Viviane ... e Roberto é um deles.

As crianças estavam elaborando, sob a coordenação da professora, um livro com vários textos que recebeu o título de *Meu primeiro livro*. Houve a participação das mães, através de um texto elaborado por elas na escola, no dia em que comemoraram o Dia das Mães. Um dos textos produzidos foi inspirado após o trabalho realizado com o livro do projeto *Autor Presente*. Neste, elaborado coletivamente e intitulado *O pirata apaixonado*, consta: *O pirata encontrou uma moça muito bonita que usava uma maquiagem muito brilhosa. O pirata convidou a moça para ir num baile à fantasia. A moça pediu para o pirata uma fantasia de Tiazinha para ir ao baile. No baile, os dois dançaram muito, se beijaram e tomaram champanhe. Depois foram para casa dela, tomaram café e após o pirata foi embora, pensando muito na moça. O pirata falou que se divertiu bastante. Amanheceu o dia a moça pediu para casar com o pirata, porque estava grávida. Casaram e nasceu o bebê, uma menina chamada Viviane. Eles viveram felizes para sempre*³⁴.

A presença de personagens como a Tiazinha e de relações estereotipadas, indicam processos de semiotização e subjetivação que, transversalizados com os meios audiovisuais, modelam as crianças aos códigos perceptivos, aos códigos de linguagem, aos modos de relações interpessoais, à autoridade, à hierarquia, à toda tecnologia capitalística. *O imaginário da criança atualmente escapa, por exemplo, ao sistema dos contos de fadas, e mesmo a um certo tipo de devaneio. A educação televisual modela o imaginário, injeta personagens, cenários, fantasmas, atitudes, ideais; ela impõe toda uma micropolítica das relações entre os homens e as mulheres, os adultos e as*

³⁴*Meu primeiro livro*, Porto Alegre, Escola Municipal Infantil Humaitá, 2000, p. 14. A Tiazinha foi uma dançarina mascarada, cuja indumentária e coreografia sado-masoquista, compunha um apelo diário, num programa televisivo veiculado em todas as tardes, para um público adolescente, em canal aberto. Posteriormente, virou uma série infantil que imitava heróis em quadrinhos, mantendo a indumentária e o *sex-appeal*, nos anos de 2000-2001.

*crianças, as raças, etc... Ela ocupa o lugar de um certo tipo de conversa, de leitura, etc*³⁵.

No cartaz de identificação da turma, que ficava colado na porta da sala de aula, eles desenharam um barco e colocaram: *Turma dos piratas do Jardim B*. O pirata é Roberto, um nome próprio que é a perda da apropriação e da propriedade, da permanência e da essencialidade. É uma singularidade. Um nome masculino que impregna meninos e meninas, rompendo com a noção de gênero: *os piratas do Jardim B*. Ele emite átomos de masculinidade que dissolvem o feminino e o masculino das grandes máquinas duais, opondo-se ao plano da educação, que investe nesta dualidade. O devir-pirata não remete ao homem que *é majoritário por excelência, enquanto os devires são minorias*³⁶. Todo o devir é um devir-minoritário. O pirata produz mais devires do homem do que devir-homem.

O Roberto não tinha gancho, mas todos desenharam o pirata com um gancho na mão. Por isso, no ano de 2001, antes do pirata Roberto iniciar sua trajetória nas casas dos alunos, sofreu mutações. Uma das mãos do pirata foi transformada em gancho e, uma de suas pernas recebeu uma prótese de pau. A professora foi contagiada pelas crianças, pelos seus familiares e amigos, que também opinaram e defenderam: *Se o Roberto era um pirata, tinha que ser um verdadeiro pirata, ou seja, com gancho e perna de pau*³⁷, reterritorializando-o em um modelo-pirata.

A professora afirma que, *através do pirata Roberto, vários conteúdos foram trabalhados, como: os intercâmbios, os signos que identificavam as embarcações dos piratas — as bandeiras — indicando de que países vinham, os meios de comunicação, etc. As crianças elaboraram histórias em quadrinhos, cujo personagem principal era o Roberto*.

O pirata também é mutante. Além da intenção e do maior controle sobre as direções e os sentidos que indicam as reterritorializações, o pirata produz algumas linhas de fuga e devires. A geografia do Roberto possibilita desenhar um mapa marcado por três tipos de linhas: 1. as linhas relativamente flexíveis de códigos e de territorialidades entrelaçados; 2. as linhas duras, que operam a organização dual dos segmentos e a sobrecodificação generalizada; 3. as linhas de fuga, definidas por descodificações e desterritorializações. Como os códigos nunca são separáveis dos

³⁵ Cf. GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 53.

³⁶ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 4, p. 87.

³⁷ Conforme relato da professora.

movimentos de descodificação, os territórios dos vetores de desterritorialização que o atravessam e a sobrecodificação e a reterritorialização tampouco vêm depois, estas três espécies de linhas são estreitamente misturadas³⁸.

Um dos devires do pirata foi o de transformar a obra na relação com as crianças, passando de *O capitão pirata e o gênio invisível* a *O pirata apaixonado*. O pirata afeta através de códigos diferentes da escrita, já que os alunos não são alfabetizados. Esta relação produz diferentes modos de percepções e criações que são apreendidas neste devir através de desenhos e não da escrita. As linhas de segmentaridade vergam-se nos conteúdos sobre os diversos meios de comunicação. Novas rupturas são estabelecidas quando as crianças nomeiam-se *Turma dos Piratas do Jardim B*, indicando um devir-pirata que é coletivo, marca de um acontecimento, e que escapa das concepções binárias de sexo e gênero.

A escolha de um corpo para este devir-pirata recai na representação marcada pelo estereótipo do gancho e da perna de pau. Este padrão é enfatizado como verdadeiro e reforçado pela página introdutória dos *Registros de Roberto* que o qualifica como feio, sujo e malvado, opondo-se às pessoas do bem.

O nome Roberto, atribuído ao pirata e justificado pela professora como uma preferência, indica um acaso que cruza com um acontecimento por ela desconsiderado — o nome de um dos autores da obra. As crianças mesclam e misturam autoria e personagem, transpondo-os para o arranjo pirata-boneco de pano.

Assim como a Bruxela possui um diário, o Roberto carrega um caderno de registros em seu baú de tesouros. Nele devem ser escritas *mensagens, sonhos, desejos e/ou histórias de vida*. A forma de indicação destes registros tende a gerar um enquadramento de sentidos, sobrecodificados numa produção de subjetividade identificada pelo conceito de mensagem. Os registros apresentam uma padronização das mensagens que tendem a barrar a transversalização de saberes.

No início do ano de 2001, o grupo de alunos, com o auxílio da professora e da monitora, resolveu confeccionar um mapa. O mapa do pirata Roberto. Este mapa, inicialmente, foi pensado em papel, mas, depois de algumas discussões, ficou combinado que ele seria elaborado em tecido, aproveitando cortinas velhas da escola que foram substituídas por novas. O mapa foi colocado no lugar do cartaz *Turma*

³⁸ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 3, p. 102.

dos Piratas do Jardim B, marcando um outro plano traçado pelo pirata na condição de observador parcial.

(A) *Magias e encantamentos: mutações dos arranjos*

s arranjos Bruxela e Roberto transformam-se em personagens conceituais, sobrevoando e atravessando o pensamento, produzindo conceitos, povoando um plano de imanência. Concebendo a filosofia como *a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos*³⁹, trato-os não como formas, achados ou produtos, mas com a intuição de que é preciso criá-los. *E toda a criação é singular*⁴⁰. O conceito, então, é uma singularidade. Falo de uma filosofia formulada com personagens conceituais que atraem e fragmentam conceitos e planos. É necessário para filosofar: ocasiões, circunstâncias, paisagens e personagens. Convido-os para filosofarem comigo a partir de dois personagens: a Bruxela e o Roberto, em diversas ocasiões, circunstâncias e paisagens. Na sala de aula, na escola, nos jardins, nas praças, nas casas visitadas, na educação, no céu, no mar... O amigo, enquanto potência de criação, realiza movimentos de desterritorialização e de dissenso, deslocamentos para outras filosofias e outros planos. A condição de amigos, da Bruxela e do Roberto, indica possibilidades destes personagens traçarem um plano de pensamento imanente encarnado nos acontecimentos, cujos movimentos finitos delimitam conceitos. *Só os amigos podem estender um plano de imanência como um solo que se esquiva dos ídolos*⁴¹ e da transcendência. Os personagens conceituais operam movimentos, descrevem um plano de imanência, intervindo na própria criação dos conceitos. *Eles nada têm a ver com uma personificação abstrata, um símbolo ou uma alegoria, pois eles vivem, eles insistem*⁴².

³⁹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 10.

⁴⁰ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 15.

⁴¹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 61.

⁴² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 86.

Traçar planos, inventar personagens, criar conceitos é filosofar. A filosofia e a infância possuem traços comuns que resistem à apreensão e ao enquadramento do mundo em representações e referentes. Elas escapam à segmentarização da vida, dada sua potência de criação e de afirmação da diferença. *Ao que tudo indica, ao longo de nossa infância, nós perdemos a capacidade de nos admirarmos com as coisas do mundo. (...) Para as crianças, o mundo – tudo o que há nele – é uma coisa nova; algo que desperta a admiração. Nem todos os adultos vêem a coisa desta forma. A maioria deles vivencia o mundo como uma coisa absolutamente normal. E precisamente neste ponto é que os filósofos constituem uma louvável exceção. Um filósofo nunca é capaz de se habituar com este mundo. Para ele ou para ela o mundo continua a ter algo de incompreensível (...). Os filósofos e as crianças têm, portanto, uma importante característica em comum. Podemos dizer que um filósofo permanece a sua vida toda tão perceptivo e sensível às coisas quanto um bebê. (...) você é uma criança que ainda não se “acostumou” com o mundo? Ou você é uma filósofa capaz de jurar que isto nunca vai lhe acontecer? Se você simplesmente balança a cabeça e não se sente nem como uma criança, nem como uma filósofa, a explicação para isto é que você já se acostumou tanto com o mundo que não consegue mais se surpreender com ele⁴³.*

As crianças, as professoras, as monitoras e as famílias filosofam. *A filosofia passa a ser questão de um devir-filosófico que investe o plano de imanência como campo de experiência radical. Fazer do devir o próprio conceito, o conceito que não temos, o conceito que devemos formar para nós, nomadizando-nos, tornando-nos filósofo e não-filósofo, e mais alguma coisa⁴⁴.* Elas inventaram a Bruxela e o Roberto, criaram e criam conceitos, traçando currículos que se produzem no acontecendo. Currículos que habitam o plano-educação. Educação que possui traços diagramáticos, traços personalísticos, através de seus respectivos personagens conceituais e traços intensivos, quando produzem conceitos.

Na enunciação filosófica, não se faz algo dizendo-o, mas faz-se o movimento pensando-o, por intermédio de um personagem conceitual⁴⁵. Assim, os personagens Bruxela e Roberto são agentes de enunciação e todo enunciado é produto de um

⁴³ GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia*. São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 30.

⁴⁴ ALLIEZ, Eric. *A assinatura do mundo: o que é a filosofia de Deleuze e Guattari?* Rio de Janeiro, Ed.34, 1994, p. 29.

⁴⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?...*, p. 87.

arranjo maquínico, de agentes coletivos de enunciação. Agentes entendidos como multiplicidades. O conceito é criado, os personagens conceituais são inventados e o plano é traçado.

O pensamento não é coisa de especialista, mas um exercício de vida, de experimentação, e a filosofia é a teoria das multiplicidades. *A filosofia é devir e não história. Ela é coexistência de planos, não sucessão de sistemas*⁴⁶. Ela não pára de fazer viver personagens conceituais, de lhes dar vida. *Os personagens proliferam e bifurcam, se chocam, se substituem*⁴⁷. A Bruxela proliferou, bifurcou, abrindo possibilidades para a constituição do Roberto como outra personagem conceitual.

A Bruxela e o Roberto são produtos e produtores de experimentações, e pensar é experimentar. É sempre o que se está fazendo – o novo, o notável, o interessante que, substituem a aparência de verdade. (...) *Foi muito interessante ter recebido a Bruxela em nossa casa, ela foi uma grande companheira para o Y. e mexeu muito com o interesse dele, pois tudo que ele via relacionava a Bruxela*⁴⁸. (...) *Quando F. chegou estávamos todos reunidos na sala conversando como de costume e ele apresentou o seu mais novo amiguinho para todos, foi muito bom porque ele assim como nós estávamos ansiosos para saber como seriam estes dias com o Roberto em nossa companhia*⁴⁹. A filosofia é experimentação, produção de rizomas no pensamento. *A história não é a experimentação, mas o conjunto de condições que tornam possível a experimentação de algo que escapa à história. A experimentação sem história seria incondicionada, indeterminada, mas, a experimentação não é histórica, ela é filosófica. (...) A filosofia eterna e a história da filosofia cedem lugar a um devir-filosófico*⁵⁰. A filosofia não tem como objeto contemplar o eterno, nem refletir a história, mas diagnosticar nossos devires atuais. Atual entendido como o que estamos nos tornando, *o agora de nosso devir*⁵¹.

Os personagens conceituais são devires, não história. Eles não somente designam o conjunto de condições, por mais recentes que sejam, dos quais desviam, derivam para outros devires, mas produzem algo novo: novo currículo, novas formas de

⁴⁶ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 78.

⁴⁷ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 94.

⁴⁸ *Diário da Bruxela*, registro de 23 de agosto de 2000.

⁴⁹ *Registros de Roberto*, em 14 de setembro de 2001.

⁵⁰ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 143-145.

afetar e de serem afetados, novas formas de percepção. A história sempre foi escrita do ponto de vista dos sedentários, inclusive quando se refere aos nômades. É necessário uma nomadologia, o contrário de uma história. Muito mais uma geografia da Bruxela e do Roberto, do que suas histórias, suas memórias.

A filosofia extrai dos acontecimentos um saber que a transforma e a distingue da ciência e, também, da arte. Um saber que não tem pretensão de verdade ou de proposição científica, um saber que substitui os professores ou "*chefes de escolas*" por personagens conceituais. Saberes que compreendem práticas no sentido de Foucault: *saberes locais que não são tomados como senso comum*, visto que, se ligam aos acontecimentos e circulam, escapando do estatuto da verdade. A Bruxela e o Roberto diluem a figura da professora, diluem a própria escola, em seus passeios, produzindo movimentos de revezamento dos conceitos e problemas, constituindo saberes. *A filosofia consiste em saber, e não é a verdade que inspira a filosofia, mas categorias como as do Interessante, do Notável, ou do Importante, que decidem sobre o sucesso ou o fracasso do problema*⁵².

Os personagens Bruxela e Roberto intervêm e expressam conceitos e problemas. Pode acontecer que a professora acredite ter encontrado as soluções para os problemas; entretanto, novos traçados do currículo, que ela não tinha como prever de início, vêm relançar e colocar novos problemas, solicitando conceitos a serem criados. Inversamente, pode acontecer que um novo conceito venha a se colocar como uma espécie de rasgo entre dois conceitos vizinhos, solicitando, por sua vez, um problema que surge como uma espécie de ponte, de desvio do conceito.

Assinalo que, ao considerar a Bruxela e o Roberto como personagens, não estou me referindo a personagens que remetam à representação, que sejam passíveis de interpretação. Os personagens tramam do plano de imanência com os conceitos e interceptam a educação como plano e os conceitos que dizem dos acontecimentos enquanto saberes. Os personagens conceituais não interpretam, mas experimentam. Eles não incorporam um currículo, mas, sim, produzem conceitos, acontecimentos que tramam a existência de currículos. Os personagens Bruxela e Roberto, não são tipos psicossociais, porque estes comportariam estruturas e funções, remetendo a referentes

⁵¹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?...*, p. 145.

⁵² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?...*, p. 107-108.

como formações discursivas de uma proposição científica. Desta forma, os tipos psicossociais buscam a representação de uma realidade, na qualidade de discursos e narrativas históricas. *Os tipos psicossociais são histórias, mas os personagens conceituais são devir. Os tipos psicossociais são históricos, enquanto que os personagens conceituais são os próprios acontecimentos*⁵³.

A Bruxela e o Roberto tornam-se personagens conceituais quando lançam problemas em movimentos que, por revezamento, traçam um plano e produzem os conceitos, sem totalizações, nem determinismos, nem deduções. Eles realizam o movimento do pensamento, tramando a educação e os conceitos. Os traços intensivos dos conceitos, enquanto criações, ocupam regiões do pensamento que se conectam a problemas. Eles não representam a realidade, sendo, por isso, uma apreensão instantânea de uma multiplicidade. Produzem e são produzidos por multiplicidades. As produções destes personagens provocam rupturas, desfazem rigorismos e hierarquizações, abalam condutas prescritivas e geram consistência. As suas consistências são os próprios conceitos, enquanto ordenações por vizinhança, cujos traços intensivos ligam-se a problemas e movimentos infinitos.

Os personagens conceituais resistem ao enquadramento do conhecimento científico. Suas interferências não operam por referentes, deduções, oscilações entre o geral e o específico. Eles constituem vôos em movimentos finitos e infinitos. Movimentos finitos, que formam os conceitos, entendidos como volumes incorporais, que se encarnam nos corpos. Movimentos infinitos que erigem o plano de imanência como plano do pensamento.

Os conceitos têm necessidade de personagens conceituais que efetivem sua definição. A Bruxela, o Roberto são condições de possibilidade do próprio pensamento, condições para o exercício do pensamento. Não é possível conhecer nada se não se tiver criado conceitos num campo, num plano, num solo, numa superfície, que não se confunde com eles, mas que abriga seus germes e os personagens que o cultivam.

Bruxela e Roberto consistem em personagens conceituais quando provocam movimentos no pensamento, gerando problemas e conceitos de currículo, bruxa, bruxaria, pirata, pirataria e tantos outros tramados na educação. Eles remetem a outros modos de existência e a possibilidades de vida a serem inventados. Quando eles povoam o plano do pensamento sem configurar-se em transcendentais, estão conectados às intensidades dos conceitos inseparáveis dos acontecimentos que possibilitam sua

⁵³DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?...*, p. 126

criação. (...) a filosofia deve investir a velocidade infinita do caos para selecionar e extrair os movimentos infinitos do pensamento que recorta, dando, com isto, consistência ao virtual através de conceitos (e cabe ao acontecimento, virtual tornado consistente, animar o conceito com uma vida que lhe seja própria), (...)⁵⁴.

Em seus vôos e travessias, Bruxela e Roberto tramam vários acontecimentos, criam relações e povoam o pensamento com conceitos a eles ligados e neles atravessados. É neste sentido que o pensamento voa, com eles, em vassouras e velas: vassouras e velas do pensamento. Vassouras que varrem uns conceitos, puxam outros; velas que, em seus movimentos, condensam elementos num movimento infinito, cortam superfícies, erigem planos: no céu, no mar, na Terra, na sala de aula, nas casas visitadas, em seus passeios, em suas viagens, na educação. No Diário da Bruxela e em Registros de Roberto é possível detectar esses movimentos que levam a mudanças de planos.

A acolhida da Bruxela nas casas visitadas indica a delimitação de uma fronteira entre os mundos humano e não-humano. A família produz um movimento de desterritorialização da bruxa em um devir-humano: *Não conseguimos falar muito com ela e nem sobre ela, devido sabermos muito pouco sobre bruxas, resolvemos então fazer ela entrar no nosso mundo, e ela com muita facilidade nos acompanhou.*⁵⁵ Nos relatos, a Bruxela produz um estranhamento e um encantamento, uma força que leva a um deslocamento das famílias para um devir não-humano, constituindo trocas que borram as fronteiras. Ela provoca interesse e busca de elementos para a produção de um conceito de bruxa, quando aparece nos registros a promessa de: *prestar mais atenção em tudo o que se relacionar a bruxas*⁵⁶ e a curiosidade afirmada: *não sei praticamente nada sobre bruxas, nunca me interessei a respeito, mas despertou-me uma certa curiosidade sobre o assunto*⁵⁷.

Esses registros apresentam uma disposição para transpor mundos e territórios sem foco em um referente como centro e verdade. Não ocorre separação entre real e irreal. Há uma mudança de estado, sem hierarquia nem classificação entre realidade e fantasia.

A Bruxela é um devir-amiga do filho, visita que dispara inúmeras relações e conexões com os acontecimentos: *Bruxela pode ter certeza que chamais vamos te*

⁵⁴ ALLIEZ, E. *A assinatura do mundo...*, p. 33.

⁵⁵ *Diário da Bruxela*, registro de 07 de setembro de 2000.

⁵⁶ *Diário da Bruxela*, registro de 07 de setembro de 2000.

⁵⁷ *Diário da Bruxela*, registro de 15 de novembro de 2000.

*esquecer, pois você veio na semana que comemora a independência do Brasil, e perto do aniversário do T., datas que juntando com a sua visita será inesquecível*⁵⁸.

Nos movimentos apontados nos registros, a Bruxela indica uma potência de conceito a partir do estranho, do curioso, do interessante. É possível detectar a produção, os avizinhamentos dos conceitos, as pontes, as ligações.

O devir-boneca da Bruxela atualiza as bruxas em brincadeiras. Ela, também, afirma os saberes acerca das bruxas, produzindo o nomadismo do pensamento que transpõe épocas e mundos, redesenha o conceito de bruxa: *A Bruxela ficou o tempo todo na sala sentada no sofá: Antigamente as bruxas eram temidas porque não entendiam seus poderes e feitiçarias por isso as pessoas quando desconfiavam que alguma mulher era bruxa, queimavam-as em fogueiras, mas hoje em dia não é mais assim todos entendem que as bruxas são amigáveis e nos trazem muita sorte*⁵⁹. A Bruxela conecta componentes do conceito de bruxa com o devir do conceito sorte. A sorte constitui-se em um elemento inseparável, ordenado por vizinhança que confere consistência ao conceito bruxa. Este devir do conceito liga a presença da Bruxela ao acontecimento-emprego: *A Bruxela me deu sorte porque nesta semana que ficou em nossa casa, eu consegui um emprego e ficamos muito felizes*⁶⁰. A Bruxela provoca, no pensamento, um mergulho no caos, ordenando os acontecimentos pelo conceito bruxa que relaciona sorte a emprego.

Se a condição de amiga atribuída a Bruxela confere traços simpáticos, produzindo movimentos de atração dos conceitos: bruxa, amiga, sorte, emprego, os movimentos de repulsão tornam esta personagem conceitual antipática, ligando a bruxaria ao mau-olhado, à magia negra, doenças e morte de crianças embruxadas: *Eu conheço bruxa nas história nos filmes, que as bruxas para ficar jovem sempre teriam que beber o sangue das crianças para não envelhecerem nunca (...)*⁶¹.

Este registro lido em aula gerou um verdadeiro pavor nos alunos. A forma de neutralização do personagem conceitual e do rebatimento dos conceitos repulsivos foi o deslocamento do personagem para o plano de referência, quando as monitoras

⁵⁸ *Diário da Bruxela*, registro de 07 de setembro de 2000.

⁵⁹ *Diário da Bruxela*, registro de 20 de novembro de 2000.

⁶⁰ *Diário da Bruxela*, registro de 20 de novembro de 2000.

⁶¹ *Diário da Bruxela*, registro de 07 de novembro de 2000.

acalmaram os alunos, associando estas informações a uma lenda — entendida como ficção — , aproveitando para trabalhar o conceito de sangue na qualidade de observador parcial. As questões lançadas foram: *De que o sangue é feito? Como ele circula no nosso corpo? Os animais têm sangue?*⁶². Apesar deste direcionamento, as crianças desterritorializaram o observador parcial, ao desenharem bonecos e bonecas com aparelho circulatório. O aparelho circulatório humano, representado em um cartaz anatômico exposto pela professora foi agregado como um adereço aos bonecos e bonecas, num plano de composição, desviando do referente científico que reproduz o corpo humano.

A Bruxela levanta problemas não só para as crianças e para a professora, mas também, para as famílias. Ela produz questões associadas às proveniências das bruxas que ora remetem à história, à origem e ao estado das coisas, ora provoca devires. Como personagem conceitual, a Bruxela penetra no mundo celta pelo registro de um pai obtido em 31 de outubro – Dia das Bruxas – em um programa veiculado pela Rede Globo de Televisão⁶³. A veiculação de informações sobre bruxas por conta desta data que foi reterritorializada pela subjetividade capitalística⁶⁴, reproduz uma linha histórica, visando à origem. Entretanto, neste movimento, ocorre uma ativação e circulação de saberes ligados às tradições e a outras concepções de mundo e de espaços-tempos. O bruxo

⁶² Conforme relato da professora.

⁶³ Programa *Video Show*. Rede Globo de Televisão, veiculado em 31 de outubro de 2000.

⁶⁴Cf. GUATTARI, Félix. *Caosmose...*, p. 69. Este autor aponta o Capital, o Significante e o Ser como três referentes capitalísticos: *O Capital esmaga sob sua bota todos os outros modos de valorização. O Significante faz calar as virtualidades infinitas das línguas menores e das expressões parciais. O Ser é como um aprisionamento que nos torna cegos e insensíveis à riqueza e à multivalência dos Universos de valor que, entretanto, proliferam sob nossos olhos*. Estes referentes constituem um tipo de subjetividade, a capitalística, que produz fluxos que atravessam todas as sociedades, independentemente do seu modo de produção. O capital, em sua imanência, intercepta diferentes modos de existência, imprimindo uma lógica baseada no referente, nas noções de identidade e semelhança, na homogeneização, na padronização e no controle. A subjetividade capitalística produz-se através de territórios e de seus movimentos de desterritorialização (rupturas) e reterritorialização (capturas). Os territórios capitalísticos correspondem à referência e ao reconhecimento em um determinado padrão, em uma subjetividade fechada em si mesma, em identidades. Esta subjetividade investe na sujeição pelo controle do signo através da produção de sentidos, de modelos. Estereótipos são produzidos de forma semelhante às linhas de montagem e incorporados nas existências particulares, modelando comportamentos, distribuindo as pessoas em identidades já reconhecidas, padronizando ações pelas representações. Este é um processo de homogeneização onde as diferenças são distribuídas em identidades, idades, sexos, etnias, com comportamentos preestabelecidos e previsíveis. Tal processo consiste em um movimento de captura, de pasteurização, de banalização da subjetividade produzida, caracterizando um determinado território. Para Guattari, representação e identidades são elementos inseparáveis que levam ao fechamento em territórios e implicam num imobilismo porque operam pela equivalência, quando da fixação de um referente que funciona como centro de sobrecodificações. Abandona a representação porque considera os territórios como composições provisórias marcadas pela exterioridade.

entrevistado no programa indica um devir, assinalado pelo pai, onde a característica que define os bruxos consiste na atenção dada aos sinais, como uma outra forma de perceber e conceber o mundo: *É a gente está sempre aprendendo [,] os bruxos prestam atenção nos sinais, preste você também atenção*⁶⁵.

A Noite das Bruxas assinala uma passagem, uma fronteira entre o mundo dos vivos e dos mortos, onde o sentido histórico é rompido, já que é apresentada como uma festa, onde é possível *se livrar das coisas do passado*⁶⁶, mudando de estado. Os bruxos e bruxas são anunciados como mutações: *eles não morrem, eles viram árvores*⁶⁷. O registro deste pai contém a grafia celta com “s”, sinalizando o contato com um mundo povoado pelo desconhecido, que adquire sentido não-histórico provocado pela presença da Bruxela com seus traços existenciais e desdobrado em uma postura genealógica de traçar proveniências, através de uma pesquisa que marca a singularidade do acontecimento. Não se trata de traçar a continuidade histórica, recuando no tempo, mas de marcar os acidentes. O movimento do pensamento deste pai liga o acontecendo, intensidade vivida, às descontinuidades.

A presença da Bruxela desafia o Mal como um transcendente, reterritorializando-se na alegria e na sorte: *As lendas dos antigos diziam que as Bruxas faziam mal eu acho que é pura superstições. Algumas são boas como esta que estive aqui não fez mal algum para ninguém muito pelo contrário como eu falei nos trouxe alegria e muita sorte*⁶⁸. Neste registro, a Bruxela ocupa, simultaneamente, os planos como figura estética e personagem conceitual. O conceito de bruxa vai se delineando a partir das percepções e das sensações para colar-se em estados vividos.

A Bruxela, quando personagem conceitual, cria um movimento do pensamento-nômade, funcionando em aforismo, ou seja, como uma linha que conecta o pensamento ao exterior cujas proveniências começam em outros limites. A cada movimento e visita da Bruxela, o conceito de bruxa é modificado por relações com novos acontecimentos, com novos conceitos. *Um aforismo é um jogo de forças, um estado de forças, sempre exteriores umas às outras*⁶⁹. Além da relação com o exterior, há uma segunda característica que é a relação com o intensivo, com os estados vividos.

⁶⁵ *Diário da Bruxela*, registro de 31 de outubro de 2000.

⁶⁶ *Diário da Bruxela*, registro de 31 de outubro de 2000.

⁶⁷ *Diário da Bruxela*, registro de 31 de outubro de 2000.

⁶⁸ *Diário da Bruxela*, registro de 05 de dezembro de 2000.

O estado vivido é o fluxo e a interceptação de fluxo, já que cada intensidade está, necessariamente, em relação com uma outra de tal modo que alguma coisa passe⁷⁰. Os estados vividos escapam às representações e aos fantasmas, aos códigos da lei, às transcendências. Bruxela recusa e desconfia da interpretação, deslocando o pensamento para o acontecimento, adquirindo traços intensivos: o conceito de bruxa vai se construindo ao longo dos registros.

Um devir mãe-Bruxela constitui-se quando a mãe desterritorializa-se em bruxa, fazendo desta figura uma prática performativa. *A arte da performance tem o mérito de levar ao extremo as implicações de extração de dimensões intensivas, a-temporais, a-espaciais, a-significantes a partir da teia semiótica da cotidianidade. A poesia, a música, as artes plásticas, o cinema, em particular em suas modalidades performáticas ou performativas têm um lugar importante a ocupar, devido à sua contribuição específica, mas também como paradigma de referência de novas práticas sociais e analíticas*⁷¹. Proponho uma distinção entre práticas performativas e práticas performáticas. As práticas performáticas dispõem uma diversidade de componentes em uma série de dimensões temporais, espaciais e significantes na ordem racionalizante do capital, visando melhor desempenho e eficácia. Elas encontram-se ligadas aos movimentos de reterritorialização capitalísticos, ao contrário da potencialidade criativa e da virtualidade das práticas performativas. Uma virtualidade que se atualiza, por contaminação afetiva, em outros devires: devir-criança, devir-filho, devir-filha: *Por todo este tempo me fiz passar pela Bruxela, imitando a sua voz, fingindo que era ela que conversava com os dois. (...) Adorei imaginar que eu era a Bruxela, pois gosto muito de entrar nas fantasias do V. e da J.*⁷².

A idéia de viajar por outros mundos, através da fantasia e da imaginação, provocada pela criação de personagens, também, aparece no *Rolling Play Game* — RPG. Este jogo pode ser direcionado tanto para uma prática performativa — quando fixa representações e interpretações ligadas à fantasia —, quanto para práticas performáticas — ao criar zonas de aberturas, composições, singularidades, através de um nomadismo do pensamento. Nas práticas performativas, os personagens são

⁶⁹ DELEUZE, Gilles. *O pensamento nômade*. In: MARTON, Scarlet. ..., p. 61.

⁷⁰ DELEUZE, Gilles. *O pensamento nômade*. In: MARTON, Scarlet. ..., p. 62-63

⁷¹ GUATTARI, Félix. *Caosmose...*, p. 114-116.

⁷² *Diário da Bruxela*, registro de 20 de dezembro de 2000.

experimentados em devires, deixando de ser interpretações. O RPG virou mania entre os adolescentes. Surgiu na Inglaterra nos anos 70 e ganhou o mundo na década de 80. Em reportagem, um professor de Artes Marciais Orientais afirma que faz uso do jogo para fazer com que seus alunos pesquisem na História e nos livros elementos para a criação de novos personagens e novas regras para o jogo. *É um modo de transpor outros mundos, onde fatos reais e fantasia se misturam*. Segundo o repórter, *o mestre traz mais emoção às aulas*⁷³. Neste jogo, cada jogador cria um personagem fictício único *que vive em sua imaginação e na imaginação de seus amigos*. Uma pessoa no jogo, o *Mestre*, controla os monstros e as pessoas que vivem no *mundo da fantasia*. Os jogadores enfrentam perigos, desafios e exploram os mistérios que seu *Mestre* coloca. *O Livro do Jogador* ensina criar e *interpretar* o personagem, cujos elementos são compostos em uma *ficha do personagem*. Cada jogador deve ter a sua ficha, os vários dados e uma miniatura ou algum objeto que *represente* o personagem no jogo. O signo produz afectos, indicando a mudança de registro e a transposição de mundos de diferentes modos de existência e de expressão. O *Mestre* possui o *Livro do Mestre*, que está repleto de conselhos, idéias, diretrizes e o *Livro dos Monstros*, que descreve centenas de criaturas que irão enfrentar os jogadores. Estes livros apresentam um universo não-humano que remete à “fantasia”, ao contato às experiências com inúmeras criaturas. Os jogadores, algumas vezes, falam como se fossem seus personagens e se reportam aos outros jogadores como se eles fossem os seus personagens: *Este jogo é uma fantasia. A ação de Dungeons & Dragons acontece na imaginação dos jogadores. O mundo indicado por estas regras é um mundo do imaginário*, alerta o *Livro do Jogador*⁷⁴. Na modalidade *Dungeons & Dragons*, o personagem é composto pelos seguintes elementos: Habilidades, Raças, Classes, Perícias, Talentos, Descrição, Equipamentos, Combate, Aventurando-se, Mágicas e Magias. O jogo é habitado pelas seguintes raças: humanos, anões, elfos, gnomos, meio-elfos, meio-orcs, halfilings. As classes são: bárbaro, bardo, clérigo, druida, guerreiro, monge, paladino, ranger, ladino, feiticeiro e mago. Através das descrições apresentadas no *Livro do Jogador*, o personagem é criado, por composição de elementos. Cada personagem é uma singularidade que nasce das misturas destas tipologias. O jogo é realizado sempre no mesmo grupo de pessoas. No

⁷³ Cf. Jornal Hoje, Rede Globo de Televisão, 30 de agosto de 2003.

⁷⁴ Cf. COOK, Monte. PWEET, J. & SKIP, W. *Dungeons & Dragons: Livro do Jogador, Regras Básicas I*, São Paulo, Devir Livraria, 2001, p. 6.

Brasil, já existem grupos com mais de dez anos. Um *Mestre* é escolhido e, geralmente, ocupa esta posição durante vários anos. O *Mestre* é o jogador mais experiente do grupo. É possível a criação de novos personagens e de novas regras para o jogo, indicando uma zona de abertura. Os devires produzidos nessas práticas performativas escapam dos territórios da subjetividade capitalística.

Rupturas com territórios fixados pela subjetividade são produzidas nas relações com a Bruxela. Estas relações embaralham os códigos que configuram os comportamentos do adulto e da criança. A separação entre os mundos do adulto e da criança consiste em uma divisão de fases segundo faixas etárias e de domínios jurídicos, impregnados pela lógica dominante. O bloco de infância é um devir: *o contrário de uma recordação da infância. Ele não é uma criança “antes” do adulto, nem mãe “antes” da criança: ele é a estrita contemporaneidade do adulto, da criança e do adulto, seu mapa de densidades e intensidades comparadas, e todas as variações sobre este mapa. (...) este germe intenso onde não há e não pode existir nem pais nem filhos (representação orgânica)*⁷⁵.

A fronteira entre adulto e criança, implementada com o dispositivo disciplinar no século XIX, encontra-se orientada subjetiva e energeticamente para a produção. As mutações do capitalismo investem em tecnologias e ações cada vez mais sutis e especializadas no território existencial infância. Essas tecnologias visam enquadrar a infância nos padrões de subjetivação dominante, pela representação e adaptação aos valores, significações e comportamentos que têm o capital como matriz. O cerco familiar e escolar é decisivo na produção de subjetividade da criança nesta *entrada na vida*, quando o complexo *escola-caserna* atua com seu conjunto repressivo, mas os processos de criação no *antes da escola* não param de se enriquecerem⁷⁶. As fugas do desejo, das quais as crianças são portadoras, são sistematicamente contidas pelas codificações da família, da escola, da medicina, do esporte, do exército e por todas as regulamentações e leis que são reputadas para reger o comportamento. Apesar da antecipação do ingresso das crianças aos padrões da subjetividade capitalística, por ações de um conjunto de especialistas em educação, psicologia, direito, mídia, etc, observa-se o reforço destes territórios em comportamentos estereotipados, onde,

⁷⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 3, p. 27-28.

⁷⁶ Cf. GUATTARI, Félix. *O Inconsciente Maquínico...*, p. 157-158.

freqüentemente, ocorre a infantilização do adulto e a adultização da criança. A diluição destas fronteiras cria novas relações. A mãe afirma adorar penetrar na fantasia de seus filhos. Entretanto, a fantasia aproxima-se da imaginação, como uma *invenção de personagens conceituais*⁷⁷. Das afecções, ocorre uma passagem para o personagem conceitual, como um *logodrama*⁷⁸ em que o afecto é posto no pensamento, extraindo um conceito de bruxa delineado por histórias, poções, feitiços e magias que se ligam à sorte e à felicidade.

Os traços relacionais dos personagens conceituais vinculam a Bruxela ao Roberto. *Os personagens proliferam e bifurcam, se chocam, se substituem*⁷⁹. Nesta trajetória, o Roberto desterritorializa a Bruxela, substituindo-a, configurando um novo território.

A figura literária do Capitão Pirata no livro *O Capitão pirata e o gênio invisível*⁸⁰ abre possibilidades de o pirata tornar-se um personagem conceitual, quando aponta para invenção de brincadeiras e soluções como um movimento do pensamento: *E aí o Capitão Pirata sorriu e me falou: – Quando você estiver triste e precisar de ajuda, feche os olhos e chame pelo gênio. Surgirá uma voz dentro da sua cabecinha. (...) No princípio, achei que o Capitão Pirata tinha pirado ou me passado a perna. Porém, depois, aprendi a conversar com o gênio. Agora, invento deliciosas brincadeiras (...) também resolvo problemas na escola e até alguns de vídeo game*⁸¹.

O Roberto produz um devir-pirata das crianças nas brincadeiras realizadas na escola. Através das brincadeiras, elas ordenam os elementos que compõem o conceito de pirata. O barco consiste em um destes elementos. Ele é a máquina de navegar que possibilita o devir-pirata transpor outros mundos, delineando o mar como território do pirata.

Os diversos mapas disponíveis na sala de aula conectam-se ao devir-pirata. Eles servem de recurso para transpor o plano do pensamento, constituindo-se em um dos componentes do conceito de pirata, visto que marcam os percursos, as viagens e os deslocamentos. Na brincadeira, os mapas não se caracterizam em referentes. Os seus traçados assumem ordenadas intensivas que se ligam ao devir-pirata das crianças.

⁷⁷ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 101.

⁷⁸ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 89. (Citação de Michel Guérin).

⁷⁹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?* ..., p. 94-95.

⁸⁰ SANTOS, R. & SANTOS, W. *O capitão pirata* ..., s/p.

⁸¹ SANTOS, R. & SANTOS, W. *O capitão pirata*..., s/p.

Qualquer mapa era utilizado para realizar esta passagem. Os mapas da cidade de Porto Alegre, do Parque Farroupilha, o das ruas de Porto Alegre, do Guia Telefônico, não operam coordenadas espaço-temporais, eles servem de desvios, marcando movimentos do pensamento que traçam os contornos dos conceitos.

A experimentação, também, acontece, quando os percursos do Roberto são assinalados no seu mapa de pano. As visitas marcam linhas e devires do pirata. No mapa-superfície, as marcas encontram-se conectadas aos acontecimentos que ligam o Roberto às crianças, às casas, à escola, como movimentos em espaços vividos. A transformação do mapa em representação do lugar que insere a casa e a escola no bairro e na cidade gera o deslocamento do pirata para o plano de referência.

Assim como o mapa, o tesouro e o roubo, também, atuam como componentes que disparam o devir-pirata, num movimento de reterritorialização que se atualiza na equivalência pirata igual a ladrão e no reforço da noção de aquisição de bens e mercadorias. Esta noção de riqueza, medida pela aquisição de bens, é reafirmada nos registros dos pais: (...) *Nós temos o desejo de ter um carro e acho que chegou o momento de arrumar a nossa casa tudo direito [reformatar]. (...) Nosso sonho é que possamos obter muitas coisas. (...) Nós desejamos comprar uma casa bonita, ter dinheiro e ser feliz. (...) comprar um violão. (...) viajar para o Rio de Janeiro e passear no Cristo Redentor*⁸².

A existência de um baú com roupas, na sala de aula, incita a noção de tesouro através de práticas performativas que desterritorializam as roupas em um movimento de reterritorialização codificado em jóias, ouro e muito dinheiro, remetendo ao estereótipo de pirataria.

O devir-pirata ocupa o espaço da escola habitado pelo personagem conceitual, produzindo um estranhamento, sobretudo no olhar, olhar de pirata que percorre o pátio da escola na busca do tesouro. As crianças cavaram o pátio da escola, encontrando objetos tomados como tesouro. Neste movimento, elas estabelecem uma relação com o espaço diferente da usualmente trabalhada nas atividades pedagógicas que se sustentam na representação.

O roubo traça um dos contornos do conceito de pirata reforçado por um modelo literário e por juízos históricos. À este elemento é atribuído um novo sentido na

reconceitualização do pirata pelas crianças, que se atualiza nos piratas contemporâneos, aos quais relacionam pirataria à falsificação de mercadorias e marcas. A partir de notícias da fabricação de CDs piratas veiculadas na mídia, as crianças delineiam os piratas como ladrões, diferenciando: naquela época, roubavam jóias pelo mar, agora, eles roubam, mas não pelo mar. O conceito de pirata se reterritorializa nos movimentos de mercado, onde parte do lucro está ligada à fetichização da mercadoria em que a marca registrada atua como legitimação do original.

O mar é considerado território dos piratas e é tratado pela professora como uma via, *uma maneira de conhecer outros lugares*. O mar, além de ser habitado pelos piratas, configura um mundo de seres e plantas estranhos. Este território age como fronteira que demarca o devir-humano do pirata, quando transposto e fixado em terra. As crianças tornam-se piratas quando ocupam o mar no plano do pensamento e o Roberto adquire um devir-humano quando visita as casas, assinalando sua passagem em terra firme: *Na sexta quando chegou foi apresentado a toda a família. Após a N. foi tomar banho e ele ficou na sala aguardando. Logo após ela foi olhar uma fita de vídeo e ele acompanhou ela. No domingo (...) estava muito frio e poderia ele [Roberto] ficar gripado, não podendo ele visitar a casa das suas outras coleguinhas, atrasando assim sua estada por terra*⁸³.

Os movimentos do pirata são barrados e canalizados pela interceptação da professora que anuncia o pirata Roberto na primeira página de seus *Registros*, assinalando, por oposições, os sonhos e a realidade, o Bem e o Mal, qualificando os piratas como feios, sujos e malvados que fascinam as pessoas de bem. Ocorrem demarcações bem acentuadas de territórios que não se desfazem no decorrer de inúmeros registros. O pirata apenas é significado como um estranho, um visitante, passageiro que pertence a outro território e que encarna o devir-humano quando aporta em terra firme, trazendo alegria e felicidade. A condição de mau é abandonada, o Roberto adquire outros devires que se reterritorializam em elementos religiosos e morais, configurando-se em uma espécie de mensageiro de Deus: *(...) Sabemos que os piratas não têm boa fama, mas acreditamos que o Roberto seja diferente e desejamos*

⁸² *Registros de Roberto*: fragmentos escritos em 05 de novembro, 18 de setembro, 07 de outubro, 16 de outubro e 24 de outubro de 2001.

⁸³ *Registros de Roberto* escrito em 29 de julho de 2001.

*que em nome de Jesus, ele leve aos lares a às famílias por onde passar paz, união e prosperidade para que nunca falte a estas pessoas alimento material e espiritual. (...) Roberto, o nosso pedido é para que minha família continue feliz e unida para sempre. Amém. (...) Nossa mensagem é desejar que todas as famílias sintan-se felizes ao receber o pirata em casa e que a paz e a alegria estejam sempre presente em nossas famílias e a luz Divina ilumine os caminhos de cada um de nós. Amém. (...) Roberto, pedimos que todas as famílias de nossa comunidade encontrem a paz, respeito e fraternidade com muita saúde. O amor de uma família é o bem maior que Deus criou*⁸⁴.

A tríade sonhos, mensagens e histórias de vida reafirma a dicotomia entre realidade e fantasia assinalada em fases infância-fantasia, adulto-realidade. O reforço da dicotomização adulto/infância acontece nos movimentos do pirata Roberto, indicando o abandono do personagem conceitual e a reterritorialização nos códigos da subjetividade capitalística. Às crianças está reservado o mundo da fantasia, uma fantasia sobrecodificada em personagens injetados pela *educação televisual* que modela o imaginário, as atitudes, as idéias, impondo uma micropolítica das relações. Elas reproduzem os padrões, expressando-os nos estereótipos de homem e mulher, na roupa de Tiazinha e nas relações medidas pelo beijo-champanhe-gravidez, que aparecem na história *O Pirata Apaixonado*. Neste movimento, as mensagens e desejos, redigidos nos *Registros de Roberto*, apresentam uma padronização, reproduzindo valores recorrentes em cartões religiosos⁸⁵.

Os registros produzidos pelos pais marcam a transformação do personagem conceitual em personagem de diálogo. O Roberto possui a potência de um personagem

⁸⁴ *Registros de Roberto*: fragmentos escritos em 23 de agosto, 31 de julho, 26 de agosto, 29 de agosto de 20001

⁸⁵ As mensagens são similares às preces comercializadas em cartões religiosos. Para ilustrar, utilizo-me das preces veiculadas pela Editora Irmãs Paulinas: *Oração da Criança n.1: Deus, todo mundo diz que você é bom e gosta muito das crianças. Nós também gostamos muito de você e queremos agradecer pelos nossos pais, avós, professores, colegas e por todas as coisas boas que temos. Sabemos, porém, de muitas coisas ruins que as pessoas falam. Muita gente passando fome, muita gente sem trabalho e sem casa para morar; tem muitas crianças sem escola, abandonadas nas ruas. A gente vê na televisão muita violência, muitos assaltos e muita guerra. Meu Deus, como seria bom se todo mundo se amasse e se respeitasse! Nós, crianças, queremos um mundo melhor onde todos possamos viver como irmãos./ Oração da Criança n.2: Querido Deus, gosto muito de você. Gosto do papai, da mamãe, dos meus irmãos e de todos os meus amigos. Deus, obrigado pelos brinquedos, pela escola, pelas flores, pelos bichinhos, e por todas as coisas bonitas que você fez. Quero que todas as crianças conheçam e gostem de você. Obrigado, Deus, porque você é muito bom./ Minha Oração: JESUS, hoje, eu quero dizer para você duas coisas importantes: Primeiro eu agradeço por minha vida, meus pais, por minha professora e por meus colegas. É muito bom viver, JESUS! Ainda outra coisa, coloque também mais amor no coração dos adultos para ajudar as crianças, a serem mais felizes. OBRIGADO, JESUS!*

conceitual. Entretanto, ele desliza e se reterritorializa em personagem de diálogo, uma vez que não chega a tramar os saberes, remetendo a tipos psicossociais e a representações de tipos que *aparecem freqüentemente instáveis, nos enclaves ou nas margens de uma sociedade: o estrangeiro, o excluído, o migrante, o passante, o autóctone, aquele que retorna a seu país*⁸⁶. Os personagens de diálogo não criam conceitos, eles expõem conceitos. As características dos personagens de diálogo apresentam os seguintes traços: eles são, simultaneamente, heróis literários e pessoas históricas associadas a tipos psicossociais, personificação abstrata e mítica que conformam símbolos e alegorias.

Na justificativa teórica do projeto intitulado *Aventure-se com a Turma dos Piratas*⁸⁷, a professora trama os traços do personagem de diálogo pirata, conformando-o e distinguindo-o, ora como figura estética e personagem fictício de filmes e aventuras, ora como tipo psicossocial que representa uma abstração do marginal em um dado momento histórico: *Quando pensamos em piratas, geralmente imaginamos elegantes aventureiros iguais aos que vemos em filmes. Na verdade, os piratas eram marginais violentos e suas carreiras, normalmente, duravam, apenas alguns anos*⁸⁸. Ao marginal é atribuído um juízo, com forte teor moral, que se associa ao Mal como um transcendente. Os piratas representam a abstração do Mal no plano do pensamento. O pirata passa de uma generalização de um tipo psicossocial, extraído do fenômeno realidade histórica, tornando-se uma representação, uma metáfora extensiva do Mal e da violência.

Ocorre, uma atribuição de um novo sentido ao pirata que se desterritorializa do Mal, reterritorializando-se no Bem. Na passagem, o breve desvio em personagem

⁸⁶ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 90. (Citação de Isaac Josef).

⁸⁷ Consta nesta justificativa: *Desde os tempos remotos, navios cargueiros de vários países viviam sob a ameaça de ataques de ladrões armados, que agiam em alto-mar: "Os Piratas". Quando pensamos em piratas, geralmente imaginamos elegantes aventureiros, iguais aos que vemos em filmes. Na verdade, os piratas eram marginais violentos e suas carreiras, normalmente, duravam apenas alguns anos. Nesse breve período, muitos deles acabavam sendo presos e enforcados por seus crimes, ou assassinados por outros piratas. Havia também os que morriam de doenças, como febre amarela e escorbuto. Mesmo com a fama de feios, sujos e malvados, eles exercem um estranho fascínio sobre as pessoas de bem Talvez pelo jeito perigosamente de viver. Esse fascínio fez com que as crianças da turma do Jardim A, no ano de 2000; atualmente, na turma do Jardim B, após a leitura do livro O Capitão Pirata e o Gênio Invisível, de Roberto Pereira dos Santos e Walmor Santos, do projeto do IEL – Instituto Estadual do Livro – Autor Presente, no qual a escola participou, confeccionassem junto com a professora um pirata de pano, ao qual deram o nome de "Roberto". Nosso pirata Roberto viajará até suas casas, em busca de mensagens, sonhos, desejos. Imaginando, pois, ser um pirata em terra firme, aventure-se, escrevendo no caderno – "Registros de Roberto" -, seus sonhos, seus desejos, e/ou sua história de vida. Este projeto tem por objetivo dar continuidade ao trabalho iniciado no ano de 2000, buscando uma interação – Comunidade X Escola, Escola X Comunidade -, possibilitando a troca de saberes. ORGANIZANDO O PROJETO: O que queremos? Estudar sobre os piratas. Para quê? Para conhecermos sua cultura, traçando paralelos entre o passado e o presente. Como faremos? Consultando: livros, revistas, jornais, mapas; conversando com pessoas que saibam sobre o assunto; assistindo filmes, desenhos; ouvindo músicas; registrando o que descobrimos.* SILVA, Márcia R. *Projeto Aventure-se com a Turma dos Piratas*. Porto Alegre, 2001, policopiado.

⁸⁸ Cf. SPENCE, David. *Piratas!* São Paulo, Ed. Moderna, 1998, p. 4-20.

conceitual gerado pelo Roberto, que como amigo, traça uma possibilidade de filosofar⁸⁹, é capturado pela transmutação em figura religiosa, que reinstaura a transcendência. Roberto-amigo passa à entidade religiosa que propaga o Bem. Neste movimento, o pirata adquire uma personificação mítica, simbolizando a palavra e os efeitos da ação divina. O pirata torna-se alegoria da alegria, da paz, do amor, da união, da felicidade, da prosperidade e da saúde.

Como figura mítico-religiosa, o pirata faz lembrar uma tradição em que as imagens dos santos percorrem as casas da comunidade da paróquia: (...) *Tivemos a surpresa de poder hospedar uma pessoa famosa que andou em diversos mares, assaltou vários navios e castelos em busca de ouro, jóias e hoje vem somente trazer a paz e prosperidade aos nossos lares*⁹⁰.

O pirata passa de personificação mítico-religiosa a um estado jurídico, expiando o Mal e a violência e significando o Bem como um direito das crianças: *Eu como mãe só quero bem para meus filhos e também para todas as crianças do mundo inteiro. Meu outro desejo é que esta violência acabe para termos a tranqüilidade de criarmos nossos filhos*⁹¹. (...) *O sonho do F. é que nós tenham uma casa bem grande e um quarto que ele e os irmãos dele possam brincar, querem ser umas crianças Felizes como as outras e ser uma criança que participe de tudo neste mundo que ela tem direito de toda a criança. F. ti amo*⁹².

O estatuto jurídico ligado aos traços psicossociais que representam um campo social comporta estruturas e funções. Quando assume esta função, o pirata se reterritorializa no projeto institucional da *Secretaria Municipal de Educação — SMED*, chamado, *Ação contra a Violência na Escola* e no calendário mundial do *Ano Internacional contra a Violência*, produzindo atividades pedagógicas de conscientização e de luta política.

Concomitantemente, o pirata desvia do personagem de diálogo, tornando-se personagem conceitual do devir-curriculum num movimento de reterritorialização que

⁸⁹ *Há religião cada vez que há transcendência, Ser vertical, Estado imperial no céu ou sobre a terra, e há Filosofia cada vez que houver imanência (...)*. DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?...*, p. 60.

⁹⁰ *Registros de Roberto*, em 06 de setembro de 2001.

⁹¹ *Registros de Roberto*, em 25 de setembro de 2001.

⁹² *Registros de Roberto*, em 08 de novembro de 2001.

reforça o sujeito da ação e da transformação social pelo conhecimento anunciado no item *Currículo do Regimento Escolar da Escola Municipal Infantil Humaitá*⁹³.

Os registros também apresentam o pirata como alegoria da subjetividade capitalística, equivalendo felicidade à aquisição de bens e mercadorias. O desejo caracteriza-se como falta a ser suprida pelo consumo. O conhecimento é considerado um bem distintivo, sinal de prestígio, entendido como uma via de acesso ao mercado e a uma suposta mobilidade social: *Meu maior sonho como mãe é ver meus filhos crescidos como uma família de bem (...) é pra isso que estou os criando e os dando educação para ser umas pessoas bem de vida*⁹⁴. (...) *Sonho que nós possamos, obter muitas coisas como: ver meus filhos com estudos e formado para o futuro*⁹⁵.

Os regimes jurídicos — da propriedade e do direito — e técnico-científicos — dos diagramas, pesquisas e estudos —, que aproximam a violência do conhecimento, consistem em efeitos das transformações do capitalismo, os quais ocorrem em escala planetária. Este fenômeno, largamente conhecido por globalização e denominado como *Capitalismo Mundial Integrado*⁹⁶ produz uma maneira de viver em que a aceleração das mutações técnico-científicas, envolvendo a informatização do trabalho e do cotidiano, libera a atividade humana em diferentes direções: desemprego, fome, marginalidade, destruição ambiental, criação, pesquisa, reinvenção do cotidiano⁹⁷.

Esses acontecimentos cruzam o plano-capital que se compõe com o plano-educação, apresentando traços diagramáticos em diversos lugares e arranjos. Na

⁹³ A respeito do currículo, em forma de documento sistematizado, consta: *o currículo deve buscar uma proposta político-pedagógica progressista voltada para as classes populares na superação das condições de dominação a que estão submetidas, propiciando uma ação pedagógica, dialética, onde se efetive a construção do conhecimento e a relação entre a aprendizagem e desenvolvimento por toda comunidade escolar, através de uma atitude interdisciplinar, viabilizada de forma: dinâmica, criativa, espontânea, comprometida, autônoma, contextualizada, investigativa, prazerosa, desafiadora, original e lúdica. O planejamento curricular deverá fundamentar-se numa concepção de educação que: pressupõe que o aluno seja sujeito de seu processo de aprendizagem; privilegia, principalmente, o saber que deve ser produzido sem relegar ao segundo plano o saber que o aluno já possui; as atividades do currículo e ensino não devem ser separadas da totalidade social e visam a transformação crítica e coletiva do contexto escolar e, mais especificamente, de sua forma de se organizar; favoreça a ampliação do processo de construção dos conhecimentos, valorizando o acesso aos conhecimentos do mundo físico e social. REGIMENTO DA ESCOLA MUNICIPAL INFANTIL HUMAITÁ, Porto Alegre, 1996, policopiado.*

⁹⁴ Registros de Roberto, em 12 de novembro de 2001.

⁹⁵ Registros de Roberto, em 18 de novembro de 2001.

⁹⁶ Guattari apresenta os instrumentos sobre os quais repousa o *Capitalismo Mundial Integrado* em quatro regimes semióticos: a) as semióticas econômicas (instrumentos monetários, financeiros, contábeis, de decisão...); b) as semióticas jurídicas (título de propriedade, legislação e regulamentações diversas...); c) as semióticas tecnocientíficas (planos, diagramas, programas, estudos, pesquisa...); d) as semióticas de subjetivação, das quais coincidem as que acabam de ser enumeradas mas conviria acrescentar muitas outras, tais como aquelas relativas à arquitetura, ao urbanismo, aos equipamentos coletivos etc. GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, Papirus, 2001, p. 31.

⁹⁷ Cf. GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias...*, p. 11-17.

trajetória da *Escola Municipal Infantil Humaitá*, a violência é concebida e delineada em itens expostos num painel. Neste painel, estava sintetizada a discussão realizada com os alunos e com os pais, sobre a violência, expondo, em itens, o que entendiam por violência e não-violência. O resultado desta discussão, exposto no painel, no final do ano letivo, foi transcrito em um *folder* distribuído na comunidade. Nestes itens, foi possível constatar que a violência estava conectada a problemas e objetivos, em escala mundial, em decorrência da própria mutação do mercado.

Os elementos que compõem a violência e que orientam as ações da educação para neutralizá-la, encontram-se, principalmente, na ordem do direito e da propriedade: *não ter escola, não ter casa, não ter trabalho, não ter carinho, não ter infância (não brincar), não ter saúde, não ter amigos, ser marginalizado e preso, não ter boas condições nos presídios, não ser agredido nas instituições, poluição, uso de drogas*. As ações pedagógicas visam implementar práticas dirigidas à luta social e à recuperação da cidadania.

A educação institui-se como um plano de imanência ocupado pelos conceitos e pelos acontecimentos. Nela, encontram-se tramados os traços diagramáticos e os traços intensivos, conformando territórios e movimentos que desfazem e refazem as consistências dos conceitos. Os traços diagramáticos atravessam a escola, as famílias, a Educação Infantil... Estes arranjos dos conceitos são peças do plano do pensamento, do plano de imanência, ocupando regiões neste horizonte,

Inúmeros registros são produzidos. Os registros dos diários indicam traços de movimentos e vetores de desterritorialização e reterritorialização tramados neste plano. Os registros rompem com os valores do conhecimento, ganham a polivocidade das crianças, dos pais, dos avós, dos irmãos, dos vizinhos, dos amigos e parentes, que interceptam o conhecimento, desterritorializando-o em saberes transmitidos de diferentes formas, com diversas proveniências, cujas descontinuidades se agenciam e se atualizam em conceitos.

A escola, também, produz e é produzida como superfície de registros. Nela, invertem-se vetores e linhas de fuga surgem. Algumas se reterritorializam em proposições científicas, dobrando-se em um currículo que corrobora para a educação no sentido disciplinar e moderno. Outras linhas desviam-se dos valores transcendentais, desestabilizam estatutos e hierarquias, produzindo novas velocidades,

desterritorializações, em que os pais deixam de ser matéria-prima para a formalização do conhecimento e passam a interceptar um devir do currículo. *As cartografias transbordam os territórios existenciais aos quais são ligadas, sucedendo como na pintura ou na literatura, domínios no seio dos quais cada desempenho concreto tem a vocação de evoluir, inovar, inaugurar aberturas prospectivas, sem que seus autores possam se fazer valer de fundamentos teóricos assegurados pela autoridade de um grupo, de uma escola, de um conservatório ou de uma academia...*⁹⁸ A intensidade das transversalizações torna este devir inusitado. Os saberes locais ativados escapam da fundamentação moderna estruturada nos pares opositivos tradição/novo e oralidade/conhecimento. Estes se tornam elementos parciais e constitutivos dos conceitos que se atualizam num movimento inseparável dos acontecimentos, atravessando espaços-tempos, escola, educação, mercado, economia, política, capital.

⁹⁸ GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias...*, p. 22.









Mapa da Turma
dos
Piratas

J.B



Hélio Faria

Seção II

Educação: um plano de bruxas e piratas

O pensamento é criação e não vontade de verdade. Deleuze e Guattari recorrem a Nietzsche para afirmar a filosofia como criação. Criação de conceitos distinta da ciência e da arte. A filosofia é devir e coexistência de planos que marcam movimentos infinitos do pensamento. *O plano é, ao mesmo tempo, o que deve ser pensado e o que não pode ser pensado. Ele seria o não pensado no pensamento.*⁹⁹ O plano de imanência¹⁰⁰ é inseparável dos conceitos. Simultaneamente, ele é traçado como uma imagem do pensamento e cria conceitos. O plano de imanência *não é um conceito, nem o conceito dos conceitos (...) é um movimento infinito ou um movimento do infinito*¹⁰¹, não remetendo à coordenadas espaço-temporais que definem posições de um móvel e os pontos fixos de referência. Portanto, distingue-se do plano de referência traçado pela ciência e o de composição traçado pela arte.

O plano de imanência caracteriza-se por um corte no caos. A filosofia busca dar ao caos *consistência sem nada perder do infinito*¹⁰², diferentemente da ciência que atribui uma limitação à velocidade. Para isso, a filosofia traça o plano, cria conceitos e inventa os personagens conceituais. Os conceitos são regiões do plano, compostos por traços intensivos e irregulares, cujos contornos consistem em movimentos finitos de velocidades infinitas. O caos é um espaço aberto, uma matéria informe à espera de ser

⁹⁹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 78.

¹⁰⁰ Deleuze e Guattari aproximam os diferentes termos: plano de imanência, plano de consistência, planômeno e corpo sem órgãos. Estes nomes designam uma superfície de coisas em movimento. Quando se referem ao plano de imanência afirmam: *É uma mesa, bandeja, uma taça. É um plano de consistência ou, mais exatamente, o plano de imanência dos conceitos, o planômeno.* Cf. *O que é a Filosofia?*..., p. 51. O corpo sem órgãos é o plano de consistência do desejo (ali onde o desejo se define como produção) (...). Cf. *Mil Platôs*..., v. 3, p. 15. O corpo sem órgãos é a superfície de desterritorialização que atravessa a máquina abstrata. Ele não pára de oscilar entre as superfícies que estratificam e o plano que o libera. Cf. *Mil Platôs*..., v. 3, p. 23. O corpo sem órgãos é um ovo: *atravessado por eixos e limiares, latitudes, longitudes, e geodésicas, atravessado por gradientes que marcam as transformações, as passagens e os destinos do que nele se desenvolve. Aqui nada é representativo, tudo é vivido* (...). Cf. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Assírio & Alvin, s/d, p. 20.

¹⁰¹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 51-54.

¹⁰² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 59.

organizada.¹⁰³ Ele não é a desordem, a confusão, mas é a possibilidade de tudo. Neste conceito são ativados componentes gregos que afirmam a imanência. Consta, na mitologia grega, que a sua ordenação não foi providenciada por um deus operando de fora. Ao contrário, os próprios deuses nascem, de alguma maneira, desta matéria (...) *a força que ordenou o caos deixou nas entranhas da Terra uma multiplicidade de poderes geradores, que engendram todas as formas existentes na superfície terrestre*¹⁰⁴. O caos consiste em *um virtual, contendo todas as partículas possíveis e suscitando todas as formas possíveis que surgem para desaparecer logo em seguida, sem consistência, nem referência, nem consequência. É uma velocidade infinita de nascimento e esvanescimento*.¹⁰⁵ Essa velocidade infinita do caos é reencontrada na velocidade que anima a economia do conceito, dando sua dimensão de imanência às proposições filosóficas. Os conceitos e os acontecimentos compõem uma atualização, adquirem consistência, apreendem o movimento e as velocidades infinitas em uma multiplicidade, definindo formas e composições de forças. O caos, ao mesmo tempo, desfaz as composições, uma vez que contém a potência de desterritorialização.

O plano de imanência *toma do caos determinações, com os quais faz seus movimentos infinitos ou seus traços diagramáticos*¹⁰⁶. Supõe-se uma multiplicidade de planos, retendo movimentos que se deixam dobrar juntos. Por isso, o plano de imanência não é apenas folhado, mas, também, esburacado.

Os elementos do plano são os traços diagramáticos que compõem uma máquina abstrata. Esses traços diagramáticos são movimentos do infinito, direções absolutas do pensamento, que percorrem, sem cessar, o plano de imanência. Assim, o plano do pensamento é povoado por conceitos e, conjuntamente, compõe uma máquina abstrata que se encarna nas máquinas concretas, nos arranjos maquínicos.

As máquinas abstratas operam agenciamentos concretos. Seus traços atravessam e compõem os arranjos, bem como conectam as máquinas numa espécie de maquinismo. Estes traços constituem pontas de desterritorialização dos arranjos,

¹⁰³ Nietzsche, Deleuze e Guattari recorrem aos gregos para reverter a binariedade ordem/desordem que o conceito de caos adquire no pensamento moderno ocidental.

¹⁰⁴ Cf. RICCI, Ângelo. *Mitología*. São Paulo, Abril Cultural, 1973, p. 2-3.

¹⁰⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 153.

¹⁰⁶ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 68.

abrindo o *agenciamento territorial para outra coisa, para agenciamentos de outro tipo*¹⁰⁷.

No plano de imanência, cada máquina abstrata pode ser considerada um platô de variação, que coloca em continuidade variáveis de conteúdo e de expressão, delineando os estratos. O estrato é *uma unidade de consistência ou composição que conforma, no próprio plano de consistência, espessamentos, coagulações que se organizam e se desenvolvem segundo eixos de um outro plano*¹⁰⁸. A máquina abstrata é um conjunto consolidado de matérias-funções (*phylum* e diagrama). O *phylum*, matéria-movimento, percorre os diferentes arranjos, conectando-os e desterritorializando-os. O diagrama, expressão-movimento, constitui traços que cruzam os arranjos, compondo uma espécie de unidade deste maquinismo, definindo, ou não, os contornos dos estratos¹⁰⁹. A escola, o exército, a oficina são arranjos que se comunicam na máquina abstrata. Esta *lhes confere uma microsegmentaridade flexível e difusa, de forma que eles todos [arranjos] se parecem. (...) as forças aparecem em “toda relação de um ponto com outro”: um diagrama é um mapa, ou melhor, uma superposição de mapas. E, de um diagrama a outro, novos mapas são traçados*¹¹⁰.

As máquinas abstratas, não param de trabalhar umas nas outras. Elas são desmembradas em três tipos: 1. *máquinas abstratas de consistência*, singulares e mutantes; 2. *máquinas abstratas de estratificação*, que circundam o plano de consistência com outro plano e 3. *máquinas abstratas de sobrecodificação*, que realizam totalizações, homogeneização, conjunções de fechamento¹¹¹.

Os três eixos ou estratos que compõem a máquina abstrata compreendem o organismo, a significação e a subjetivação. O primeiro estabelece a organização dos órgãos; o segundo compreende o significante e o significado passíveis de interpretação e explicação; e, o último, sobrecodifica e sujeita. Estes estratos são inseparáveis, afetando um aos outros. As combinações e as relações entre os estratos de significação e

¹⁰⁷ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 227.

¹⁰⁸ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 231.

¹⁰⁹ O diagrama aproxima-se do dispositivo de Foucault constituindo uma composição de forças que conformam funções e estratégias. Cf. DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo, Brasiliense, 1998.

¹¹⁰ DELEUZE, G. *Foucault...*, p. 50-53.

¹¹¹ Cf. DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 231.

subjetivação produzem um rosto¹¹². O rosto consiste em uma superfície com diferentes traços que estriam uma paisagem. Ele é um mapa e uma sobrecodificação do corpo. A máquina abstrata produz rosto e rostificação, pois o rosto é uma política. Desfazer o rosto implica produzir linhas de fuga, traçar novos planos, ultrapassando os estratos de significação e subjetivação, fazendo do corpo uma paisagem, um mundo desterritorializado.

A educação pode ser considerada um plano de imanência quando é apresentada como um movimento do pensamento, envolvendo o pensado e o não-pensado. Ela compõe uma superfície que, ao mesmo tempo, se estria, se dobra — conformando estratos e instituindo uma máquina abstrata — e se desfaz no caos, se desterritorializa em corpo sem órgãos. Neste movimento, a educação torna-se uma máquina abstrata, configurando uma política, cujos traços diagramáticos penetram e produzem diferentes máquinas concretas. *Os rostos concretos nascem de uma máquina abstrata de rostidade (...)*¹¹³ que atribui ao significante uma significação e à subjetividade uma sobrecodificação. Como máquina abstrata, a educação opera máquinas concretas, arranjos maquínicos como escolas, famílias, ruas, comunidades, equipamentos de saúde, jardins, professores, alunos, funcionários, monitores, creches, praças, meios de comunicação, Secretarias, casas, empresas, fábricas, quadras esportivas, natureza. Entre os seus traços é possível detectar a participação, a cidadania, o sujeito consciente de direitos e deveres, a identidade, a inclusão, o respeito, a alfabetização, a infância, a religião, a competência.

Os traços diagramáticos conectam máquinas sociais, semióticas, políticas, financeiras, educacionais, cibernéticas, econômicas, comunicacionais, administrativas, em um maquinismo que lhes atribui sentido e reterritorializações. Esses traços indicam tensionamentos e intensidades diferentes nos arranjos maquínicos que eles atravessam. Alguns desenham investimentos em escala mundial.

As máquinas concretas encarnam os traços diagramáticos da máquina-educação apontados acima, cujos investimentos, planetário e regional, acionam e ligam o Ministério da Educação — MEC, o Ministério da Justiça, o Ministério Público,

¹¹² Deleuze e Guattari utilizam a imagem muro-branco para o eixo de significação e buraco-negro para o eixo de subjetivação que, cruzados, constituem um rosto. Cf. *Mil Platôs...*, v. 3, p. 31-32.

¹¹³ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 3, p. 33.

Fundação Abrinq, Fundação Roberto Marinho, UNICEF, Igrejas, Secretarias de Estado e Municipais, Organizações Não-Governamentais — ONGs, Conselho Municipal de Educação, Conselho Municipal da Criança e do Adolescente — CMDCA, associações comunitárias, revistas, jornais, redes de televisão, rádios, Conselhos Tutelares, instituições policiais, escolas, universidades, Instituições de Fomento à Pesquisa, Banco Interamericano de Desenvolvimento — BIRD, Banco Nacional de Desenvolvimento — BNDS, Banco do Brasil S/A, empresas públicas e privadas, diferentes áreas do conhecimento... Estas máquinas concretas desterritorializam-se para compor um novo arranjo tramado pela educação. Várias destas máquinas associam-se, por convênios e parcerias formais, desdobrando-se em uma rede de ações micropolíticas que penetram em diferentes planos do cotidiano.

É possível detectar esta rede através das campanhas publicitárias. Uma campanha veiculada no ano de 2003, pela Rede Globo de Televisão e promovida pela Fundação Roberto Marinho¹¹⁴ apresenta projetos e parcerias realizados em diferentes regiões do território brasileiro que torna equivalente a educação a inúmeras iniciativas em diferentes áreas, visando à promoção da cidadania com o *slogan Educação é Tudo*. Se ela é tudo, é uma conjunção dos diferentes traços apontados, associados a qualquer outro: patrimônio, história, memória, cultura, artesanato, meio-ambiente, solução dos problemas do cotidiano, pesquisa. A apresentação desta campanha por atores reconhecidos nacionalmente, procura garantir a sua legitimação. As emissoras de televisão também divulgam, regularmente, práticas educativas em *chamadas* e propagandas como *Cidadão Legal; Parceiros Voluntários; Amigos da Escola; Programa de Alfabetização Solidária; Todos na Escola; Educação no Trânsito; Orçamento Participativo (na Cidade e Escolar*¹¹⁵).

¹¹⁴ Trata-se da campanha publicitária que anuncia os 25 anos da Fundação Roberto Marinho, cujo *slogan* é *Olhar de perto o futuro e compreender que EDUCAÇÃO É TUDO*.

¹¹⁵ O *Orçamento Participativo da Cidade* teve o início de sua implementação na primeira gestão da Administração Popular em Porto Alegre. Este, é constituído por várias etapas, onde são discutidas e definidas as prioridades de cada região da cidade — divididas em micro-regiões — e, quando são eleitos os seus respectivos delegados. A dinâmica de funcionamento prevê a realização de assembleias locais, respeitando um Regimento próprio, construído coletivamente, através da participação dos delegados. Uma comissão é responsável pelo acompanhamento da realização das demandas definidas como prioritárias junto ao Governo Municipal, através da Coordenação das Relações Comunitárias — CRC —, ligada diretamente ao gabinete do Prefeito Municipal. A implementação desta experiência, com a definição e distribuição de recursos financeiros pela comunidade, de forma participativa e democrática, é pioneira no Brasil e referência para outras administrações, inclusive, internacionalmente. As discussões das políticas municipais a serem implementadas, são realizadas em assembleias temáticas, numa das etapas do OP. O *Orçamento Participativo Escolar*, foi implementado pela Secretaria Municipal de Educação — SMED —, sob a legenda de *Orçamento Participativo na Escola Cidadã*, com a finalidade

Essa máquina abstrata estria o plano. O rosto da educação na política municipal de Porto Alegre é a *Escola Cidadã*, promovida pela *Secretaria Municipal de Educação* — SMED. Esta política constitui um desdobramento, na esfera educacional, do projeto de radicalização da democracia proposta pela *Administração Popular* — AP. Tal política prevê a inclusão dos excluídos da escola, viabilizando seu acesso ao conhecimento, assim como a democratização da gestão escolar. Conforme proposta de Governo, a escola caracteriza-se como: *Uma escola democrática, voltada para a formação de sujeitos cidadãos, emancipadora, competente na construção de conhecimentos e que responda aos desafios de nosso tempo*¹¹⁶.

Dois traços são recorrentes nos diferentes âmbitos (federal e municipal): a cidadania e a participação com base nos direitos e deveres universais. Estes traços enfatizam o homem como um sujeito de história e de transformação social através da aquisição de conhecimento. Este conhecimento equivale à consciência e à reflexão crítica. Tais elementos remetem aos juízos de valores e transcendências fundamentados pela dialética hegeliana e pela *práxis* marxista, sustentando o pensamento moderno: (...) *a escola cidadã em sua prática cotidiana possibilitará a formação de sujeitos capazes de tomarem decisões em condições de intervirem e transformarem a realidade do país*¹¹⁷.

Esses traços são concretizados com a produção de um *Documento Referência para a Escola Cidadã* na segunda gestão de governo¹¹⁸, quando da *Constituinte Escolar*¹¹⁹. Para tanto, eles são conectados a traços como identidade e identificação, autonomia, inclusão, respeito, solidariedade, entre outros que deles se desdobram. A identidade pressupõe o reconhecimento do pertencimento dos alunos às classes populares. A ação educativa apontada na concepção de escola cidadã visa a inclusão e

de motivar a autonomia na gestão escolar, caracterizando-o como um processo "essencialmente educativo", onde cada unidade de ensino constrói coletivamente com a comunidade o *Plano Anual da Escola*, vinculado ao *Plano Anual da Educação Municipal*. A "comunidade escolar" seleciona algumas ações, apresentadas sob forma de projeto que irá concorrer ao aporte de recursos financeiros, observando os critérios acordados e divulgados em Regimento próprio.

¹¹⁶ Documento Proposta de Governo da AP em Porto Alegre, policopiado, s/d, p.3.

¹¹⁷ *Ciclos de Formação: Proposta Político-Pedagógica da Escola Cidadã. Cadernos Pedagógicos*. Secretaria Municipal de Educação, Porto Alegre, nº. 9, dez. 1996, p. 37.

¹¹⁸ Primeira gestão: 1989 a 1992; Segunda gestão: 1993 a 1996; Terceira gestão: 1997 a 2000; Quarta gestão: 2001 a 2004.

¹¹⁹ A *Constituinte Escolar* caracterizava-se como um projeto que previa, durante um período de 18 meses, as discussões de conteúdo da escola democrática na RME, através de encontros regionais e do *I Congresso Constituinte da Rede Municipal de Ensino*. O *Congresso Constituinte Escolar* formulou e aprovou os princípios e as diretrizes básicas para a *Escola Cidadã*. Estes princípios organizaram-se em torno de quatro eixos temáticos: gestão da escola, organização curricular, princípios de convivência e avaliação.

permanência dos alunos. A SMED apresenta no documento a seguinte concepção de escola: *que garanta a todos o acesso ao ensino de qualidade que favoreça a permanência do aluno; voltada para o trabalho com as classes populares, uma que estas têm sido, historicamente excluídas dos bens produzidos pela sociedade como um todo; que tenha espaços de formação para os educadores, na perspectiva da construção de sujeitos críticos e de investigação permanente da realidade social, tendo como objetivo a qualificação da ação pedagógica e o resgate de sua cidadania; que busque superar todo o tipo de opressão, discriminação, exploração e obscurantismo de valores éticos de liberdade, respeito à diferença e à pessoa humana, solidariedade e preservação do ambiente natural.*¹²⁰ Esses investimentos indicam a pedagogização em diferentes esferas como uma estratégia política que intensifica a educação enquanto uma máquina abstrata de rostidade. *Os manuais de rosto e de paisagem formam uma pedagogia, severa disciplina, e que inspira as artes assim como estas a inspiram*¹²¹.

Os traços diagramáticos da educação, que caracterizam uma política para o município de Porto Alegre através da *Escola Cidadã*, penetram na Educação Infantil constituindo um organismo. Este organismo combina diagramas de outras máquinas (da saúde, da assistência social) estratificando e atravessando eixos de significação e de sobrecodificação. Com isso, a Educação Infantil emerge e passa a orientar práticas, bem como a regulamentar ações e funções que diferenciam as escolas infantis das escolas do ensino fundamental e médio e das creches tradicionais.

O organismo introduz o eixo de consistência da máquina abstrata. Ele se diferencia do órgão e do corpo sem órgãos, imprimindo uma organização dos órgãos. O organismo é um *estrato sobre o CsO, um fenômeno de acumulação, de sedimentação que impõe formas, funções, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil*¹²². No plano da educação, a Educação Infantil vai se constituindo num organismo. Ela liga educação à infância. Desterritorializa a saúde e a assistência ao definir funções para as escolas que misturam cuidado, guarda, higiene, saúde, alimentação, descanso, orientação sexual, autonomia e identidade. A

¹²⁰ *Ciclos de Formação...*, p. 35.

¹²¹ Deleuze e Guattari demonstram como a arquitetura, a pintura, o cinema e a literatura passam a configurar rostos quando engatadas na máquina abstrata de significação e subjetivação. Cf. *Mil Platôs...*, v. 3, p. 38.

emergência da Educação Infantil é um cruzamento de componentes desterritorializados da saúde, dos jardins, das creches, da educação, da escola e da assistência social.

Os traços da Educação Infantil em Porto Alegre já estão presentes no início do século XX, quando os monitores da *Secretaria Municipal de Saúde e Serviço Social* — SMSSS —, realizavam atividades recreativas para as crianças nas praças da cidade. Na década de 40, foram criados os Jardins de Infância, localizados em praças públicas, para o atendimento de crianças de 4 a 6 anos, em meio turno¹²³. Na década de 60, as Escolas Municipais de I Grau da Rede Municipal de Ensino incorporam turmas de Jardim de Infância, também em meio turno¹²⁴.

No início da década de 80, a SMSSS oferece creches municipais com atendimento integral para crianças de 0 a 6 anos. A Prefeitura, através do *Projeto Casas da Criança*, previa a construção e a compra de equipamentos para 100 creches com atendimento integral para crianças de 0 a 6 anos, repassando a responsabilidade de manutenção e atendimento para as comunidades.

Entre os anos de 1989 e 1990, a Prefeitura inicia o processo de transição da passagem das Creches da SMSSS para a SMED e a conclusão das obras dos prédios das *Casas da Criança*, da gestão anterior. Inicia o funcionamento das Escolas Infantis que pertenciam ao *Projeto Casas da Criança*, quando a Prefeitura assume integralmente a manutenção e o atendimento às crianças. Também são realizadas as reformas nas creches da SMSSS.

Em 1991, o *Programa Municipal de Educação Infantil* — PEI — (Lei n. 6978/91), transfere as nove creches da SMSSS e uma unidade da *Fundação de Educação Social e Comunitária* — FESC — para a administração da SMED e transforma as *Casas da Criança* em Escolas Infantis¹²⁵. Em 1993, devido às reivindicações do movimento organizado das *Creches Comunitárias*, que não recebiam mais recursos da Legião Brasileira de Assistência — LBA, a Prefeitura cria o *Convênio com Creches Comunitárias*, firmando, inicialmente, o convênio com 40 Creches Comunitárias¹²⁶.

¹²² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 3, p. 21.

¹²³ Atualmente, existem 7 Jardins de Infância, localizados em diferentes praças públicas da cidade.

¹²⁴ Hoje, são 17 Escolas de Ensino Fundamental que possuem turmas de Jardim.

¹²⁵ Atualmente, são 33 Escolas Infantis que atendem crianças de 0 a 6 anos, em turno integral, durante 11 meses do ano.

¹²⁶ Hoje, são 100 creches conveniadas.

Com a realização da *Constituinte Escolar* (1994-1995), iniciaram-se as discussões para a *Reestruturação Curricular na Educação Infantil* com subsídios para a elaboração de uma proposta pedagógica neste nível de ensino. Em 1996, foi realizado o *I Seminário de Educação Infantil do Município de Porto Alegre* intitulado *O Direito à Infância*, que marca o primeiro momento de formação conjunta entre as diferentes modalidades de atendimento da Educação Infantil: Escolas Infantis, Creches Conveniadas, Jardins de Infância das Praças, Jardins de Escolas do Ensino Fundamental e Escolas Especiais. Nestes movimentos, percebe-se um investimento na integração entre o poder público e comunidades, buscando a instituição de redes entre diferentes políticas públicas, diversas entidades e instituições que atendem as crianças de 0 a 6 anos¹²⁷.

As proveniências assinaladas indicam deslocamentos e desterritorializações das creches, dos jardins e das praças que, além de vinculados a máquinas administrativas da saúde, significam suas funções em ações recreativas. A passagem do domínio destes territórios para a esfera da educação, apresenta uma composição que confere consistência à Educação Infantil, atribuindo novos significados e funções às suas atividades. As máquinas concretas *Casas das Crianças* transformam-se em *escolas*. As suas ações desterritorializam-se, assumindo um caráter educativo e pedagógico.

Neste breve histórico, é possível demonstrar que tais experiências combinam os traços diagramáticos da máquina-educação, operando um maquinismo que conecta as diferentes máquinas concretas administrativas, semióticas, jurídicas, sociais e filantrópicas. Este maquinismo possibilita o surgimento da Educação Infantil no município de Porto Alegre, definindo seus limites e funções e desenhando-a como um organismo. A Educação Infantil estratifica e ordena políticas de diferentes instituições, tramando máquinas e, assim, adquirindo consistência. A sua emergência ocorre no meio, *entre* duas máquinas, saúde e educação, cruzando os traços diagramáticos cuidar e educar. Inicialmente, a Educação Infantil institui um território na educação e, com a produção da proposta pedagógica, passa a configurar um organismo, um estrato da máquina abstrata educação. Segundo a *Proposta Pedagógica da Educação Infantil*, este nível de educação *possui uma concepção de infância e educação emancipatórias*, entendendo que: *cada ação na educação infantil é, intrinsecamente, cuidado e*

¹²⁷ Cf. *Proposta Pedagógica da Educação Infantil. Cadernos Pedagógicos*. Secretaria Municipal de Educação, Porto

*educação. Na medida em que a alimentação, a higiene, o sono, fazem parte de toda uma vivência cultural própria de um determinado povo ou grupo social, toda a integração com as crianças e as famílias sobre estas questões estará desenvolvendo aprendizagens, construção de significados, novos conhecimentos*¹²⁸.

A desterritorialização da educação antecipa a escolarização para faixas etárias anteriores a 7 anos. A escolarização torna-se cada vez mais precoce com a implementação das escolas infantis. A Educação Infantil, responsável por este processo, procura organizar e direcionar o conhecimento, produzindo um diagrama que compõe os *contextos educativos*. A proposta curricular da Educação Infantil tem como *fonte* os campos do conhecimento que são: *os elementos fundamentais para orientar a ação educativa nas instituições de educação infantil, ou seja: elementos que na sua articulação embasam a construção de uma pedagogia da infância*¹²⁹.

Conforme a *Proposta Pedagógica*, os campos do conhecimento abrangem os referenciais teóricos-práticos que contextualizam a realidade das crianças, fundamentam as práticas educativas, compreendem o processo de desenvolvimento e aprendizagem infantil, caracterizam os *contextos educativos*, explicam as áreas de conhecimento e organizam a ação educativa. Os *contextos educativos* compreendem: 1. *Identidade: Gênero, Etnia e Religiosidade na Trama das Diferenças*: a identidade é entendida como um processo que se constrói essencialmente nas relações entre o sujeito e o outro, onde as questões de gênero, etnia, religiosidade, entre outras discriminações, são fundamentais para a compreensão de como se produzem as identidades de crianças e de adultos que se fazem/refazem na rede de conflitos e contradições que estão articuladas numa sociedade de classes e que é nas instituições sociais como a família, a creche, a escola, o trabalho e outras, onde aprendemos a ser homem ou mulher; 2. *Proteção, Afeto e Aconchego*: a instituição de educação infantil é um espaço de relações afetivas, onde as vivências coletivas e individuais são garantidas no cotidiano. Neste contexto, o educador assume o papel de agente socializador e de apoio afetivo e emocional que planeja, organiza e participa de um espaço favorável à ação, à experimentação e ao intercâmbio das crianças, encorajando-as a tornarem-se progressivamente autônomas e capazes de resolver seus conflitos de forma independente e segura; 3. *Brincadeiras e*

Alegre, nº 15, abril, 1999, p. 9-10.

¹²⁸ *Proposta Pedagógica da Educação Infantil...*, p. 17.

¹²⁹ *Proposta Pedagógica da Educação Infantil...*, p. 18.

Jogos: o brincar e o jogar são formas básicas da infância, bem como fontes de felicidade e prazer e o que diferencia o brincar e o jogar em casa ou na rua do brincar e jogar nas instituições de educação infantil é a intencionalidade; 4. *Imaginação e Fantasia*: através da imaginação e a fantasia, a criança tem possibilidade de vivenciar desafios, instigando sua curiosidade, criatividade e capacidade de invenção. É importante entender e incentivar a capacidade criadora das crianças, pois ela constitui uma das formas como a criança se relaciona e recria o mundo, numa perspectiva da lógica infantil. Estimular a imaginação e a fantasia é ir além da ação educativa, é compreender que todos têm o direito de sonhar, imaginar, fantasiar e buscar um mundo melhor, não para o futuro, mas para o presente; 5. *Sexualidade*: o trabalho a ser realizado pelas instituições de educação infantil deve encaminhar para uma intervenção no sentido de modificar posturas, desmitificar tabus e reformular conhecimentos e valores trazidos pelas crianças e adultos que interagem neste espaço, ou seja, um trabalho de *Orientação Sexual*; 6. *Socialização*: a instituição de educação infantil, juntamente com as famílias, auxiliam a criança em seu processo de desenvolvimento social, moral e ético. É um espaço fundamental para a construção de novos conhecimentos, a interação com os outros, a realização de experiências, a elaboração de hipóteses, a busca de respostas, bem como o desenvolvimento da cooperação; 7. *Saúde, Higiene e Alimentação*: os momentos de alimentação, higiene e descanso podem ser organizados de forma a proporcionar o desenvolvimento da cooperação e autonomia do grupo, bem como a construção de sua identidade como grupo. A cozinha assume um papel educativo e o educador como orientador e referência para a criança¹³⁰.

A reestruturação curricular da Educação Infantil deve considerar: *a realidade do contexto-cultural das crianças e suas famílias e propor que o coletivo de cada instituição pesquise estas realidades com a finalidade de conhecer, interagir e construir novos significados, a partir do diálogo entre diferentes saberes*¹³¹. Os campos de conhecimento erigidos pela Educação Infantil cruzam os três eixos da máquina abstrata educação, transmutando o organismo em estratos de significação e subjetivação, na medida em que abrangem, contextualizam, compreendem, explicam, e organizam as práticas educacionais.

¹³⁰ Cf. *Proposta Pedagógica da Educação Infantil...*, p. 20-32.

¹³¹ *Proposta Pedagógica da Educação Infantil...*, p. 19.

Os sete *contextos educativos* apresentados delimitam o estrato de significação ao definir e qualificar os territórios, lançando os balizadores para a interpretação e explicação da infância. Simultaneamente, prescrevem e enquadram ações e condutas, constituindo um modo de subjetivação equivalente ao universo infantil. Esses *contextos* abordam os assuntos da vida cotidiana das crianças e suas especificidades, caracterizando elementos da *lógica infantil*, possibilitando a compreensão das questões que envolvem a vivência da infância no contexto atual e a implementação na prática dos direitos das crianças apontados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente — ECA¹³².

Os *contextos educativos* possibilitam mapear as proveniências e os movimentos de desterritorialização e reterritorialização que ordenam as ações educativas, significam e conformam a Educação Infantil em um estrato de subjetivação. Estes *contextos* envolvem temas que *fazem parte da construção da subjetividade das crianças, educadoras e famílias e sua compreensão varia de acordo com as diferenças sócio-culturais, exigindo um processo de auto-reflexão das educadoras em um diálogo contínuo com as crianças e suas famílias*¹³³.

A Educação Infantil perpassa os eixos e/ou estratos que compõem os três tipos de máquinas abstratas. Quando a Educação Infantil desterritorializa os traços de cuidado, higiene e alimentação que conformam a máquina-saúde; resgata a imaginação, os brinquedos e os jogos pertinentes à infância; captura o conhecimento, a interação e a construção de significados da máquina-educação e, reconhece os direitos da máquina-jurídica, delimita o estrato de significação, circundando outros planos, adquirindo sedimentação e consistência.

Ao extrair traços de outras máquinas, a Educação Infantil estria o plano-educação, organizando, significando e sobrecodificando a infância. Os códigos que conformam a infância como uma transcendência, delimitam estratos de significação e subjetivação. Eles atribuem uma interpretação às ações, às atividades, definindo seus limites, seus intervalos em faixas etárias, em hierarquias, em condutas apropriadas, em interpretações explicativas destas condutas e práticas.

¹³² Cf. *Proposta Pedagógica da Educação Infantil...*, p. 19.

A configuração da infância em comportamentos, posturas e condutas específicas impõe um repertório, uma subjetivação. Os eixos de significação e de sobrecodificação tornam-se inseparáveis. Atualmente, a subjetivação da infância busca controlar as crianças, com laços quase invisíveis, que as prendem, mais eficientemente, ao modo de produção capitalista. Uma série de dispositivos trabalha na produção destes laços que constituem a textura das relações de produções.

Nesse processo de subjetivação, os fluxos de saber, fluxos semióticos, entre tantos, reproduzem atitudes coletivas, comportamentos de submissão às hierarquias. A escola e a família modelam e adaptam as crianças às relações de poder e as funções dos protagonistas tornam-se intercambiáveis. *Espera-se do professor primário que ele desempenhe uma função parental, enquanto que os pais são convidados a serem bons “pais de alunos” ou professores em casa*¹³⁴. Os adultos atuam como enquadreadores, canalizadores de um trabalho de semiotização que passa, cada vez mais, pela televisão, pelo cinema, pelos CDs, pelos vídeos, pelas histórias em quadrinhos, etc., chegando a uma espécie de *intoxicação semiótica generalizada*. Muitas vezes, as possibilidades de ruptura são barradas por reedições de concepções e territórios já existentes. Quando as territorialidades — corpo, família, espaço doméstico, relações de vizinhança, faixa etária — são ameaçadas pelas desterritorializações, estas mesmas territorialidades são recriadas, não mais em sua forma “original”, levando à produção de modas nostálgicas diante da aceleração da história.

Neste sentido, Corazza, em *História da Infância Sem Fim*, produz uma genealogia do dispositivo da infantilidade, assinalando como a infância se encontra na história da infantilidade. Marca que a infância, em *condições sociais pós-modernas* tende a desaparecer como valor específico e como etapa singular: *Teria entrado em eclipse uma idéia que teve uma caracterização precisa e uma identidade histórica particular*. Os elementos daquela infância do passado desapareceram. Hoje, há uma espécie de *racionalização precoce* realizada, principalmente, pela imagem. Ocorre uma tecnologização da criança, ou seja, a produção de uma criança-tecnológica. (...) *estariamos implicadas/os, não somente no fim da infância, como em outros “fins”, a este articulados: da adulez, da Pedagogia, da Escola, de todas as práticas discursivas*

¹³³ *Proposta Pedagógica da Educação Infantil...*, p. 19.

¹³⁴ GUATTARI, Félix. *A Revolução Molecular...*, p. 65.

e não discursivas em que são exercidos processos educativos pelas/os adultas/os sobre as crianças e todos os infantes¹³⁵. O dispositivo de infantilidade se fortalece, impondo limites no movimento de esvanescimento e fortalecimento da infância a ser resgatada, defendida e perpetuamente produzida.

Nas sociedades industriais desenvolvidas, a organização de faixas etárias parece ter desaparecido: é como se fosse desde a fase *infans* que começasse o processo de iniciação. Uma iniciação ao sistema de representação e aos valores do capitalismo, que não está mais circunscrita a um período preciso, não mais se efetua segundo um cerimonial particular. A iniciação se dá em tempo integral, mobilizando as famílias e os educadores, perpassando não só as pessoas, mas os meios audiovisuais que modelam as crianças aos códigos.

Alguns traços de reafirmação e resgate da infância apresentam-se em várias campanhas publicitárias de “cunho educativo” com fundamentos jurídicos que condenam os maus tratos às crianças e a exploração do trabalho infantil na esfera doméstica. Estes investimentos reafirmam a delimitação e a representação da infância nas práticas de brincar, jogar, imaginar, inventar, sonhar que coincidem com as prescrições dos sete *contextos educativos* pertinentes à Educação Infantil.

No ano de 2003, a Rede Brasil Sul de Comunicações — RBS —, inicia uma campanha contra a violência praticada junto às crianças¹³⁶. Esta campanha é divulgada em vários veículos. Nos jornais consta a seguinte manchete: *Nenhuma criança será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Não respeitar esta lei é uma monstruosidade*. O texto, em destaque¹³⁷, descreve algumas circunstâncias que significam a violência contra a criança e que prescrevem condutas para seus responsáveis. Este informe publicitário vem acompanhado do desenho dos personagens da campanha. Eles são assinalados como monstros.

¹³⁵ Cf. CORAZZA, Sandra, M. *História da Infância Sem Fim*. Ijuí, Editora Ijuí, 2000. p. 201-206.

¹³⁶ Trata-se da campanha intitulada: *O amor é a melhor herança, cuide das crianças*.

¹³⁷ *Muitas crianças sofrem violência doméstica. Não é fácil admitir isso. Mas é verdade. Crianças e adolescentes são espancados em casa. São violentados em seus próprios quartos e torturados por familiares (ou você acha que não é tortura um pai queimar o filho com cigarro?). A RBS está promovendo uma campanha contra a violência em crianças e adolescentes. Todos nós precisamos cuidar de quem não pode se cuidar sozinho. Todos nós temos que transformar o País em uma terra de crianças e jovens no mínimo dignos. E, se possível, felizes*. Zero Hora, Porto Alegre, 11 jun. 2003, p. 18.

Na televisão, a propaganda é apresentada em forma de desenho animado, cujo *jingle*¹³⁸ caracteriza os personagens como monstros, que protegem suas espécies como o diabo, o bicho-papão, a mula-sem-cabeça, a bruxa e o boi da cara preta, apontando um duplo sentido: capturar elementos da fantasia e da imaginação infantil e indicar que a violência consiste em um traço não-humano. Assim, a campanha direciona o resgate da infância como o resgate da condição da espécie humana, já que cada monstro respeita e protege as suas respectivas crias.

Após algumas semanas de veiculação, a letra do *jingle* é reproduzida nos jornais, apresentando a seguinte justificativa: *O jingle da campanha da RBS 'O amor é a melhor herança, cuide das crianças', já virou sucesso entre o público infantil. Decore a letra para acompanhar o Diabo, o Bicho-Papão, a Bruxa Malvada, a Mula-Sem-Cabeça e o Boi da Cara Preta.* A letra do *jingle* encontra-se com indicação para o recorte. Nos jornais, a seqüência da campanha contém a reprodução semanal de cada monstro, em forma de *pôster*, cujo verso apresenta o texto do ECA. Na televisão, ocorre um desdobramento do desenho animado inicial, apresentando as mensagens de cada personagem e de sua respectiva cria. Na propaganda da *Bruxa Malvada*, ela aparece cuidando de sua cria, uma bruxinha, cujo texto é o seguinte: *Tem muita mãe por aí que não cuida de seus filhinhos, não educa, não matricula no colégio, não alimenta direito, não dá banho, não ama. Eu tenho um recado para este tipo de mãe. Deixa que eu seja a bruxa, deixa que eu seja má. Seja boa! Senão eu serei obrigada a ter que... urgh! Virar uma fada!* O texto é simultâneo com o desenho animado, onde a bruxa está dando banho na bruxinha e, quando ela se transmuta de fada para bruxa novamente, a bruxinha abraça sua mãe-bruxa e afirma: *A mamãe é linda!* As prescrições para a conduta das mães-humanas estão presentes entre os traços da educação que atravessam os *contextos educativos* da Educação Infantil: cuidado, educação, saúde, alimentação, higiene, afeto, proteção e aconchego.

¹³⁸ *Maltratar as criancinhas/ é coisa que não se faz/ mesmo sendo o Diabo/ disto nem eu sou capaz/ Malvadeza com criancinhas?/ Na nã na na na não não não/ não não/ Isso só pode ser coisa / do tal do Bicho-Papão/ Peraí, vai devagar./ Cuido bem dos meus/ papõezinhos/ Criança maltratada/ É coisa da bruxa malvada/ Que calúnia, minhas bruxinhas/ trato bem/ É assim, nunca se esqueça!!!/ Isso só pode ser coisa/ da Mula-Sem-Cabeça/ Que mentira deslavada!/ Minhas mulinhas-sem-cabeça/ Sempre foram bem tratadas!/ Ai de quem se intrometa!/ Quem assusta as criancinhas/ é o boi da Cara Preta!/ Não admito que falem/ Que eu maltrato meus boizinhos/ Eu sempre dei a eles/*

O lúdico, a educação e a escola como direitos das crianças são enfatizados em outras propagandas que condenam a exploração do trabalho infantil doméstico. Em uma delas, a imagem de uma menina brincando de casinha com uma pequena boneca, que reproduz toda a rotina dos afazeres domésticos, distribuídos em horários, contrasta com um texto que recrimina a utilização desta modalidade de trabalho¹³⁹. Noutra, a mensagem focaliza que: *Trabalho de empregada doméstica é coisa de gente grande. Criança precisa de Educação, não de patrão*¹⁴⁰.

Deste modo, os traços diagramáticos *cuidar* e *educar* que compõem os estratos de significação e subjetivação na educação atravessam, também, as máquinas comunicacionais e as máquinas sociais.

Na experiência da Educação Infantil em Porto Alegre, a busca de um resgate da infância faz-se presente quando visa *uma ação interdisciplinar que vai além da Psicologia e da Pedagogia*¹⁴¹ e um currículo *centrado no caráter lúdico da aprendizagem e na qualificação das interações possíveis das crianças com os adultos e com o mundo, através do resgate da imaginação, do brinquedo, dos desafios cotidianos, das diferentes formas de expressão, linguagem e de muitos outros aspectos relevantes envolvidos nestas relações*¹⁴².

Os traços diagramáticos da máquina-educação nos sete *contextos educativos* aparecem em determinações do *Regimento Escolar da Escola Municipal Infantil Humaitá*, demarcando a posição desta máquina-escola na política da *Escola Cidadã*, organizando as ações, conectando os arranjos maquínicos, direcionando seus movimentos. Segundo o documento, a finalidade da escola é instituir um *espaço democrático que deve promover uma autêntica participação do aluno, na construção do conhecimento, formando indivíduos livres, conscientes, responsáveis e participantes na sociedade*¹⁴³. Nesta perspectiva, os arranjos maquínicos são orientados e associados, destacando-se o papel do professor, o qual *é colocar-se junto ao aluno*,

Muito amor, muito carinho/ Não seja um monstro!/ Por isso, vamos cantar/ O amor é a melhor herança!/ Cuide bem da criança! Zero Hora, Porto Alegre, 16 jun. 2003, p. 3.

¹³⁹ A referida propaganda apresenta o seguinte texto: Sete horas, preparar o café/ oito horas, arrumar as camas/ onze horas, limpar o banheiro/ três da tarde, passar roupas/ seis horas, preparar o jantar/ dez anos: é hora de criança brincar/ Lugar de criança é na escola e não trabalhando dentro de casa. Veiculada pelo Sistema Brasileiro de Televisão — SBT —, durante o ano de 2003, assinada pela Fundação Abrinq (entre outras instituições).

¹⁴⁰ A propaganda utiliza a imagem de uma menina lavando louças, veiculada pela Televisão Educativa do Rio Grande do Sul – TVE-RS –, durante o ano de 2003.

¹⁴¹ *Proposta Pedagógica da Educação Infantil...*, p. 17.

¹⁴² *Proposta Pedagógica da Educação Infantil...*, p. 18.

¹⁴³ *Regimento Escolar da Escola Municipal Infantil Humaitá*, Porto Alegre, 1996, policopiado.

*problematizando o mundo real e imaginário, contribuindo para que se possa compreendê-lo e reinventá-lo, crescendo e aprendendo junto com o aluno, tentando vivenciar, juntamente com ele, seus conflitos, invenções, curiosidades e desejos, respeitando-o como um ser que pensa diferente e sua individualidade*¹⁴⁴. Assim, conforma-se um planejamento curricular que pressupõe: um aluno sujeito de aprendizagem e de transformação crítica e a ampliação da construção do conhecimento, valorizando o mundo físico e social.

Alguns dos sete *contextos educativos*, que canalizam as ações e as práticas em *princípios pedagógicos de reestruturação curricular*¹⁴⁵, geram possibilidades de rasgos e linhas de fuga nos arranjos maquínicos. A máquina-educação tanto pode consistir uma totalização reificante das multiplicidades, como pode abrir a possibilidade de desterritorializar as estratificações, fazendo jorrar as linhas de fuga que a atravessam por todas as partes.¹⁴⁶ Os arranjos maquínicos que fazem estratos, povoando as máquinas abstratas de consistência, podem constituir os pontos de singularização. Neste movimento de desterritorialização da construção do conhecimento e da inter-relação entre os diferentes saberes, a Bruxela e o Roberto surgem como arranjos que, linhas de fuga, geram desvios do currículo num movimento do *currículo-nômade*. A Bruxela e o Roberto são percorridos pelos traços gênero, religiosidade, proteção, brincadeiras e jogos, imaginação e fantasia, socialização e etnia. Este último traço é uma

¹⁴⁴ *Regimento Escolar da Escola Municipal Infantil Humaitá*, Porto Alegre, 1996, policopiado.

¹⁴⁵ A organização do ensino no movimento de *Reestruturação Curricular na Educação Infantil* deve considerar os seguintes princípios: 1. o planejamento deve estar permeado pela concepção da criança como sujeito de direitos que está inserido num grupo social e pelo respeito às características dos diferentes grupos etários e a interação entre os mesmos; 2. a organização do planejamento participativo deve ocorrer nas diferentes instâncias, oportunizando espaços de troca e discussão entre educadores, pais, direção, crianças, funcionários e comunidade; 3. a necessidade de conhecer a realidade sócio-econômico cultural das crianças e de sua comunidade e tomar como objetivo central do trabalho, visando uma transformação na vivência da cidadania; 4. a realização de atividades de ensino-aprendizagem que proporcionem a descoberta, a criatividade, a produção e a construção de conhecimento pelas crianças e educadores enquanto autores deste processo, gerando registros públicos que possam ser socializados com outros grupos; 5. o registro da história de cada grupo e do coletivo, refletindo e replanejando o seu fazer, buscando suporte teórico para o seu trabalho num processo de formação permanente; 6. a inter-relação dos campos de conhecimento para compreender e interrogar a realidade, viabilizando uma leitura de mundo mais crítica e consciente, a partir de situações significativas para o coletivo da instituição; 7. a articulação de várias abordagens da temática, promovendo vivências e situações concretas, desencadeando estudos, análises, reflexões, conclusões, avaliações e registros. Cf. *Proposta Pedagógica da Educação Infantil...*, p. 49-50.

¹⁴⁶ Guattari coloca que a desterritorialização não é assimilável a uma causalidade necessária, ela pode se vetorizar em direção de uma estratificação ou em direção de uma "possibilização" aberta. Cf. *O Inconsciente Maquínico...*, p. 163.

característica do pirata, quando a professora o duplica em cores-raça¹⁴⁷ (branco e preto). Os demais traços percorrem os dois arranjos maquínicos em questão. A Bruxela e o Roberto incorporam os traços dos *contextos educativos*, produzindo desterritorializações e reterritorializações em conceitos.

Os registros, *Diário da Bruxela* e *Registros de Roberto*, comportam um *plylum* maquínico que conecta os arranjos maquínicos, atendendo a função de estruturação do currículo através da pesquisa sócio-antropológica e do conhecimento das realidades das crianças. A pesquisa sócio-antropológica caracteriza-se por um traço diagramático da máquina-educação, apontada entre os sete *contextos educativos* como um dos instrumentos de organização do currículo na Educação Infantil. No Maternal I da *Escola Municipal Infantil Humaitá*, esta pesquisa foi substituída pelo *Diário da Bruxela* que cumpriu com esta finalidade, reterritorializando-se no programa curricular e no conhecimento.

No domínio da Educação Infantil, a aplicação de estratégias pedagógicas como a utilização de bonecos — hoje, tão presentes no fazer das escolas infantis — limita-se como instrumento de aprendizagem e de ampliação do trabalho pedagógico, visando a produção de noções como solidariedade, incentivo à responsabilidade, estímulo à curiosidade, à criatividade, à imaginação, possibilitando *o prazer pelo faz-de-conta, a fim de desmitificar medos e sentimentos negativos frente aos personagens de histórias infantis e situações vivenciadas no dia-a-dia*.¹⁴⁸ A normalização destes *seres imaginários* e a normatização da rotina e do tempo são efetuados através do lúdico, do prazeroso e da dicotomização real/imaginário.

Entretanto, os registros da Bruxela e do Roberto, também, provocaram possibilidades de criação, produzindo pontas de desterritorialização e rasgos no plano-educação, já que, muitas vezes, geraram o inusitado, escapando do controle, do conhecimento e do referente científico. Eles provocaram o nomadismo do currículo.

A Bruxela e o Roberto ativam um conjunto de práticas instituindo um corpo sem órgãos, uma superfície lisa constituída pelos movimentos de desterritorialização no plano-educação. Os estratos desta máquina diagramática são dissolvidos através da

¹⁴⁷ As cores imprimem uma caracterização de raça e etnia.

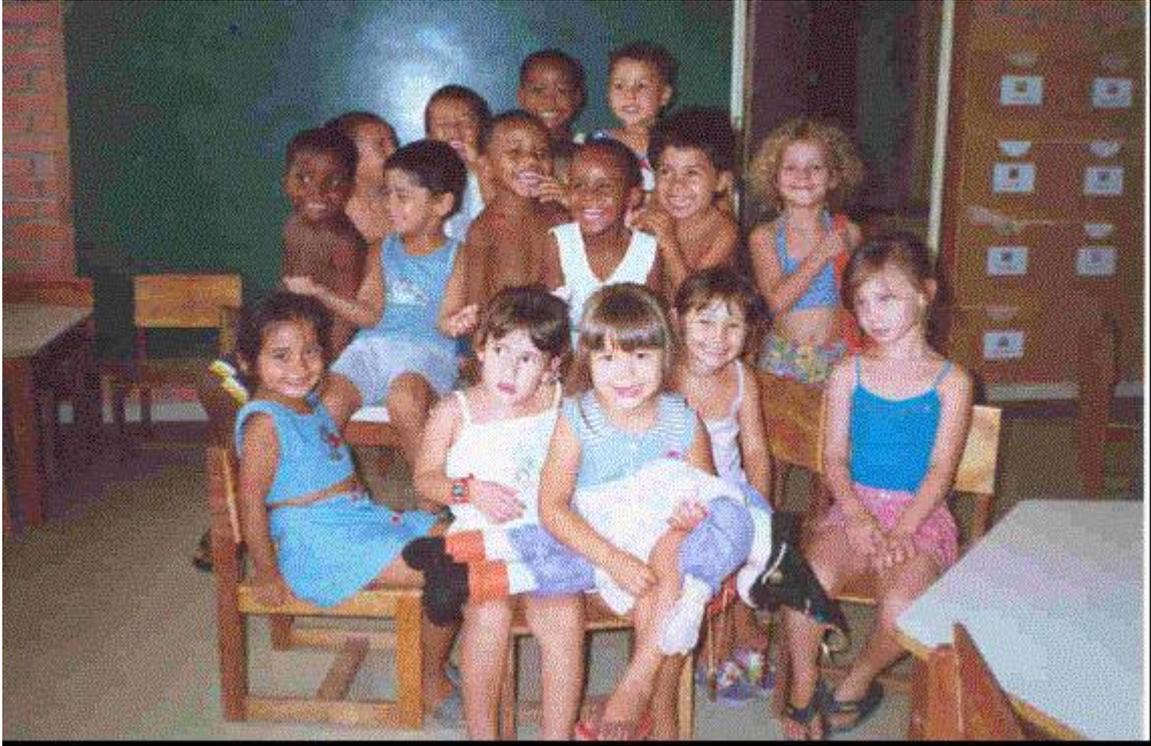
¹⁴⁸ Cf. BERTOLUCCI, Mariana. *A imaginação que ensina*. Zero Hora, ZH Escola, Porto Alegre, 2003, nº 60, p. 3.

desarticulação do organismo pela experimentação que rompe com o significante e com a interpretação.

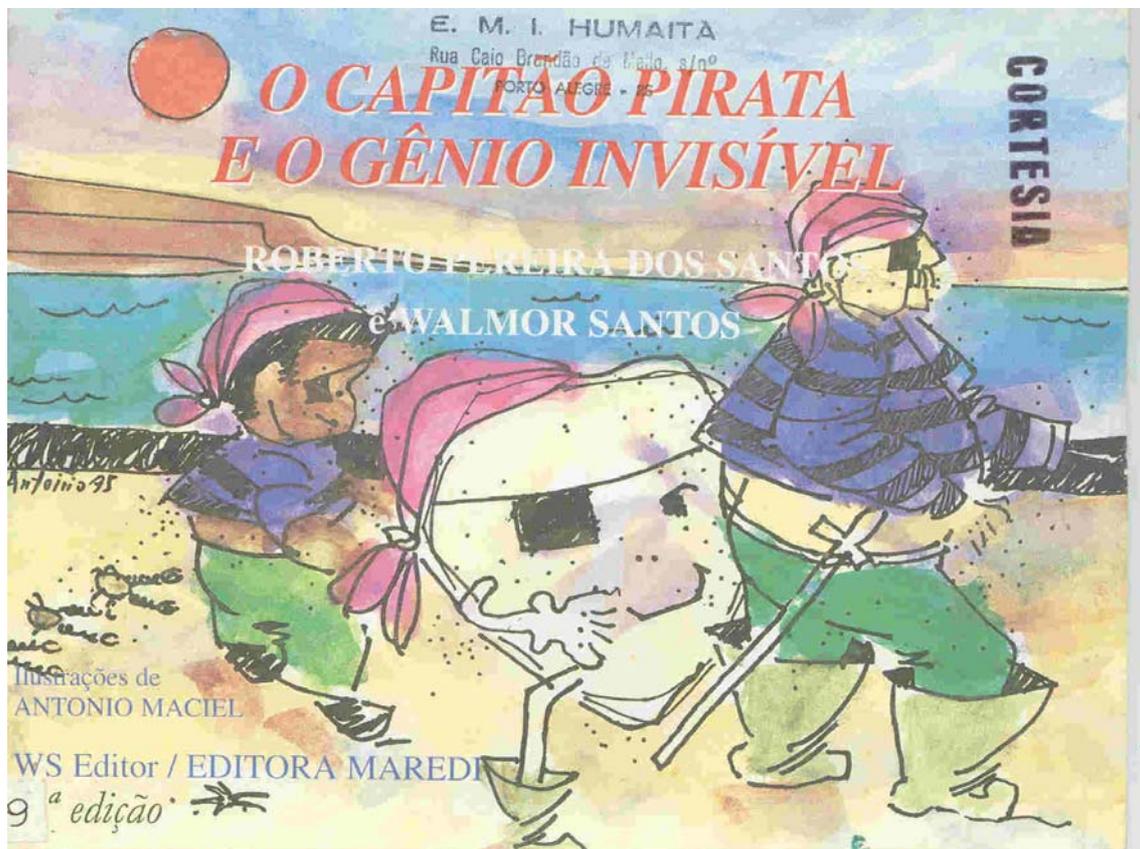
Os movimentos desses personagens, que assinalam o nomadismo, desordenam o organismo, esburacam os estratos de significação e de subjetivação. Os devires pirata e bruxa afetam inúmeros arranjos que experimentam novos modos de existência, escapando do controle, do conhecimento, do planejamento, do *programa* curricular. Pelos estratos de significação e de subjetivação passam intensidades vividas, cujas singularidades não se enquadram nas hierarquias disciplinares, nas classificações etárias (infância/adulto), na separação entre fantasia/realidade, nas prescrições de condutas, nos direitos e deveres, na pedagogização das atividades. A bruxa e o pirata produzem uma paisagem, quando desfazem, nos horizontes do céu e do mar, uma política que rostifica as ações da máquina-educação.

A invenção da Bruxela e do Roberto abriu possibilidades de produzir microarranjos que poderiam sair das territorialidades que cercam as crianças. Não se trata de restringir os universos existenciais, mas de abri-los para novas vias — por vezes linhas de fuga minúsculas —, construindo algo novo, não somente com os próximos, com as crianças — seja numa escola ou não —, modificando a percepção das coisas, atravessando as estratificações existentes. Produzir a Bruxela e o Roberto como *bonecos-vias*, *arranjos-vias*, *personagens-vias*, como investimentos na produção de processos criativos, sobrevoando e atravessando universos existenciais “não-conhecidos”: os mundos da bruxaria e da pirataria. Possibilitar às crianças, aos professores, aos pais, aos monitores tornarem-se bruxas e piratas num devir inusitado, de passagem, criando novos modos de existência e de relação com o mundo.

Os jogos, os brinquedos, os bonecos e outros elementos atribuídos ao território infantil orientam a segmentarização entre os mundos da criança e do adulto, pedagogizando, educando e impondo práticas pertinentes e preparatórias para a inserção em cada um destes universos. A criação da Bruxela e do Roberto gera rupturas quando eles abandonam sua função lúdico-pedagógica para se transformarem em personagens conceituais, em potências de conceitos.







Secção III

Entre o céu e o mar, muitas linhas a traçar

O plano de imanência é a mesa, a bandeja na qual os dados — conceitos —, são lançados. *Os conceitos são agenciamentos concretos como configurações de uma máquina.* O plano-educação é uma máquina abstrata. *Uma máquina abstrata cujos agenciamentos são as peças.*¹⁴⁹ Os conceitos são os acontecimentos e a educação é o horizonte dos acontecimentos. A educação passa a ser uma imagem do pensamento. Os elementos da educação são os traços diagramáticos, enquanto os conceitos são os traços intensivos. A educação é tomada, aqui, como um plano de imanência e, neste plano, os personagens conceituais Bruxela e Roberto, tramam, num ziguezague de sobrevôos e travessias, os conceitos.

Os conceitos são mutantes, possuem devires, já que estão em constante relação, tecendo seus limites definidos por vizinhança. *Cada conceito remete a outros conceitos*¹⁵⁰, uma vez que rouba componentes, corta, retalha e compõe.

Devires do currículo

O currículo constitui-se, ao mesmo tempo, como arranjo maquínico e como conceito. Ele povoa o plano-educação, instituindo um território, adquirindo consistência, através da articulação de um número finito de componentes que ele condensa e que se desdobram em outros conceitos conectados em um mesmo plano. Os contornos do currículo são definidos pelos movimentos de desterritorialização que transformam o plano-educação, rasgando-

¹⁴⁹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 52.

¹⁵⁰ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 31.

o, diluindo os limiares dos estratos, ativando componentes de conceitos de outros planos, e de reterritorialização, quando estriam o plano em linhas de integração.

Os movimentos de desterritorialização e reterritorialização comportam linhas e vetores demarcadores dos devires. Estes movimentos são simultâneos, indicando trajetórias compostas, interceptadas, desviadas, conectadas, capturadas e rearranjadas em novos conceitos. Eles engendram os devires do currículo, não implicando em dicotomias ou modelos. A política que estria o plano-educação visa assegurar a cidadania, organizando uma espécie de *programa*¹⁵¹, ordenado pelo currículo, que prepara para o exercício dos direitos e deveres, através de investimentos nas identidades e representações. Tal concepção faz do currículo um *programa*, direcionado a resultados. O *programa* configura um roteiro de execuções, que se encontra associado às práticas disciplinares. Este roteiro objetiva um fim, através de um percurso calculado, buscando um melhor desempenho. A disciplina faz-se necessária uma vez que, conforme Foucault, corresponde à *arte das distribuições* dos indivíduos no espaço e no tempo, conformando uma técnica de poder *capaz de compor forças para um aparelho eficiente*¹⁵². Além de normalizar os indivíduos, a disciplina distribui saberes, delimitando campos do conhecimento como matérias (conteúdos) curriculares. Desta forma, segrega, diferencia e hierarquiza saberes e conhecimentos. O currículo, como elemento que delinea os territórios identitários através da eleição do padrão e do reconhecimento pela representação, opera por analogias, semelhanças e igualdades. A operacionalização dos resultados desdobra-se na produção de identidades, corroborando um maior controle através de uma sujeição.

¹⁵¹ Conceitualizo programa de forma diferente de Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, onde os autores utilizam-se de programa para diferenciar do fantasma da interpretação psicanalítica. Nesta obra, o programa é concebido como um *motor de experimentação, uma experimentação antipsicanalítica*: enquanto o fantasma é o conjunto de significâncias e subjetivações, o programa é o que resta quando retirado o fantasma. Nesta Tese, programa é utilizado para caracterizar um tipo de organização, orientada pelos e para fluxos capitalísticos, que visa uma maior produtividade. Um planejamento, um projeto a ser realizado com fins bem orientados e etapas de implementação preestabelecidas. Programa entendido, justamente, como válvula, represa, comporta, vaso comunicante dos fluxos que compõem um currículo. Uma organização, hierarquização, serialização e estratificação de saberes em um determinado tipo de currículo. Currículo que corre em uma determinada direção para extrair um trabalho útil: o trabalho pedagógico, a pedagogização dos conceitos. Cf. *Mil Platôs...*, v. 3, p. 12.

¹⁵² FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 1996, p. 147.

As propostas alternativas ou reformadoras do currículo, que se utilizam de substratos como identidade e representação, incrementam a subjetividade capitalística por extensão, ampliando o repertório das identidades reconhecíveis. Na configuração do currículo como programa os territórios identitários instituem fronteiras fixas com muros sólidos. Neles, existem frestas e rachaduras toleráveis a modificações relativas, que não abalam seus alicerces selecionados enquanto origem/essência.

Ininterruptamente, ocorrem cortes, atalhos, abrindo um espectro de possibilidades e criações, que modificam os limites e a lógica instituída pela e para a subjetividade capitalística. O currículo deixa de ser o centro da ação educativa e passa a ser zona de atravessamento, na medida em que comporta muito mais do que matérias de um curso, de difusão de conhecimento, tornando-se um espaço provisório de transformações, produzindo o nomadismo. Os limites tornam-se mutantes, visto que são priorizados os processos e os ritmos dos grupos envolvidos, em detrimento da economia dos tempos e dos resultados. Certos cortes geram criações. Não há a fixidez constitutiva das representações, que buscam preservar a origem, o ideal. Há experimentação, o inusitado. Os fluxos-cortes do desejo tornam-se incomensuráveis e incomparáveis porque não há mais padrões. Não há mais muros que guardam essências, mas sim contornos mutantes, dobras movediças que marcam os devires do conceito-currículo.

O devir- *programa* do currículo pode ser comparado a uma rede. Porém, não como uma rede, no sentido apontado por Foucault¹⁵³, com suas descontinuidades, saltos, tensões e multiplicidades de cruzamentos de fluxos, onde ocorre a dissolução do Eu e da origem. Ao contrário, como uma espécie de rede de encanamento, com orientação predefinida, que organiza o escoamento dos fluxos-desejos: canaliza, barra, represa, reorienta. A rede de encanamento curricular funciona como uma organização rígida do conhecimento com caráter funcional e produtivista. No entanto, o devir-*nômade* do currículo, provoca a ruptura dos canos, fazendo jorrar, mesmo que momentaneamente, as linhas de fuga, as diferenças, as singularidades. Ambos constituem-se de cortes. O que os diferencia são os sentidos de seus vetores.

O currículo, tanto no seu devir-*programa*, quanto no seu devir-*nômade*, instaura diferentes espaços: estriados e lisos. Quando propõe caminhos bem definidos e trajetórias

delimitados como o conhecimento sistematizado, o *currículo-programa* institui espaços estriados erigidos através da máquina burocrática, que captura e organiza as multiplicidades em movimentos de reterritorialização. Quando envolve tentativas de construção de espaços lisos, o currículo desterritorializa, podendo transformar-se em máquina de guerra. Os movimentos curriculares são produto-produtores de máquinas burocráticas de Estado, instauradoras de espaços estriados, e de máquinas de guerra, produtoras de espaços lisos: (...) *Enquanto a máquina de guerra, tenta construir o espaço liso sobre as linhas de fuga, os aparelhos de Estado instauram o espaço estriado, da coerção*¹⁵⁴. O espaço é estriado por muros, cercados, e caminhos entre os cercados. O espaço nômade é liso, marcado apenas por traços que se apagam e se deslocam do trajeto. A variação, a polivocidade, a diversidade de direções é um traço dos espaços lisos. O espaço nômade é localizado, não delimitado. O espaço estriado é, ao mesmo tempo, limitado e limitante nas suas partes, às quais são atribuídas direções constantes, divisíveis por fronteiras.

Uma das tarefas fundamentais do Estado, através de seus currículos oficiais, cujas concepções estão apresentadas na *Proposta de Regimento da Escola Cidadã*, na *Proposta Pedagógica da Educação Infantil* e no *Regimento da Escola Municipal Infantil Humaitá*, é estriar o espaço liso, vencer o nomadismo, controlar as migrações. Sempre que possível, o Estado investe em processos de captura sobre os fluxos. Para tanto, são necessários trajetos fixos, com direções bem determinadas, que limitem a velocidade, regulem as circulações e que mensurem, nos seus detalhes, os movimentos: (...) *e cada vez que há operação contra o Estado, indisciplina, motim, guerrilha ou revolução enquanto ato, dir-se-ia que uma máquina de guerra ressuscita, que um novo potencial nômade aparece, com reconstituição de um espaço liso ou de uma maneira de estar no espaço como se fosse liso. É nesse sentido que a réplica do Estado consiste em estriar o espaço, contra tudo que ameaça transbordá-lo*¹⁵⁵.

O *dever-programa* do currículo ou *currículo-programa* articula traços diagramáticos (especialmente, cidadania e participação) que rostificam o plano-educação, operado por uma máquina de Estado. Este *dever* se reinsere em projetos e modelos prescritivos que pressupõem valores universais capazes de sobrepor e

¹⁵³ Ao propor uma análise genealógica do poder, Foucault apresenta os movimentos exercidos em rede. Cf. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder...*, p. 15-38.

¹⁵⁴ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 66.

sobrecodificar os acontecimentos em ações pedagógicas extensivas e intensivas, em padrões preditivos, em procedimentos normativos. O *devir-nômade* do currículo ou *currículo-nômade* institui uma máquina de guerra que desfaz o rosto do plano-educação,

tornando-a uma paisagem. Nestes movimentos, o currículo é sempre provisório. Ele possui traços intensivos e extensivos que marcam posições diferenciais dos movimentos infinitos do pensamento, constituindo *a cada vez uma superfície e um volume, marcando uma parada num grau de proliferação*¹⁵⁶, adquirindo consistência. O *currículo-nômade* é inseparável dos acontecimentos — que produzem a cada momento, uma nova posição e um corte — e das máquinas concretas que ele encarna.

Nesta concepção, entende-se o nomadismo curricular como um vetor de fuga, de desterritorialização. *O nômade com sua máquina de guerra opõe-se ao déspota com sua máquina administrativa; a unidade nomádica extrínseca se opõe à unidade despótica intrínseca. (...) nômade não é forçosamente alguém que se movimenta: existem viagens num mesmo lugar, viagens em intensidades, nômades não são aqueles que se mudam à maneira dos migrantes, ao contrário, são aqueles que não mudam, e põem-se a nomadizar para permanecerem no mesmo lugar, escapando dos códigos*¹⁵⁷. A máquina de guerra do *currículo-nômade* é um arranjo que se constrói sobre linhas de fuga.

Este currículo *nômade* pode ser chamado de *desterritorializado, (...) com efeito, a relação do sedentário com a terra está mediatizada por outra coisa, regime de propriedade, aparelho de Estado*¹⁵⁸. A desterritorialização, para o *nômade*, constitui sua relação com a terra. Ele se desterritorializa na própria desterritorialização. A terra se desterritorializa ela mesma, de modo que o *nômade* produza um território: *(...) a terra deixa de ser terra, e tende a tornar-se simples solo ou suporte*¹⁵⁹. Numa cartografia do currículo, é possível mostrar como as *máquinas de Estado* dos currículos oficiais e dos ditos "alternativos" se apropriam das máquinas de guerra do *currículo-nômade*. Máquinas de guerra que são sempre exteriores ao Estado, mesmo quando o Estado serve-se delas e delas se apropria. O *Currículo-nômade* gera várias rupturas: renuncia à relação hierárquica entre saberes e conhecimento, lutando contra a redução dos saberes

¹⁵⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 60.

¹⁵⁶ Cf. DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?...*, p. 56.

¹⁵⁷ DELEUZE, Gilles. *Conversações...*, p. 66.

¹⁵⁸ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 66.

¹⁵⁹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 53.

locais a um senso comum. Currículo que se separa do aspecto funcional da escola, relacionado à educação e à prática pedagógica com fins bem orientados. Ele apreende as atividades como afirmação das multiplicidades que não estão subordinadas à noção de trabalho produtivo, nem submetidas pelo trabalho pedagógico. Não possui compromisso com uma aprendizagem para a apreensão de um conhecimento. Deste modo, não há orientação, nem intencionalidade pedagógica.

O *currículo-nômade* possibilita a potencialização das transversalidades, mistura dos elementos de diferentes universos referenciais e de componentes de novos conceitos, que se desdobram em ações com sentidos e vetores variados, distribuindo-se em uma rede infinita. Nele, os saberes não estão hierarquizados, não sendo possível hierarquizar seus detentores. Há diferentes tipos de suportes de saberes — humanos e não-humanos — capazes de disparar as transversalizações. Com isso, desaparece o responsável (sujeito) pelo resultado da ação, fazendo os saberes circularem. Os saberes locais possuem diferentes elementos capazes de constituir processos de singularização, que estão vinculados à criação como afirmação da diferença.

Os processos singulares são criativos porque eles desordenam as organizações institucionais, cognitivas, pedagógicas e produtivistas, que têm fins e orientações bem definidos, com objetivos a serem atingidos na ação educativa e na realização política. Estas desordenações instituem novas ordens que embaralham os códigos, os elementos, as matérias expressivas, percorrem diferentes universos referenciais e inventam modos e corporeidades existenciais incomparáveis. No *currículo-nômade*, a diferença é afirmada e exercida por não estar em relação a nenhum critério de igualdade, de medição, de comparação e, por isso, não se constitui como negação. A diferença aparece em relação à diferença, tornando-se, então, incomensurável, já que os critérios comparativos desaparecem.

A trajetória da Bruxela gera um currículo mutante. Ele se transforma a cada registro no *Diário*, efetuando uma transversalização de saberes que ora se tramam, ora se desviam do *programa*. Assim, a Bruxela dispara processos criativos, fazendo deste currículo uma singularidade. Os processos criativos do currículo abandonam as representações. Eles engendram novas composições ordenadas, diferentemente da lógica capitalística, gerando uma quebra, uma ruptura, um rasgo, uma interceptação desta lógica que funciona pela distribuição das coisas em escalas quantificáveis. As

invenções dos processos criativos, produzidas no *currículo-nômade*, são distintas da criatividade fomentada no *currículo-programa*. Esta criatividade é entendida como um resultado estético a ser atingido, mediante critérios técnicos, artísticos, pedagógicos, que quantificam o valor e a aptidão do objeto/autor possíveis de reconhecimento em espaços formais ou no mercado.

Outra experiência que liga a confecção de bonecos-bruxos a práticas pedagógicas é divulgada pela imprensa como modelo. Na *Escola Infantil Crescer*, em Porto Alegre, os alunos do Jardim A são protagonistas da terceira versão do projeto *Mundo da Imaginação*. Eles ajudaram a professora a confeccionar dois bruxinhos de pano: a *Maracatuxa* e o *Harry Potter*¹⁶⁰ Segundo a reportagem¹⁶¹, *a idéia é fazer das crianças responsáveis não só pela caracterização física dos bonecos, mas, principalmente, pelo comportamento dos personagens que dormem cada dia na casa de uma delas*. A professora afirma: *Com quatro, cinco anos, a imaginação é tudo para as crianças. Elas não distinguem o que é real ou não*. Um dos objetivos do projeto é *estimular a curiosidade, a criatividade e a imaginação, além de dar noções de solidariedade, desenvolver a socialização do grupo, reconhecer e respeitar as combinações*. A reportagem descreve algumas atividades realizadas durante o Projeto e oferece dicas para ampliar o trabalho: *cada professor pode usar a criatividade para propor atividades independentes a partir do tema, desde que ele tenha despertado a curiosidade das crianças*. Dentre estas dicas, estão elencadas as seguintes: *pesquisa sobre bruxas, jogos matemáticos, expressão corporal, dobraduras, histórias sobre o tema, construção de castelos com caixas de leite, modelagem com argila para fazer o caldeirão da bruxa*. Esses bonecos-bruxos surgem reterritorializados no gênero. Eles reproduzem modelos ideais lançados no mercado. Convém salientar que o bruxo recebe o mesmo nome do personagem literário que lidera as vendas no mercado editorial. A criatividade apresentada no Projeto consiste em variações de prescrições a serem atingidas tanto em relação à vigilância da criança sobre um comportamento atribuído ao boneco, quanto às sugestões de atividades pedagógicas, reafirmando o *devir-programa* do currículo. Este Projeto sedimenta a dicotomia real/imaginário, propondo a

¹⁶⁰ Curiosamente, a Rede Globo de televisão veicula um programa intitulado *Xuxa no Mundo da Imaginação*, sendo um dos seus personagens a bruxa *Keka* e *Harry Potter* é o nome do bruxinho-fenômeno-mundial editorial e midiático.

¹⁶¹ BERTOLUCCI, Mariana. *A Imaginação...*, Zero Hora, ZH Escola, Porto Alegre, 2003, p. 1-3.

normatização das condutas, através de jogos performáticos, que reproduzem no *mundo da imaginação* uma escala de valores e juízos preestabelecidos. É possível supor, pela reportagem, que a *Maracatuxa* e o *Harry Potter* não chegam a se transformar em personagens conceituais, uma vez que, estão colados às representações. O reconhecimento da criatividade envolve investimentos de inclusão e integração social num sistema rígido de valores.

As produções do *currículo-nômade* desconectam-se desse sistema rígido de valores universais, uma vez que não possuem compromisso com a inclusão e a integração sociais. Os processos criativos consistem num desvio do trabalho pedagógico, tornando o *currículo-nômade* uma mutação que não fixa um trajeto. Não há uma anterioridade de percurso. O percurso é marcado no processo, sendo impossível enquadrá-lo em um projeto. A Bruxela emerge nômade, enquanto o Roberto nasce projetado. As atividades que atravessam o *currículo-nômade* priorizam o processo, considerando a realização das atividades, que produzem resultados sempre parciais, capazes de realimentarem esses processos num movimento de criação infinito.

O *currículo-programa* produz uma arborescência, instituindo um eixo na imagem do pensamento. Ele tem um ponto de origem, um centro, uma evolução, um desenvolvimento. Possui um tronco condutor, que suporta ramificações com uma determinada organização e hierarquia. Este tronco constitui uma unidade principal.

O *currículo-nômade* é rizomático, excêntrico, engendrando um rizoma na imagem do pensamento. Não há uma unidade principal, uma raiz principal. As raízes conectam-se e transbordam. Qualquer ponto deste currículo pode ser conectado a qualquer outro, diferentemente do *currículo-programa* que, enquanto arborescência, fixa um ponto, uma organização. Não existem pontos ou posições no currículo rizomático, mas linhas e estas linhas não param de se remeterem a outras. Uma das características do currículo rizomático é a de ter múltiplas entradas. Ele não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio. E é no meio que os conceitos adquirem velocidade, numa direção perpendicular, num movimento que os carrega um e outro.

No currículo arborescente, constituem-se sistemas centrados ou policentrados de comunicações hierárquicas e ligações preestabelecidas. No currículo rizomático, o sistema é a-centrado, não hierárquico constituído por devires. O currículo rizomático é geográfico, uma antememória; já o currículo arborescente é histórico, constitui uma

memória. No *currículo-nômade*, a produção de saberes se dá por aliança e não por filiação como acontece no *currículo-programa*, onde a produção de conhecimento busca um começo-origem, um fundamento, implicando numa concepção metódica, pedagógica, iniciática de viagem e de movimento. O *currículo-nômade* viabiliza outras maneiras de viajar e de se mover pelo meio, entrando e saindo, sem começar.

Os devires do currículo não são opostos. Existem estruturas de árvore ou de raízes nos rizomas. Estes devires não constituem oposições binárias pois, um *currículo-nômade* pode vir a ser *programa*, quando esbarra em reterritorializações, quando uma linha de borda, de declive, móvel e mutante, transforma-se em linha de segmentaridade, dura, binária, de estratificação. Os segmentos, enquanto ligação entre dois pontos, tornam-se elementos das máquinas binárias, dicotômicas e implicam dispositivos de poder que fixam códigos e territórios. São linhas de tipo arborescente. Pontos e posições. Enquanto as linhas rizomáticas constroem multiplicidades que se metamorfoseiam. São lineamentos e não linearidades.

O currículo povoa a educação. Os traços diagramáticos da educação perpassam, efetuam, formalizam e organizam o currículo. Esta máquina de educar comporta pontos relativamente livres, pontos de criação, de mutação, de resistência. O *currículo-nômade* pode traçar linhas de fuga através destes pontos, tanto quanto pode desenhar linhas que se reterritorializam em *currículo-programa*. O *currículo-nômade* desfaz territórios instituídos e regulados pela educação.

O currículo gerado pelo *Regimento da Escola Municipal Infantil Humaitá* é prescritivo. Ele orienta a prática pedagógica, ditando atitudes e formas de implementação das concepções desenhadas pelo mesmo. Este currículo pressupõe, privilegia, favorece e valoriza um determinado tipo de conhecimento, reorientando os diferentes saberes registrados no *Diário da Bruxela* e nos *Registros de Roberto*. Um diário remete a acontecimentos secretos (ou não) de uma vida, de uma viagem. Estes arranjos maquínicos, através dos personagens conceituais — Bruxela e Roberto —, produzem um conceito de currículo que, em seus devires, marca a potência de desterritorialização, quando foge das prescrições de conceitos curriculares preestabelecidos. Investe contra uma geografia de Estado, com suas segmentaridades e estrias, viabilizando espaços lisos para um pensamento-nômade. Um pensamento que

desliza no plano-educação em sobrevôos — com relação a outros conceitos no mesmo plano — e travessias, quando atravessam outros planos.

O *currículo-nômade*, produzido pela Bruxela e por Roberto, compõe-se através de pontos de resistência, de criação e, de certa maneira, também, orientam os saberes quando utilizados como *programa*. Os saberes, os conceitos, são transformados em conteúdos programáticos a serem trabalhados pedagogicamente em sala de aula. Este currículo pode se constituir enquanto singularidade e, a cada corte, descontinuidade e mutação do currículo ocorre um (re)encadeamento das práticas pedagógicas. As desterritorializações do *currículo-nômade* tornam-se relativas, pois são conectadas à significância, subjetivação e organismos; ele se desterritorializa do *currículo-programa*, mas reterritorializa-se em outros territórios. A desterritorialização absoluta ocorre quando o currículo deixa de ser currículo. Currículo nômade dele mesmo. No movimento de reterritorialização, o *currículo-programa* tende fixar a mutação na sobrecodificação.

O contorno de um conceito é produzido por devires, por isso, um conceito compõe-se por vizinhança, num fluxo mutante que implica em algo que tende a escapar dos códigos. Os movimentos de produção curriculares, por estarem imanentes à produção do mundo, fazem com que o *currículo-nômade* deixe, então, de ser currículo para tornar-se. Tornar-se outros devires, por vizinhança e, sempre, de passagem.

O nomadismo do currículo consiste num sobrevôo, numa mudança de estado do conceito, cuja consistência é obtida por desvios, quebras e ligaduras a inúmeros conceitos: bruxa, bruxaria, pirata, pirataria, roubo, magia, vassoura, tesouro, mapa, violência...

Os conceitos são inseparáveis dos afectos, produzindo modos de expressão. Existem três elementos que correspondem *a três gêneros de conhecimento, que também são modos de existência*¹⁶²: os conceitos, os afectos e os perceptos.

Os personagens conceituais e as figuras estéticas operam movimentos que recortam o caos, povoando planos diferentes, o plano de imanência e o plano de composição do universo. Ambos geram movimentos do pensamento¹⁶³. Entretanto, os

¹⁶² Cf. DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1997, p. 156. Nesta obra Deleuze apresenta *Três Éticas* em Spinoza, que se compõem pelos *Signos* ou afectos, pelas *Noções* ou conceitos e pelas *Essências* ou perceptos.

¹⁶³ *A arte não pensa menos que a filosofia, mas pensa por afectos e perceptos*. Cf. DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?...*, p. 88.

primeiros pensam por conceitos, as segundas por afectos e perceptos. Os afectos supõem afecções. (...) *as afecções variam segundo as cadeias de associação entre corpos*¹⁶⁴. Os afectos e as afecções são efeitos produzidos nas relações entre dois corpos

ou mais, numa ordem de acaso ou de encontro fortuito. Eles consistem em precursores dos conceitos. Os conceitos *remetem a relações de movimento e de repouso que constituem velocidades relativas*¹⁶⁵. Eles apreendem as relações entre velocidades relativas. As velocidades relativas são a *ação de um corpo sobre outro no espaço; velocidade de passagem de um estado a outro na duração*¹⁶⁶ e são próprias das afecções e dos afectos.

No encontro entre corpos, os afectos são um aumento ou uma diminuição de potência, realizando uma seleção de elementos por associação, com aumento de potência provocadora de alegria, ou por repulsão, com diminuição de potência produtora de tristeza. Assim, a seleção dos afectos de alegria consiste na *condição para sair de um primeiro gênero de conhecimento para atingir o conceito*¹⁶⁷. Nos signos, afecções e afectos, *há alguma coisa que ao mesmo tempo prepara e duplica os conceitos*¹⁶⁸. Personagens conceituais criam os conceitos e as figuras estéticas provocam sensações. Há momentos em que agem simultaneamente, já que os afectos colam-se e/ou duplicam os conceitos.

Quando a Bruxela suscita afecções e afetos de alegria, felicidade, amor, ocorre um aumento de potência que associa o conceito de bruxa aos traços de sorte, mulher com poderes, prosperidade, sabedoria... (...) *A A . ficou muito feliz, pois falava em trazela para nossa casa há bastante tempo*¹⁶⁹. (...) *Bruxela te amamos*¹⁷⁰. (...) *Quando cheguei em casa quinta-feira, tive uma surpresa, pois minha filha R . estava muito feliz dançando com sua amiga Bruxela, so que ela chamou de “Bruxiela”*¹⁷¹. (...) *O V . delirava de felicidade cada vez que a Bruxela falava com ele*¹⁷². (...) *Ficamos muito felizes com a visita da “Bruxela”*. (...) *As bruxas externam um sentimento mágico, de*

¹⁶⁴ DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica...*, p. 158.

¹⁶⁵ DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica...*, p. 167.

¹⁶⁶ DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica...*, p. 167.

¹⁶⁷ DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica...*, p. 162.

¹⁶⁸ DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica...*, p. 163.

¹⁶⁹ *Diário da Bruxela*, registro de 20 de novembro de 2000.

¹⁷⁰ *Diário da Bruxela*, registro de 05 de dezembro de 2000.

¹⁷¹ *Diário da Bruxela*, registro de 20 de agosto de 2000.

¹⁷² *Diário da Bruxela*, registro de 20 de dezembro de 2000.

alcançar o que desejamos através do pensamento positivo e de boas ações, com um poder contagiante através de suas atitudes firmes e sábias. (...) Até para animar um pouco mais a tarde de domingo, ouvimos a música da “Xuxa”, “Dia das Bruxas” e o D.F. tirou a “Bruxela” para dançar¹⁷³. As diminuições de potência ligam-se à maldade, ativando as transcendências de Deus e de Bem como uma maneira de separar a Bruxela do conceito de bruxa para transformá-la em fada-madrinha.

Os signos, as afecções e os afectos rasgam os fluxos dos conceitos, provocam desvios através da interceptação de uma outra língua, de um outro estilo, que remete a diferentes modos de expressão. Os registros do *Diário da Bruxela* e as narrativas fantásticas de Cascaes apresentam um ritmo de pensamento e um modo de expressão dos saberes periféricos¹⁷⁴. Os signos misturam e selecionam componentes, assinalando vetores de associação, de variabilidade e de analogia. Eles aproximam e/ou afastam linhas, relacionando elementos e acontecimentos num tipo de ordenação. Deste modo, formam uma cadeia descontínua e irregular que traça o conceito num outro estilo, quase uma outra língua¹⁷⁵ que anuncia a condição do novo, um aumento de potência a ponto de formar conceitos e converter afectos em ações.

No *Diário da Bruxela*, os afectos alegres disparam a construção de um conceito de bruxa, por desvio, paixão e delírio. O estilo dos registros indica o ritmo de pensamento e a cadeia de associações se produz numa espécie de gagueira. Uma *síntese conectiva*¹⁷⁶ que assinala uma *produção de produções*, uma multiplicidade a cada conexão, rompendo com a hegemonia de um discurso acadêmico, científico, legitimado pelas construções binárias e opositivas que circundam um objeto. Marca outros modos de conectar e produzir multiplicidade. A inexistência de pontuação torna o texto aberto e infinito: *A bruxela foi passar o dia na minha casa ela comeu e saímos para o parque andamos de trem e brincamos muitos e o T. deu um anel para Bruxela e voltamos para*

¹⁷³ *Diário da Bruxela*, registro de 20 de outubro de 2000.

¹⁷⁴ Franklin Cascaes, ao longo de 25 anos, visitou e coletou inúmeras histórias no interior da Ilha de Santa Catarina. Estas histórias tramam a bruxaria ao cotidiano e aos saberes das comunidades de pescadores com descendência açoriana. Estes pescadores são chamados, pelo autor, de *colonos anfíbios*, uma vez que ora trabalham na terra, ora no mar. Mesmo sendo apresentadas pelos narradores como histórias de acontecimentos reais, as narrativas conduzem a outro mundo, mostrado como desconhecido e estranho. Cf. CASCAES, F. *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2000. v. 2.

¹⁷⁵ DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica...*, p. 164.

¹⁷⁶ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-édipo...*, p. 10.

*casa e ela segue sua viagem pelo mundo Agradecemos pela sua Estada na minha casa Que volte sempre Beijos T.*¹⁷⁷.

Nas narrativas de Cascaes, observa-se a existência de uma “nova língua”: (...) *Sinhá dona Chandoca, — nome da benzedeira — tudo acunteceu ansim memo como a sinhora me falô. Na noite daquele dia que tive aqui consurtando a sinhá dona, quando chegê em casa e fui oiá o meu fũinho infremo, incontrê três galinha branca apoiada in riba do berço, biliscando o corpinho dele. Apanhê uma bengala véia que tava in riba do paióli da farinha, pra mó de acertá as três, mas só acertê batê numa, e as outra, junto c’aquela que dê a lambada fugiro e se mitero na caxa do berado da casa e fugiro.*

— *O sinhôri, so Polino, tá c’a rezão toda. Foi ansim memo que eu adivinhê no meu pensa adespôs da santa binzidura. Mas me adescurpe, sinhôri, eu não vô dizê o nome delas, pro mó de que eu já sê da vossa intenção: é a de matá as bruxa que tavo intisicando o vosso fiio. Eu fiz a minha chamada exorcista e elas istivero aqui na minha frente se perdoando e xingando a sina fadólica que a Terra deu pra elas como presente diabólico. Elas nunca mas vão chupá o sangue inocente do vosso fiio nem de mas ninguém, proque eu quebrê, c’as santa palavra que saíro da minha boca pro mundo, o encanto fadólico delas pra toda vida. Uma delas, a véia, tá c’o congote das costa todo machucado da lambada que vossa mecê deu in riba dela com munta força de vingança. Ela tá tratando o congonte machucado com farinha de mandioca e sáli feito cataprasma. Quando o sinhô encontrá, no seu caminho do trabaio, uma muié véia de congote embruiado em pano, bisque bem, que ela é a bruxa que ganhô em cheio a vossa lambada dada c’a bengala.*¹⁷⁸.

Os fragmentos indicam movimentos do pensamento e outras possibilidades de conceber o mundo atravessado pela bruxaria. Desta maneira, produz-se uma filosofia: criam-se conceitos, inventam-se personagens e traçam-se planos.

¹⁷⁷ *Diário da Bruxela*, registro de 18 de dezembro de 2000.

¹⁷⁸ CASCAES, Franklin. *O Fantástico...*, v. 2, p. 87.

ATO I
CENA III

Charneca. Trovoada
Entram as três Bruxas.

BRUXA 1
Onde estiveste, irmãzinha?

BRUXA 2
Por aí, matando uns porcos.

BRUXA 3
E tu irmãzinha? E tu?

BRUXA 1
Encontrei a mulher de um marinheiro
Com um montão de castanhas no colo,
E ela só mastigando, mastigando,
mastigando... — “Me dá uma”, eu pedi;
“Sai daí sua bruxa”, berrou ela,
bunda grande, sarnenta... O marinheiro
foi para Alepo, comandando um barco.
Eu pego numa peneira
E navego para lá:
Que nem um rato sem rabo,
lá vou eu velejar!

BRUXA 2
Eu vou te arranjar um vento
Para melhor te levar!

BRUXA 1
Bondade tua, irmãzinha.

BRUXA 3
E eu, outro: pode contar!

BRUXA 1
Os outros, já tenho todos,
e os portos onde eles sopram,
e os rumos deles, traçados
na carta de marear.
Assim como palha seca
há de esse homem ficar,

nem de noite nem de dia
o sono descansará,
tem a minha maldição
e maldito viverá.
E com nove vezes nove
semanas sem repousar,
irá ficando amarelo
e fraco até se acabar.
Não quero afundar o barco,
mas dentro da tempestade
hei de fazê-lo estalar!
Vejam o que tenho, já!

BRUXA 2
Deixa ver! Deixa ver!

BRUXA 1
É o dedo polegar
de um piloto naufragado
quando regressava ao lar.

Toques de tambor.

BRUXA 3
Um tambor! Escutem bem:
Já é Macbeth que vem!

TODAS
As três Bruxas, mão com mão,
andam no mar e no chão,
e sempre juntas estão:
três para lá, mais três para cá
com mais três são nove, e pronto!
O feitiço está no ponto!

Entram Macbeth e Banquo...

William Shakespeare.

Criaturas-bruxas

Rainhas, magas da Pérsia, deslumbrante Circe! Sublime sibila, ai! Que foi feito de vós? Que bárbara transformação!... Aquela que, do trono do Oriente, ensinava a virtude das plantas e a viagem das estrelas, aquela que, do tripé de Delfos, resplandecente do deus de luz, transmitia de joelhos seus oráculos ao mundo é ela, mil anos depois, que é caçada como um animal selvagem, perseguida nas encruzilhadas, empurrada, apedrejada, forçada a sentar-se sobre carvões em brasa. O clero não tem fogueiras, o povo não tem injúrias, a criança não tem pedras que bastem contra a desgraçada. O poeta, também criança, lhe atira mais uma pedra, mais cruel para uma mulher: supõe, gratuitamente, que era sempre velha e feia. À palavra feiticeira, vemos velhas hediondas de Macbeth. Mas os processos revelam o contrário. Muitas morreram precisamente por serem jovens e belas... Jules Michelet.

A bruxaria é tratada como filosofia de vida, marcando movimentos de desterritorialização quando produz devires e, de reterritorialização, quando reinstaura o sujeito, o Eu, a consciência e a representação como fórmulas de auto-ajuda na busca de felicidade. (...) *Não há poderes, como nos desenhos e filmes de aventura, o que há é uma idéia, uma filosofia de vida!*¹⁷⁹. As desterritorializações vinculam-se às práticas, às experimentações ordenadas e tramadas em conceitos. Quando estas ordenações desterritorializam-se do plano de imanência, separam-se dos acontecimentos e transformam-se em funções explicativas, ocorre a reterritorialização da bruxaria em transcendências pelas figuras religiosas e/ou seu desaparecimento em nome das proposições científicas.

O devir-bruxa desterritorializa o currículo. Ele rouba da bruxa componentes que o modificam, alteram seus contornos, gerando algo novo. O roubo é um encontro, *encontram-se pessoas, mas também movimentos, idéias, acontecimentos, entidades*¹⁸⁰. Ele faz passar algo entre dois, não é tornar-se outro, é uma dupla captura, *alguma coisa que está entre dois, fora dos dois, e que corre em outra direção. Encontrar é achar, é*

¹⁷⁹ *Diário da Bruxela*, registro de 25 de julho de 2000.

¹⁸⁰ DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo, Ed. Escuta, 1998, p. 15.

*capturar, é roubar, mas não há método para achar*¹⁸¹. Neste roubo, ocorre uma dupla captura — currículo e bruxa — duplo-roubo, não algo de mútuo, mas bloco assimétrico, produzindo uma desorganização pedagógica e uma nova ordenação disparada pela bruxa. *Achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer, julgar*¹⁸².

A cada movimento e visita da Bruxela, o conceito de bruxa muda-se em relações com novos acontecimentos, novos elementos. As bruxas são apresentadas em vários registros do *Diário* como mulheres com poderes malignos e benignos: (...) *Eu na verdade eu creio que pode existir bruxas sim, pois são mulheres que tem poderes sobrenaturais sejam eles malignos e benignos, e o que eu sei que as bruxas são mulheres belas*¹⁸³. (...) *As mais famosas usavam a magia Negra com pacto ao demônio para conseguir poder e fama. Historicamente comprovada, na Idade Média a consciência do Povo uniu três grupos de bruxos formando lendas e especulações. A Igreja Católica perseguiu os abusos das seitas satânicas. A Política perseguiu seus inimigos e com a sua influência atribuiu-a como bruxaria tudo o que se opunha ao seu poder. sendo sim as maiores vilãs da história* (...) ¹⁸⁴. Estes elementos ativam proveniências e construções historicamente localizáveis nas quais as mulheres com poderes eram consideradas deusas-pagãs ligadas à abundância, bem como aos infortúnios e à morte.

Os devires das deusas-pagãs indicam uma heterogeneidade e uma variação de elementos e nomes que se atualizam em cultos locais conforme os acontecimentos¹⁸⁵. Entre os poderes destas mulheres-deusas estão os diversos modos de comunicação entre o mundo dos vivos e dos mortos. Assim, abundância e a fertilidade apresentam uma concepção de morte relacionada aos fenômenos naturais como poderes dos espíritos. Os mortos não significam oposição à vida, mas, sim, potência e possibilidade de vida; eles freqüentam o mundo dos vivos sob outras formas. Os mortos transpõem planos e mundos associados a rituais e festas que marcam os modos de existência e de sobrevivência de diversos grupos em diferentes territórios. Esta comunicação aparece

¹⁸¹ DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. *Diálogos...*, p. 15.

¹⁸² DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. *Diálogos...*, p. 16.

¹⁸³ *Diário da Bruxela*, registro de 23 de agosto de 2000.

¹⁸⁴ *Diário da Bruxela*, registro de 01 de agosto de 2000.

¹⁸⁵ Ginzburg assinala que a Diana pagã pode estar relacionada a uma interpretação romana de Épona, a composições romana e céltica ou a algum equivalente local. *Épona constituía uma divindade mortuária muitas vezes representada*

em um dos registros, quando um pai afirma: (...) *Nesta Noite das Bruxas o mundo dos vivos e o mundo dos mortos se juntam se encontram é nessa noite que os mortos andam*¹⁸⁶.

A desterritorialização das deusas em demônios transforma estas mulheres em bruxas e feiticeiras medievais que resistem a uma organização política, instituindo linhas de fuga. *Uma fuga é uma espécie de delírio. Delirar é exatamente sair dos eixos. Há algo de demoníaco, ou de demônico, em uma linha de fuga. Os demônios distinguem-se dos deuses, porque os deuses têm atributos, propriedades e funções fixas, territórios e códigos: eles têm a ver com os eixos, com os limites e com cadastros. É próprio do demônio saltar os intervalos, e de um intervalo a outro*¹⁸⁷. Os poderes desterritorializados das deusas tornam-se imanentes e, por isso, demoníacos, encarnando as mutações, os acidentes. Estes poderes escapam das figuras e das transcendências religiosas, tanto pagãs quanto cristãs. Os poderes são qualificados como malignos e benignos porque se encontram inseparáveis das circunstâncias e das relações de forças que os definem, envolvendo estados.

As bruxas encontram-se às margens dos territórios. Elas são seres diferentes, estranhos que estabelecem relações de vizinhança. O estranhamento indica um poder de afetar das bruxas que também é provocado pela Bruxela: (...) *Quando a vimos pela primeira vez achamos-a muito estranha, pois bruxela é uma bruxa, mas aos poucos fomos nos acostumando com ela, esta então virou mais que uma simples bruxa*¹⁸⁸. (...) *até parecia que tinha alguém diferente na casa*¹⁸⁹. Estes seres diferentes nem sempre eram mulheres¹⁹⁰. Os efeitos dos poderes das bruxas e bruxos misturam-se, transitam entre situações que ora são boas, ora são más. Candidatos a bruxos eram pessoas invejadas, ou que não se socializavam, ou, simplesmente, alguém cuja aparência não agradava. As pessoas atribuíam a vizinhos incômodos qualquer mal existente na

com uma cornucópia, símbolo da abundância. Cf. GINZBURG, Carlo. *História Noturna: decifrando o Sabá*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 112.

¹⁸⁶ *Diário da Bruxela*, registro de 31 de outubro de 2000.

¹⁸⁷ DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. *Diálogos...*, p. 53.

¹⁸⁸ *Diário da Bruxela*, registro de 07 de setembro de 2000.

¹⁸⁹ *Diário da Bruxela*, registro de 07 de novembro de 2000.

¹⁹⁰ Na Europa, um quarto dos condenados por bruxaria, entre os anos de 1400 e 1700, era de homens, mas esta proporção variava, de um lugar para outro. Na Inglaterra, um número bastante baixo de homens foi condenado por bruxaria; a proporção era quase igual na jurisdição do Parlamento de Paris, enquanto na Islândia ou Estônia os homens perfaziam a maior parte dos acusados. Cf. HIGHFIELD, Roger. *A Ciência de Harry Potter: como a magia realmente funciona*. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 2002, p. 224.

comunidade, como: o nascimento de bebês mortos, quebras de safras por alterações climáticas, doenças...

A feitiçaria era usada, também, para fins benignos como a cura de doenças seguida por uma variedade de práticas para defender animais contra lobos e outros perigos, proteger plantações e casas, prender o amor, identificar futuros consortes, encontrar tesouros escondidos ou bens roubados, proteger-se contra espadas e balas, chamar a boa sorte nos jogos ou caçadas, obter favores dos poderosos e garantir a contracepção. *A relação entre bruxaria e cura foi salientada em muitas confissões, quando as bruxas diziam que o demônio lhes dera poderes para curar e para causar o mal*¹⁹¹.

A bruxaria efetua um mergulho no caos, ligando-se a inúmeras realizações. Os registros apresentam a conexão das bruxas à sorte. A sorte é inseparável do inesperado, do acaso, do acidente, associando-se, simultaneamente, à prosperidade, ao êxito. A bruxa-sorte é destacada nos registros do *Diário da Bruxela* pelas situações que proporcionam modos de sobrevivência (entre eles, a obtenção de emprego), garantia de alimento, festas comemorativas e aniversários dos visitados: (...) *Quem tem uma bruxa em casa comida nunca faltará, nem que seja feijão e arroz*¹⁹². (...) *A Bruxela esteve comigo num momento especialíssimo de minha vida: meus cinqüenta anos*¹⁹³. (...) *fiquei encantada com a visita da Bruxela, adoro bruxas, suas histórias, poções, magias e feitiços. (...) nunca acreditei nas histórias de bruxas más, acho que trazem sorte e felicidade para quem as tem em casa*¹⁹⁴. (...) *ela nos deu muita sorte e felicidades nesse final de semana*¹⁹⁵.

As bruxas diluem e atravessam fronteiras através de êxtases e delírios. Os êxtases constituem numa morte provisória, numa viagem que leva à transposição de mundos. Várias mulheres processadas como bruxas relataram *ter ido, em espírito, encontrar-se com as fadas — a boa gente, os bons vizinhos*. O acesso ao mundo das *figuras femininas que propiciam prosperidade, riqueza e saber, torna-se possível mediante a morte provisória*¹⁹⁶. Quando as fronteiras dos territórios tornam-se fronteiras políticas, ocorre uma dicotomização entre o Bem, representado por integrantes da

¹⁹¹ Cf. BARROS, Maria Nazareth Alvim de. *As Deusas, as bruxas e a Igreja: séculos de perseguição*. Rio de Janeiro, Editora Rosas dos Tempos, 2001.

¹⁹² *Diário da Bruxela*, registro de 20 de agosto de 2000.

¹⁹³ *Diário da Bruxela*, registro de 04 de agosto de 2000.

¹⁹⁴ *Diário da Bruxela*, registro de 12 de dezembro de 2000.

¹⁹⁵ *Diário da Bruxela*, registro de 03 de dezembro de 2000.

¹⁹⁶ Relatos provenientes da Escócia e Irlanda. Cf. GINZBURG, Carlo. *História Noturna...*, p. 102-107.

comunidade possuidores de poderes, e o Mal, manifesto pelo estrangeiro como agente de destruição. Desta forma, travam-se as batalhas pela fertilidade dos campos entre grupos rivais.

O rosto, que a Igreja Católica produz, erige Deus como Bem, colocando por oposição à sua política e ao seu poder todas as manifestações que lhe escapam. O estrangeiro, tanto do ponto de vista político — judeus e mulçumanos — quanto do ponto de vista religioso — hereges e bruxas —, passa a ser considerado causa do Mal¹⁹⁷.

De maneira análoga aos leprosos e judeus, os bruxos e as feiticeiras situam-se nas margens da comunidade; sua conspiração é, mais uma vez, inspirada num inimigo externo — o inimigo por excelência, o Diabo. O Diabo aparecia sob a forma de animal negro, por vezes um urso; em outras ocasiões um bode. Após renunciar a Deus, à fé, ao batismo e à Igreja, os membros de seitas satânicas aprendiam a buscar, com meios mágicos, morte e doenças para adultos e crianças. Alguns se transformavam em lobos, para devorar o gado; outros se tornavam invisíveis, comendo ervas especiais indicadas pelo Diabo.

Nos registros do *Diário*, a morte está relacionada à ação das bruxas, equivalendo o Mal e a Magia Negra à supressão da vida. (...) *lembro de poucas histórias que meu pai e minha avó materna me contavam, meu pai me contava a de Joãozinho e Maria que no fim a bruxa sempre acaba comendo as crianças (...)*¹⁹⁸. *As bruxas de nossas infâncias representavam o mal, mas não tínhamos medo, porque o bem (fadas) sempre vencia o mal*¹⁹⁹. (...) *O mais importante é diferenciar, a bruxa má faz o mal, porque lida com o mal e a bruxa boa lida com o bem*²⁰⁰. (...) *Então, a história de Joãozinho e Maria que [as bruxas] engordavam Para comelos emfim as bruxas Para mim eram mal e feias*²⁰¹.

Os efeitos das bruxarias reterritorializadas no Mal são: cegueira, loucura, abortos, impotência sexual, devorar crianças, acabar com o leite das vacas, destruir as colheitas. *A sinistra ubiqüidade do complô, de início expressa pelo fluxo das águas envenenadas, afinal traduzira, simbolicamente, uma viagem aérea das bruxas e*

¹⁹⁷ A fim de exterminar os católicos o rei mulçumano de Granada utiliza os judeus que, oferecendo dinheiro aos leprosos, envenenaram as fontes e os poços de água que abasteciam a cidade. Tudo isso inspirados pelo Diabo. Cf. GINZBURG, Carlo. *História Noturna...*, p. 46

¹⁹⁸ *Diário da Bruxela*, registro de 23 de agosto de 2000.

¹⁹⁹ *Diário da Bruxela*, registro de 04 de agosto de 2000.

²⁰⁰ *Diário da Bruxela*, registro de 01 de setembro de 2000.

²⁰¹ *Diário da Bruxela*, registro de 07 de novembro de 2000. Neste registro, houve uma alteração na grafia, onde o estado é corrigido pela transcendência: as bruxas passam de *más* a *mal*.

*feiticeiros (...)*²⁰². A morte como oposição da vida, passa equivaler ao Mal como ameaçador do poder vigente. Assim o diferente, o vizinho, o estranho, o estrangeiro e o anômalo são tornados como equivalências do Mal. A delimitação da bruxaria com o território do Mal, busca nas figuras míticas do Velho Testamento explicações para as resistências à máquina de Estado medieval. Num começo, havia duas luzes: o Sol e a Lua. As duas possuíam a mesma grandeza e dignidade. Essa igualdade de poderes produziu insatisfação em ambas. *A Lua foi escolhida por Deus para se tornar menor e perder a sua própria luz, ficando a mercê da luz solar. Humilhada e inconformada, a Lua dá nascimento a Lilith*²⁰³.

No *Zohar*, uma obra cabalística do século XIII que ressignifica o Velho Testamento, aparece a maioria dos relatos a respeito de Lilith, mas este irresistível demônio feminino da noite, sobrevoa, também, as mitologias suméria, babilônica, assíria, cananéia, persa, hebraica, árabe e teutônica. Durante o terceiro milênio antes de Cristo, na Suméria, ela foi, a princípio *Lil*, uma tempestade destruidora ou espírito do vento. Entre os semitas da Mesopotâmia, ela ficou conhecida como *Lilith*, que, mais tarde, ao confabular com *Layil – do hebraico, noite –, tornou-se Lilith, um demônio noturno que agarra homens e mulheres que dormem sozinhos, provocando-lhes sonhos eróticos e orgasmos noturnos*²⁰⁴. No século XVIII a.C, na Síria, Lilith foi associada a outra personagem demoníaca: *Lamashtu*. Bruxa assassina de crianças. Neste devir, tornou-se conhecida em todo o mundo, com vários nomes: Mulher Devassa, Estrangeira, Diaba, Raposa, Sugadora de Sangue, Fêmea Impura, Fim do Dia, Raptora, Maga, Feiticeira, Bruxa... Nomes próprios que designam os acontecimentos, não mais o sujeito. Nomes marcados por elementos não-humanos que designam forças, movimentos, estados, tempestades, final de dia, animais, noites, luzes, planetas, estrelas... muito antes de designar seres humanos.

Lilith surgiu do caos, numa velocidade infinita de nascimento e de esvanecimento. Uma linha de força tangencial à bondade e masculinidade de Deus. Proveniente de uma mutação da Lua, expulsa do céu, torna-se a Noiva do Diabo. São as águas do mar que nutrem Lilith e o vento sul dissemina e faz transbordar seus poderes, atribuindo-lhe o domínio sobre todas as bestas do campo. O Senhor criou os enormes

²⁰² GINZBURG, Carlo. *História Noturna...*, p. 80

²⁰³ Cf. KOLTUV, Bárbara Black. *O Livro de Lilith*. São Paulo, Cultrix, s/d.

²⁰⁴ BORGES, Jorge L. & GUERRERO, Margarita. *O Livro dos Seres Imaginários*. São Paulo, Ed. Globo, 2000, p. 113.

monstros marinhos. Ele retirou Lilith de Leviatã, do fundo do mar e outorgou-lhe o poder sobre todas as crianças — pequenos rostos dos filhos dos homens — , que estão sujeitas à punição pelos pecados de seus pais. Ao encontrar crianças sujeitas à punição, maltratava-as e matava-as. Ora deusa, ora demônio, tentadora e assassina, esta noiva de Satã e esposa de Deus encontra-se, sempre em chamas, nos portões do Paraíso. Envolveu-se *numa desenfreada promiscuidade, unindo-se com demônios lascivos, gerando centenas de Lilim ou bebês demoníacos*²⁰⁵.

A primeira mulher criada por Deus composta de sujeira e sedimento impuro em vez de pó e terra como foi feito Adão, ao perceber que este a subjugaria, pôs-se a sobrevoar, enfeitiçando todos os cantos do mundo. Sobrevôos não-transcendentes, mas atravessamentos de planos em velocidades infinitas. A feiticeira, em seu nomadismo, constitui devires que se metamorfoseiam para reaparecerem de um outro modo, sob formas inesperadas nas linhas de fuga. Pandora na Grécia, Eva no Cristianismo...

Elementos do cristianismo e da presença açoriana aparecem na caracterização das bruxas na Ilha de Santa Catarina, reativando e atualizando a Lilith em fenômenos contemporâneos. *O poder da bruxaria É muito bem controlado Pelas leis de Satanás Que o conserva bem vigiado*

Ele tem que obedecer Às leis do reino do mal, Que não quer vê-las burladas: Devem é sempre triunfar.

As megeras bruxas chefes Só se entendem com o diabo, Que as dirige para o mal, No cumprimento do fado.

O mal veio morar na Terra Em termos de maldição, Semeado pela mamãe Eva Aceito pelo papai Adão

Quem enganou nossa mãe Eva Foi uma bruxa sacana,

Que tava de olho no Adão Porque o achava muito bacana.

Esta velha bruxa chefe Assiste televisão, Pois ela é dona do túnel Que tá lá naquele chão.

A credice popular É uma riqueza espantosa, Que estamos desperdiçando Pra bons incestos de prosa

Ora veja esta bruxinha Em urubu fantasiada: Parece a mais linda misse Que a Nova Iorque foi levada.

Ilha das velhas faceiras E, também, das moças prosas As bruxas dos teus recantos São lindas que nem as rosas.

*F. J. Cascaes – 26/09/1975*²⁰⁶.

²⁰⁵Cf. SICUTERI, Roberto. *Lilith: A Lua Negra*. São Paulo, Paz e Terra, 1998.

²⁰⁶ CASCAES, Franklin. *O Fantástico...*, v. 2, p. 98.

Florianópolis é reconhecida nacionalmente como um local de manifestação de bruxaria. Na comunidade da Lagoa da Conceição, mesclam-se bruxas e pescadores numa potente associação do céu com o mar²⁰⁷. Os saberes sobre bruxaria se misturam, tornam-se diversos e distintos de região para região, de país para país, de nação para nação, em diferentes espaços-tempos apreendidos pela História.

Segundo Michelet, a Europa teve a nítida idéia do Diabo, o procurou e desejou. Em seus estudos, deixou de lado os *selvagens* da América, os extremos do Equador, dos pólos, os negros, os lapões. Na Alemanha, o Diabo era forte. As minas e as florestas lhe conviam. O Diabo era mulher. Tinha um enorme cortejo de espíritos, gnomos, etc. Era industrioso, trabalhava, era construtor e, pedreiro, metalúrgico e alquimista. Na Inglaterra, o culto ao Diabo era secundário. Misturava-se e era dominado por certos *espíritos do lar*, animais domésticos e daninhos, que a mulher irritada usava em suas malícias e vinganças. Eles habitavam cães e gatos, muitas vezes invisíveis e metidos em novelos de lã, em certos lugares que somente a mulher conhecia. Sua dona, às vezes, os cedia, os vendia. Estes seres bastavam a essa mulher. Ela pouco precisava do Diabo. Neste país, enforcavam as bruxas antes de queimá-las, assim, ela não tinha a horrível poesia da fogueira, do exorcismo. O Diabo não tinha ali sua rica literatura de monges. Não tomava impulso, pois, para crescer, ele precisava da cultura eclesiástica.

A articulação dos poderes atribuídos às mulheres-bruxas abrange domínios, práticas e saberes que produzem efeitos reconhecidos nos grupos por onde elas transitam. Estes efeitos fazem com que suas ações sejam temidas, solicitadas e/ou refutadas, perseguidas, neutralizadas. O conceito de bruxa liga-se às magias, aos saberes a mais que envolvem uma heterogeneidade de elementos: manipulação de ervas, domínio de informações, encontros e visitas, ensinamentos, rituais de resistência, de infortúnios, de abundância, de fertilidade, de prosperidade, de cura, bem como inúmeros símbolos, vãos noturnos, animais e objetos, transformando a bruxa numa composição não-humana. Tal composição lhe confere poderes de enfeitiçar, encantar, contagiar, transformar, fugir.

As magias possibilitam às bruxas transmutarem-se em animais. O devir bruxa-animal é considerado uma anomalia pelas construções históricas, já que abandona a

²⁰⁷ Pesquisas etnográficas e acadêmicas nesta região depositam atenção aos fenômenos, às experiências e às narrativas locais, contribuindo para esta cartografia.

condição humana e o padrão de normalidade. Elementos pagãos que aparecem nas heresias articulam deusas nutrizes, animais e constelações²⁰⁸. Os rituais pagãos têm em comum alguns traços que configuram a magia: *vôo da alma rumo ao mundo dos mortos, em forma de animal, na garupa de animais ou de veículos mágicos. Os “gandus” ou bastão dos xamãs lapões foi associado ao bastão em forma de cavalo e, por outro lado, ao cabo da vassoura com o qual as bruxas afirmavam dirigir-se ao Sabá*²⁰⁹.

A anomalia não é a deformação do humano, nem a anormalidade, mas transformação, deslocamento que borra fronteiras, tensionamento dos limites, afirmação da diferença e de modos de existência. Os poderes e os saberes das mulheres a respeito dos animais domésticos instituem devir-animal das bruxas. Tais animais são vinculados aos componentes de seus modos de vida cotidianos. O conceito de bruxa conecta-se a um devir-animal: borboleta, gato, morcegos, galinha, peixe, serpente, pássaros, bode, urso, cavalo, lobo, sapo...

Esta habilidade, também, aparece na Lagoa da Conceição, assinalando a presença e os poderes das bruxas: *As múltiplas formas que uma bruxa pode assumir lhe conferem um poder que vai além dos seus limites. Ela pode aparecer na sua forma humana ou na forma de alguns animais voadores, como garças, moscas e principalmente borboletas, ou na forma de uma luz ou de um vulto branco que surge na mata ou na estrada durante a noite. Ou, quando aparece sem forma definida, seus sinais sempre indicam a sua presença: os restos de areia ou plantas no fundo da canoa roubada, a criança doente etc. Essa metamorfose em formas não-humanas é relacionado algumas vezes com uma bruxa que age em espírito, principalmente a chamada “bruxa morta”, definida como o espírito de uma mulher que retorna na forma de bruxa*²¹⁰.

A forma mais comum de aparição de uma bruxa nas narrativas presentes na comunidade da Lagoa da Conceição é a de uma borboleta. Ela entra pelas fechaduras das portas, embruxando a criança-vítima. A benzedeira aparece como uma espécie de contra-poder à bruxa, como mulheres que, *detendo determinados conhecimentos curativos, sobre ervas medicinais, sobre rezas e benzeduras, sobre o parto e cuidados com recém-nascidos e tendo o poder e o conhecimento dos procedimentos rituais para*

²⁰⁸ Cf. GINZBURG, Carlo. *Histórias Noturnas...*, p. 124-126.

²⁰⁹ Cf. GINZBURG, Carlo. *Histórias Noturnas...*, p. 136.

*enfrentar ou proteger dos malefícios, como quebranto, mau-olhado, feitiçaria e bruxaria são vistas como “especialistas” nestas questões pelos outros moradores do lugar*²¹¹.

No *Diário da Bruxela*, o vampirismo, o embruxamento de crianças e a presença das benzedeadas, são registrados. (...) *minha avó materna mandava ter cuidado com as crianças porque existe mulheres com poderes malignos que se encantam pela beleza da criança e coloca mau-olhado que se cura somente benzido por curandeira antigas para sarar a criança de estar embruxada*²¹².

Estes elementos indicam proveniências de outros estratos, cujos fragmentos de construções históricas deslocam-se e se atualizam em novas significações. (...) *descobri que elas [bruxas] são nossas amigas e protetoras, pois também nos ensinam poções, receitas que nos ajudam no nosso dia-a-dia*²¹³. Com a fama de “curandeiras”, eram pessoas afastadas dos vilarejos, que viviam em contato com a natureza e conheciam como curar muitas doenças através das plantas²¹⁴ (...) *bruxas são aquelas que estudam sabem fazer magias ou tentam*²¹⁵.

Os devires não-humanos da bruxa são cantados pelas crianças-vizinhas do *Jardim B*. Neles, a bruxa é composta por fragmentos, escapando, inclusive, das espécies reconhecidas no reino animal. Ela tem asas de morcego, patas de aranha, picadas de formiga, dentes de piranha...

*As crianças são espinozistas. Elas falam dos animais e comovem-se com isso*²¹⁶, deixando-se afetar nesta relação. Os limites são diluídos, os meios são explorados por trajetos dinâmicos e um mapa é traçado. Um meio é feito de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos²¹⁷. As crianças do Maternal I criaram o *Brinquedo da Palavra Mágica*. Nesta brincadeira, cada um inventava o que o outro deveria ser. Por exemplo: a palavra mágica era sapo, então o outro teria que se transformar em um sapo. Assim como elas inventavam a palavra mágica, tinham, também, que desinventar, ou

²¹⁰ MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos: bruxas e bruxarias da Lagoa da Conceição*, Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 1993, p. 150.

²¹¹ MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos...*, p. 119.

²¹² *Diário da Bruxela*, registro de 23 de agosto de 2000.

²¹³ *Diário da Bruxela*, registro de 20 de agosto de 2000.

²¹⁴ *Diário da Bruxela*, registro de 01 de setembro de 2000.

²¹⁵ *Diário da Bruxela*, registro de 07 de novembro de 2000.

²¹⁶ DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1997, v. 4, p. 41-43.

²¹⁷ DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica...*, p. 73.

seja, o outro tinha que voltar a ser o que era antes, num passe de mágica. Nesta brincadeira ocorrem movimentos de desterritorialização e reterritorialização. A palavra mágica provoca um devir-animal, mas pode, também, provocar uma imitação. O movimento de criação ativa noções comuns em ações. Ele é interrompido quando outra palavra, que neutraliza a magia, corresponde a um retorno à identidade, ao Ser, ao Mesmo, investindo no devir-*programa* do currículo.

Na Literatura Infantil, um duelo entre magos realiza-se através de um jogo cujas velocidades, cortes-fluxos, geram o inusitado. Não há correspondência para as expectativas, nem projeções lógicas que operam por representações. *O objetivo do feiticeiro no duelo era transformar-se em um tipo de animal, vegetal ou mineral capaz de destruir o animal, vegetal ou mineral escolhido por seu oponente. Algumas vezes, o duelo levava horas... (...) a velocidade da disputa começou a ficar alucinante. Quanto mais rápido o atacante assumia uma nova forma, menos tempo o fugitivo tinha para imaginar uma boa saída. As mudanças agora estavam tão rápidas quanto o pensamento. (...) O esperto feiticeiro tinha se transformado sucessivamente em diversos micróbios, ainda desconhecidos naquele tempo. Assim, fez sua oponente pegar soluços, escarlatina, caxumba, coqueluche, sarampo e varíola. Tudo ao mesmo tempo*²¹⁸. Neste jogo ocorre uma ordenação ligada ao inesperado, atravessando os limites do conhecido, constituindo-se como possibilidade de (re)invenção da brincadeira elaborada pelas crianças do Maternal I.

As bruxas sempre tiveram posição anômala, assombrando as fronteiras porque se encontram na borda, sempre entre dois vilarejos, acompanhadas de suas vassouras, de gatos, morcegos e sapos. As bruxas voam com suas vassouras, pontilhando traçados de linhas. A velocidade de seus vôos transforma os pontos, desterritorializando por linhas, constituindo trajetos, devires, imagens do pensamento. A *Bruxela-anômala* diferencia-se do anormal, daquele que não tem regra ou que contradiz a regra e que pode definir-se em função de características específicas ou genéricas. A anomalia *designa o desigual, o rugoso, a aspereza, a ponta de desterritorialização*²¹⁹, constituindo uma posição ou um conjunto de posições em relação a uma multiplicidade. Anomalia que traça linhas de

²¹⁸ T. H. White em *A Espada era a Lei*, realiza uma releitura da lenda do rei Arthur onde o mago Merlim entra em combate com a bruxa Madame Mim. Cf. COLBERT, D. *O Mundo Mágico...*, p. 31-33.

²¹⁹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 4, p. 26. (Citação de Georges Ganguilhem)

fuga. Bruxela-*outsider* que quando chega, em suas visitas, transborda, estendendo-se numa trama de conceitos.

Relatos europeus registrados em atas processuais dos séculos XIV e XVI, e, mais tarde, em documentos do século XIX, indicam elementos recorrentes na prática da feitiçaria. Esta prática passa a ser uma atividade em grupo conduzida por uma estranha, uma mulher de fora, chamada *Madona Oriente* que inicia suas seguidoras com ensinamentos secretos. *Os crimes confessados por Sibillia foram os que seguem. Desde jovem saía toda a semana na noite de quinta-feira com Oriente e sua “sociedade”. (...) Oriente respondia às perguntas dos membros da sociedade, predizendo coisas futuras e ocultas. (...) lhe permitira responder às perguntas de muitas pessoas, dando-lhes informações e ensinamentos. (...) Oriente passeia com o seu grupo pelas casas, sobretudo as dos ricos. Ali, comem e bebem; alegram-se quando encontram casas bem limpas e ordenadas, e Oriente as bendiz. Oriente ensina os membros da sociedade as utilidades das ervas, remédios para curar as doenças, o modo de encontrar as coisas roubadas e afastar os malefícios. (...) Em pleno século XIX, as mulheres de fora, mulheres da região, mulheres da noite, domésticas, belas senhoras, donas-de-casa continuavam a apresentar-se a homens e mulheres: figuras ambíguas, de tendência benéfica mas prontas a provocar danos a quem não lhes desse a atenção devida. Um detalhe como o favor reservado pelas mulheres de fora às casas bem varridas sublinha a analogia com as sequazes de Oriente*²²⁰.

As visitas destes grupos às casas apontam as transversalizações de saberes e de trocas por experimentação, reciprocidade e reconhecimento de uma ordenação de práticas que são valorizadas e indicativas de pertencimento a uma sociedade secreta.

As bruxas do medievo frequentam os casebres, os lugares mais sinistros, isolados, os escombros mal afamados. Quando perseguidas, as malditas, as proscritas, as envenenadoras que curam e salvam, as noivas do Diabo e do Mal encarnado refugiam-se nos bosques. Elas atravessam as fronteiras, passando das margens, das bordas das florestas, do vilarejo, do desconhecido para o território doméstico. Estes percursos desordenam o cotidiano, transformam as rotinas e alteram as forças e funções (designações de papéis e posições). Estas bruxas são intercessoras qualitativas que

²²⁰ Cf. GINZBURG, Carlo. *Histórias Noturnas...*, p. 96-98 e 120.

produzem desterritorializações. Na Idade Média, os cuidados domésticos são concebidos como segredos que transformam a vida camponesa, evitando os infortúnios.

A bruxa-Bruxela gera desvios, provoca mutações nas relações e nas rotinas das casas, especialmente, nos modos de percepção do dia-a-dia. Ela nomadiza o cotidiano, transpondo o mundo da repetição para uma disposição que passa a relacionar os acontecimentos a concepções de mundo e a conceitos. Ocorre um deslocamento, mesmo que provisório, para um mundo não-humano que desterritorializa o espaço doméstico normalizado.

O devir bruxa-vassoura articula-se a ações cotidianas. A vassoura desterritorializa-se, passando de objeto utilitário, que cumpre tarefas domésticas, a um mundo encantado de poderes. Ela possibilita a passagem para estes mundos, desvia o indesejado, atrai e transmite boas notícias. No *Diário da Bruxela*, este objeto é destacado nos registros e apresentado à boneca: *As mulheres-Bruxas sempre foram representantes da magia, porém seus conhecimentos ameaçavam o poder vigente da época. Devido a isto as Mulheres-Bruxas começaram a utilizar utensílios domésticos em sua magia. A Vassoura era um desses utensílios e era usada para limpar o ambiente tirando energias negativas e grosseiras antes de iniciarem seus rituais com ervas, pedras e incensos. Como não possuíam locomoção, a Vassoura, por ser um instrumento mágico ficou conhecida por levar suas amas a longas viagens através dos céus em noites de lua cheia. Atualmente, a vassoura é indicada para afastar energias negativas de sua casa varrendo ou deixando atrás da porta, no hall de entrada, no carro, atrás da porta de seu quarto, enfim onde você sentir que é mais adequado. A vassoura possui energia positiva e é também mensageira de boas notícias levando mensagem de cura, paz e solidariedade. Através da meditação você pode imaginar uma vassoura dourada levando mensagens para aqueles que necessitam. Confeccione sua Vassoura Mágica e acenda um incenso de sua preferência e sopre bastante sobre a vassoura, em todas as direções pelo tempo que quiser, isto serve sempre que queira fazer a limpeza de sua vassoura*²²¹.

A Bruxela como multiplicidade, ao carregar seu *Diário* e seus presentes na sua sacola, agrega um coletivo que visita as casas, tornando-se bruxa-bando. O *Diário* passa a ser a superfície de transversalização de saberes que encarnam devires e trocas. As

²²¹ *Diário da Bruxela*, registro de 20 de agosto de 2000.

trocas constituem efeitos de ações, de relações estabelecidas entre a Bruxela e o universo visitado. O presente é um dos elementos que sinaliza a passagem da Bruxela por um determinado lugar. Os traços que modificam o corpo da bruxa, o diário e os presentes assinalam o coletivo e a geografia do currículo-bruxo. Ela atravessa e dilui as fronteiras entre a escola e a família, entre territórios domésticos e de aprendizagem formal, entre espaços disciplinares e de confinamento, incitando uma circulação de saberes.

As bruxas articulam saberes considerados tradicionais, que escapam à ciência e são tratados como respostas ao oculto. Não há a transparência da demonstração científica, nem dos valores iluministas que sustentam o pensamento moderno ocidental baseado na igualdade. Há assimetria da diferença que se afirma em cada relação estabelecida.

Na comunidade às margens da Lagoa da Conceição, na periferia de Florianópolis, a bruxa é expressão do poder feminino. Poder ocupado pelas mulheres no território doméstico e familiar. A mulher deve estar subordinada a uma autoridade masculina. Se isso não ocorre, a condição especial de uma mulher não-submetida pode fazê-la uma pessoa desviante e anormal, e, neste sentido, perigosa para os outros membros da comunidade. As atividades exclusivamente femininas são circunscritas à casa e ao quintal, ou seja, ao trabalho ligado ao espaço doméstico. É nesse lugar que as mulheres adquirem e exercem um saber que os homens desconhecem, mas temem e respeitam. São as mulheres que dominam as transformações mais importantes para fazer os alimentos, as roupas, são elas que conhecem as plantas curativas, que sabem os segredos do parto, e são determinadas mulheres – as benzedoras – que usam nos seus rituais objetos ligados ao espaço da casa, que os homens reconhecem para se protegerem ou enfrentarem situações que fogem a seu controle²²². *Os longos períodos de ausência do marido pela atividade pesqueira tornam mais estreitas as relações entre mãe e filhos. Tudo faz com que a posição central ocupada pelas mulheres no grupo familiar se configure como uma característica do poder feminino. É sobre este poder que falam as narrativas sobre as bruxas contadas pelos moradores da Lagoa. O discurso mais geral sobre bruxaria é a narrativa de um acontecimento envolvendo alguém da comunidade. O tema mais comum é o da criança recém-nascida que é atacada por uma*

bruxa e começa a apresentar sintomas de embruxamento: emagrece, pára de se alimentar, chora o tempo todo, tem manchas roxas no céu da boca. As variações existem em torno do aparecimento dos sintomas, da trajetória terapêutica percorrida pela mãe da criança, da benzedeira procurada e do ritual realizado para o desembruxamento. Uma diferença nas narrativas é quanto ao seu desfecho. Em grande parte das histórias, a criança sobrevive ao embruxamento graças à ação da benzedeira e da mãe, ao passo que, em outras, a criança acaba morrendo, reafirmando-se a ameaça e o perigo da bruxa.

Em geral, a bruxa aparece em locais mais distantes do território doméstico, ligados aos espaços de trabalho masculino, como a mata, a praia, as pedras, o mar e, mesmo, a estrada, que apesar de ser um local, também, ocupado pelas mulheres durante o dia, à noite só é permitida aos homens. Elas se escondem nas figueiras e se encontram em zonas limítrofes como terrenos baldios ou sem donos, localizados na beira das estradas, proporcionando fantasias de todo o tipo sobre os perigos que habitam estes territórios.

A aparição acontece nas fronteiras e a ação da bruxaria no espaço doméstico. A presença da bruxa instaura uma situação de desordem. Desordem no espaço doméstico. Ela desestabiliza o cotidiano, ao penetrar no território feminino sob a forma de doença (desordem física, que marca o corpo). Além de atravessar as fronteiras do universo feminino com condutas e códigos pouco apropriados a este território, transgride os limites e a autoridade local. As bruxas invadem espaços reconhecidos como masculinos e, por isso, proibido às mulheres. A autoridade da Igreja se laiciza no poder masculino como autoridade suprema da comunidade. Assim, as bruxas resistem aos poderes e às normas instituídas. Elas estão nas fronteiras físicas, políticas e subjetivas.

Nesta comunidade, as bruxas são desviantes dos padrões vigentes: viúvas, as que nunca casaram, as abandonadas pelos maridos. Não estão submetidas à autoridade do marido. São, em geral, mulheres não-casadas e reconhecidas pela comunidade como detentoras de um saber a mais (cozinheiras, parteiras, curandeiras). Estas mulheres apresentam comportamentos sexuais considerados desviantes e transgressores pela Igreja²²³. Os traços desviantes da bruxaria atravessam o currículo em seu devir-nômade, apturando o inusitado, desestabilizando o conhecimento com saberes periféricos. *Currículo-nômade* que borra os limites entre a realidade e fantasia.

²²² MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos...*, p. 49.

A ruptura com os padrões e as crenças instituídos pela Igreja e pelo conhecimento, liga diversos tipos de poderes à bruxaria. A imaginação assinala vestígios desta ruptura. Na Itália, a imaginação dominava tudo, misturando certos desejos *históricos* com componentes relatados nas lendas. As *alteradas* passavam por baixo da porta ou pela fechadura para beber o sangue das criancinhas. Mistura de *loucura e fantasmagoria* permeava as crenças²²⁴.

Foucault diferencia a feitiçaria da possessão²²⁵. A possessão constitui-se como um fenômeno típico da instauração de um novo aparelho de controle e poder da Igreja nos séculos XVI e XVII, enquanto a feitiçaria colocava-se como um fenômeno mais rural do que urbano, situada nas fronteiras externas do cristianismo. A feiticeira é aquela mulher denunciada pelas autoridades e pelos notáveis, que é da periferia da aldeia ou do limite da floresta, é a má cristã. Já, a possuída é a confessa espontânea, mulher da cidade, mais precisamente, do interior do convento. Uma personagem não mais marginal, mas central na nova tecnologia do catolicismo.

A feitiçaria foi efeito, ponto de inversão e o foco de resistência à cristianização e seus instrumentos, à Inquisição e seus tribunais, assim, também, a possessão foi resistência de outra técnica de cristianização, o confessionário e a consciência. *O que a feitiçaria foi no tribunal da Inquisição, a possessão foi no confessionário*²²⁶.

Na França, após as grandes perseguições, a heresia das feiticeiras, das bruxas, produz-se como heresia suprema, cada seita-secreta perseguida gravitava ao redor do culto ao Diabo. O segredo tem um dever que se produz na máquina de guerra. Uma sociedade secreta, sempre que combate o instituído, age na sociedade como uma máquina de guerra. O segredo-secreção transpira, desliza, insere e insinua. Introduz-se entre as formas públicas, e pressiona para fazer agir os conhecidos. Irradiação negra que, com suas leis, proteções, igualizações e hierarquias, silêncios, rituais, centralizações e compartimentações, penetra na sociedade — e por ela é transversalizada —, desordenando sua hierarquia e segmentação. As sociedades secretas dos adoradores do Diabo e das bruxas traçavam linhas de fuga, desestabilizando a ordem da sociedade feudal e renascentista. Desestabilizavam a Igreja e a Ciência.

²²³ MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos...*, p. 19-48.

²²⁴ MICHELET, Jules. *A Feiticeira*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1992, p. 11.

²²⁵ FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. São Paulo, Martins Fontes, 2002, p. 255-298.

²²⁶ FOUCAULT, Michel. *Os Anormais...*, p. 270.

Quando Paracelso, na Basiléia, queimou, publicamente, todos os tratados de medicina da época, declarando saber apenas o que aprendera das feiticeiras, estas tiveram, como reconhecimento, torturas e fogueiras. Encontraram-se para elas suplícios sob medida, inventaram-lhes dores. Julgavam-nas em massa, condenavam-nas por uma palavra. Observa-se que, em certas épocas, mediante a simples menção da palavra bruxa, matava-se quem quisesse. Ciúmes de mulheres e cobiças de homens lançavam mão desta arma. Aquela é rica?... Bruxa! Aquela é bonita?... Bruxa! Quando podiam, as acusadas evitavam a tortura e se matavam.

Parte considerável e, talvez, a maioria das bruxas, foi produto das perseguições religiosas. A história do culto ao Diabo e da feitiçaria extrai novos acontecimentos da história da heresia que a engendrou. Aos hereges, lançava-se, entre outras tantas, a acusação de orgia noturna, produzindo o efeito crescente de impedir os proscritos e os suspeitos de comparecerem às assembléias noturnas — o sabá. Com a imprensa, os tratados de demonologia se propagam pela Europa e as acusações de bruxaria se multiplicam. O *Malleus Maleficarum* — O Martelo das Bruxas — torna-se um dos maiores sucessos da literatura demonológica. Este manual é destinado aos inquisidores, mas difere dos outros que o precederam por ser consagrado, exclusivamente, à perseguição do delito de bruxaria. O crime da bruxaria é o delito mais abominável. O bruxo, além de ser um herege, ao renegar a religião de Deus pela do Diabo, torna-se, também, um apóstata. Comete o seu crime com total consciência e não por ignorância. O tribunal não pode, portanto, demonstrar a menor piedade. Se o bruxo confessa seus crimes, é condenado à fogueira e se insiste em negar as acusações, a atitude do tribunal varia. Os juízes, com freqüência, concluem que o réu é aconselhado pelo Diabo, principalmente se ele desdiz a confissão anterior, e, então, se mostram inflexíveis. No caso de dúvida, o suposto bruxo é exilado, isto é, condenado à morte civil ou enviado para ser queimado em outro lugar.

A feiticeira possuiu a habilidade e o poder de cura, que passa a ser atribuído aos médicos, ao longo de mil anos. A massa de todo o Estado, e, pode-se dizer, de grande parte do mundo, consultava apenas a *saga* ou *mulher sábia* — no original, *sage-femme*, expressão que passou a designar a parteira. O bom conhecimento dos segredos da natureza na utilização de plantas eficazes para dores e doenças garantia-lhe a denominação de feiticeiras ou conhecedoras da magia branca. Uma feiticeira do bem.

Se ela não curava, injuriavam-na, taxavam-na de bruxa. Mas, em geral, por um respeito mesclado de medo, chamavam-na *boa dama* ou *bella dama* — *bella donna* — o mesmo nome que se dava às fadas. As deusas-fadas medievais se transmutaram nas bruxas que a inquisição perseguiu e queimou. Mas é no *entre* que elas ganham velocidade. No intervalo, no *intermezzo* entre o Bem e o Mal, entre Deus e o Diabo, entre a luz e as trevas, entre o diabólico e o angelical, entre a cura e a doença, entre a fealdade e a beleza ...

O devir-bruxa é capturado e reterritorializado nos valores transcendentais Bem e Mal. As bruxas abandonam as fissuras e as rachaduras e encontram-se imobilizadas em modelos reconhecíveis. A bruxa-Bruxela adquire um vetor de reterritorialização em que passa a equivaler ao Bem, tornando-se fada-madrinha das crianças como uma garantia de controle e oposição ao Mal. (...) *Bruxela é uma verdadeira fada Madrinha das crianças, só faz o Bem. Por isso nós demos de presente uma dezena do terço para ela usar no pulso e rezar com as crianças*²²⁷. Nestes movimentos de reterritorialização, a Bruxela freqüente batizado, ensina a rezar o terço, trama traços transcendentais pela aproximação de Deus e de uma moral moderna e humana — amor, paz e solidariedade. A Bruxela desterritorializa-se da bruxa.

Os relatos que indicam a neutralização dos poderes das bruxas na Ilha de Santa Catarina têm como traços o reconhecimento e a identificação da desconhecida. Esta identificação consiste em uma forma de controle sobre uma situação inusitada. Quando ocorre a identificação da bruxa, o encanto é quebrado com o restabelecimento da ordem anterior. A bruxa identificada recebe punição física de outras mulheres e perde seus poderes. Com isso, ela não se transforma mais, sendo imobilizada pelo enquadramento em um padrão de normalidade. Entre as transformações do conceito de bruxa lançado pela Bruxela, ocorrem deslizamentos do *currículo-nômade* para o *currículo-programa*, através de um tipo de conhecimento que identifica, enquadra, reconhece.

As práticas das bruxas medievais constituíam crenças, concepções e condutas que desestabilizavam os dogmas católicos. Elas criaram uma dimensão ética-estética-política, que produzia vida e existência nas margens e nas lacunas da máquina burocrática de Estado. As bruxas, ao mesmo tempo, rebatiam os dogmas da Igreja e o poder do rei, produzindo saberes que bifurcam a Ciência, por vezes maldita. Entretanto,

estes saberes eram considerados de segunda categoria pelos critérios modernos de conhecimento. As bruxas, enquanto máquinas de guerra, não se submetiam nem à Igreja, nem à Ciência, mas abriam fendas que conferiam à vida uma alegria, uma travessura, um riso e possibilidades de existência incompatíveis com seus dogmas e referentes científicos.

Os manuais da Inquisição, a literatura dominicana, os parlamentares, os juízes leigos, homens de tempos tão diversos e de culturas diferentes, tratavam da mesma forma a temática: feitiçaria. De quando data a feitiçaria? Do tempo da desesperança.. Desesperança profunda gerada pelo mundo da Igreja. As bruxas não tinham família. Sozinhas, elas concebiam e davam a luz. Os Filhos do Ódio iniciavam a vida numa formidável gargalhada. Eles vinham e iam, passeavam. Era deles a floresta sem limites! Eram deles os horizontes longínquos. Era deles a Terra inteira! As bruxas chamavam-nos, ternamente, *Meu Robin*, o nome daquele valente proscrito, o alegre Robin Hood, que morava sob as verdes ramagens. Gostavam, também, de chamá-los pelos apelidos carinhosos, *Verdinho*, *Lindo Bosque*, *Verde Bosque*. Eram os lugares favoritos dos travessos. Assim que viam um arbusto, eles faziam a *école buissonnière*. Fazer a *école buissonnière*, literalmente, *escola entre arbustos*, em francês moderno, é faltar à aula, fazer gazeta, mas a expressão tem registro já no século XVI, e então designava a escola clandestina, que funcionava nos campos.

As florestas tornam-se superfícies do não-humano, zona de embaralhamento, onde as coordenadas perdem suas funções porque resistem às totalizações da ciência. *Dentro da floresta vivem criaturas mais antigas do que a espécie humana. A floresta é um lugar perigoso, onde uma pessoa pode perder não só o seu rumo, mas, também, o seu senso de identidade. Contudo, as florestas podem oferecer refúgio e são o lar dos espíritos com conhecimentos especiais sobre a natureza e a arte da cura*²²⁸.

O mundo civilizado cria uma oposição, classificando os seres-habitantes das florestas como incultos, desumanos, obscuros. Há uma tentativa de submissão destes modos de existência através de domínios políticos, de extermínio e de exploração, que estriam a floresta em pesquisa científica, em riquezas-mercadorias, em energia e reserva ambiental. *A floresta é um lugar de escuridão, caos e desordem, onde escondidas do*

²²⁷ *Diário da Bruxela*, registro de 01 de setembro de 2000.

²²⁸ COLBERT, David. *O mundo mágico de Harry Potter: mitos, lendas e histórias fascinantes*. Rio de Janeiro, Sextante, 2001, p. 106.

*sol, as plantas crescem desenfreadamente, entrelaçando-se com desalinho e confusão. Nisto ela representa, como a mitologia Inca, as tribos incultas, díspares e incivilizadas da época que precedeu a conquista ensolarada dos Incas civilizados, que trouxeram ordem ao mundo*²²⁹.

Entretanto, a floresta é mutante, tornando-se superfície de atividades clandestinas e ilícitas, que escapam do controle. Estas atividades atualizam-se em movimentos de desterritorialização e reterritorialização do capital: o tráfico de drogas, a bio-pirataria, explorações ilegais de madeira e minérios, chacinas de populações indígenas, grilagem, assassinatos de lideranças de movimentos sociais, etc. Mas, as florestas geram linhas de fuga, quando compreendem o indefinido, o desconhecido e não-identificável.

No filme *A Bruxa de Blair*, a floresta consiste no cenário da trama, onde a bruxa-personagem transita²³⁰. No decorrer dos acontecimentos, a floresta passa de cenário a território do desconhecido que é margem, borda do ordenado — a cidade, o vilarejo. Os movimentos de desterritorialização produzidos pela bruxa geram uma confusão, um embaralhamento nas linguagens que apresentam o filme sob forma de documentário, borrando os limites entre realidade e ficção. Os estudantes que visitam a floresta para produzir o documentário se perdem neste território. A floresta escapa das coordenadas cartesianas de localização, as quais, freqüentemente, são utilizadas nos traçados urbanos. Como território desconhecido, ela torna-se mutante, rompendo com a orientação racional, quando os pontos de orientação reaparecem nos trajetos. Os contornos da floresta se expandem, gerando novos afectos e descontrolo. A bruxa não tem imagem cinematográfica, não é representada, não é vista, tornando-se bruxa-floresta. Ela povoa a trama, incitando um bloco de sensações através de inúmeros elementos como pedras empilhadas, gritos noturnos, relatos de habitantes locais, sons de movimentos, símbolos dispostos em árvores. Estes signos provocam medo, pavor, desespero, que, mesmo tristes, permitem a construção de outras formas de apreensão do arranjo-floresta. *A Bruxa de Blair* produz um movimento de reterritorialização no

²²⁹ TAUSSIG, Michel. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. São Paulo, Paz e Terra, 1993, p. 237.

²³⁰ Este filme, considerado alternativo, de custos baixíssimos para a indústria cinematográfica, alcançou um sucesso inesperado, mesmo escapando dos modelos atuais de filmes de terror. Diante do estrondoso sucesso, foi produzida uma continuação: *A Bruxa de Blair II*. Os traços aqui apontados, dizem respeito somente ao primeiro filme.

mercado indicado pelo lucro obtido através da produção dos filmes e de vários artefatos adicionais como jogos, revistas, máscaras, colares, símbolos...²³¹.

No passeio coletivo da turma do Maternal I pelo bairro, para procurar gravetos que colocariam no chapéu e na vassoura da Bruxela, as crianças abandonam a condição de sujeito humano e de realidade, transformando o bairro em floresta. O currículo rizomático é produzido num acréscimo desordenado pela experimentação do espaço, pelo devir-bruxa das crianças. Elas percorrem o bairro em movimentos e busca de elementos que provocam uma percepção diferente deste território. O bairro é desterritorializado em bruxa, é capturado pela curiosidade das crianças-bruxas que reviram, sondam e se transpõem para um mundo embruxado, encantado. *As crianças são rápidas porque sabem deslizar entre*²³². Neste exercício, estranham e desordenam um lugar organizado da cidade, buscando refugos que se tornam componentes pertinentes às bruxas. Estes componentes passam a ser rearranjados num devir-bruxo do currículo. Tal experimentação pode ser considerada uma brincadeira, uma travessura. As crianças-bruxas transgridem as fronteiras fixas do lugar, numa prática mutante do espaço²³³. O espaço estriado torna-se liso. O *currículo-nômade* constitui um espaço liso, possibilitando a traquinagem, a travessura, a turbulência, o riso, a malícia, a dispersão, a entrada e a saída, a maldade de crianças. Estes traços aparecem no conceito de bruxa quando a Bruxela torna-se sapeca, esconde-se, escapa das crianças. (...) *O G e a D brincaram de esconder com ela mas quando bruxela se esconde ninguém acha porque ela é muito sapeca foi um dia maravilhosos*²³⁴.

O poder de esconder-se, de tornar-se invisível, de estar, ao mesmo tempo, em dois lugares, de deslocar-se em velocidades imperceptíveis aos humanos, consiste em um devir do conceito bruxa. *Nas fábulas a maga que controla o ingresso no reino dos animais é muitas vezes cega. (...) invisível para os vivos e igualmente incapaz de vê-*

²³¹ A conta bancária dos diretores do primeiro filme está recheada em 140 milhões de dólares faturados nos cinemas do mundo todo. No ano de 2000, foi lançado, no Brasil, o jogo para computador. Cf. *Jogo da bruxa milionária*. Revista Veja. São Paulo, Ed. Abril, 10 de novembro de 1999, p. 63.

²³² DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. *Diálogos...*, p. 42.

²³³ Conforme Certeau, há uma diferenciação entre espaço e lugar. Um lugar é a ordem segundo a qual se distribuem elementos, imperando a lei do próprio e fixando uma posição *os elementos considerados acham-se uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar próprio e distinto que define*. O espaço é um *cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram (...) Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades, velocidades e tempo*. O espaço é uma prática. Cf. CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 2001, v. 1, p. 201-202.

²³⁴ *Diário da Bruxela*, registro de 25 de maio de 2001.

*los*²³⁵. Isto indica a possibilidade de um outro modo de concepção das coisas e dos mundos que se deslocam da racionalidade e da demonstração científicas.

O que espantava era as feiticeiras, as bruxas, terem gerado um ser de verdade. Estes Filhos do Ódio tinham a *aparência da realidade*. Já foram vistos e ouvidos: qualquer um era capaz de descrevê-los. Ao contrário da Igreja, com seus anjos pálidos, quase desmaiados, translúcidos, que reduziam a fisionomia da humanidade a uma desolada semelhança, com a igualdade melosa de convento ou de sacristia, estes seres-filhos das bruxas, bastardos, malditos, procuravam e nunca repousavam. Agitavam-se da Terra ao Céu. Eram muito curiosos: reviravam, entravam, sondavam e metiam o nariz em tudo. Riam e zombavam. Recolhiam os refugos que o Céu jogava fora. A Igreja rejeitou a Natureza, como impura e suspeita. Satã apoderou-se dela, fez dela uma roupagem. Malditos os que riem! Nietzsche que o diga! Ele ria diante de algo que considerava repugnante, ignóbil, de causar nojo. Afirmava: *o homem começa a tornar-se interessante...* Eram momentos de riso dionisíaco. Uma alegria *revolucionária* sobressaía, ao invés de *angústias de nossos pequenos narcisismos ou terrores de nossa culpabilidade*²³⁶. Risos que traçam as linhas de fuga de um pensamento-nômade. E deram a Satã o monopólio do riso, proclamaram-no divertido e, assim, necessário. Como suportar a vida sem pelo menos rir, em meio a tantas dores?

O dom de conceder a vida consistia numa competência divina, e o rei e a Igreja, como intermediários e representantes de Deus na Terra, deliberavam sobre a morte e faziam purgar o sofrimento. A feitiçaria ocupava as brechas das máquinas burocráticas de Estado, atuando como uma potência de cura. As bruxas duvidavam de Deus. Elas faziam a vida surgir do solo, desterritorializando o céu.

As antigas deusas-pagãs, que posteriormente são chamadas de bruxas, eram consideradas protetoras das parturientes, aparecendo entre os seus símbolos uma criança envolta em panos²³⁷. As bruxas desafiam o poder de Deus porque possuem o conhecimento do parto. Este conhecimento se concretiza no ato do nascimento. Elas dão à luz na Terra. Na comunidade catarinense, os saberes e os segredos do parto compõem um momento iniciático importante para uma aprendiz de benzedeira. Um dos saberes a

²³⁵ GINZBURG, Carlo. *Histórias Noturnas...*, p. 131.

²³⁶ DELEUZE, Gilles. *Pensamento Nômade*. In: MARTON, Scarlett, p. 64.

²³⁷ Cf. GINZBURG, Carlo. *Histórias Noturnas...*, p. 111-113.

mais é o conhecimento do parto. *A benzedeira aparece como um misto de médico e sacerdote, uma doadora*²³⁸.

A Igreja, que via na vida apenas uma provação, evitava prolongá-la. Sua medicina era a resignação, a espera e a esperança da morte. Vasto campo para Satã. Ele curava os vivos através das feiticeiras. Esta mesma Igreja construíra, com pedra e cal, um pequeno lugar, estreito, de abóbada baixa, iluminado, através, de uma fenda, por uma luz mesquinha. A isso dava o nome de *escola*. E ali diziam: *Sede Livres! Pelo trabalho satânico das pessoas que romperam as abóbadas, pelo esforço dos condenados que queriam ver o céu*²³⁹, emergiu o Renascimento. Ele se produziu, mais longe das escolas e dos letrados, nas escolas clandestinas dos campos, onde Satã foi em busca das feiticeiras, das bruxas. Ensino que exaltava o desejo desmesurado de saber. Ali, começaram as ciências funestas, a farmácia proibida dos venenos e a execrável anatomia. O pastor, espião das estrelas, com a observação do céu, para lá levava suas receitas condenáveis, seus ensaios com os animais. As bruxas levavam um corpo do cemitério próximo... O único médico admitido ali por Satã – Paracelso – viu um terceiro personagem, que, por vezes, participava da assembléia sinistra e introduzia a cirurgia. Era o carrasco, o cirurgião da época, o homem que quebrava os ossos e sabia consertá-los, que torturava com ferro em brasa, que esquartejava, que matava e às vezes salvava, que enforcava. *A universidade criminosa da feiticeira, do pastor e do carrasco, em suas experiências que eram sacrilégios, incentivou a outra, forçou sua concorrente a estudar. Pois todos queriam viver. Tudo teria ficado com a feiticeira; ter-se-ia dado as costas ao médico para sempre! Foi preciso que a Igreja tolerasse e permitisse esses crimes. Ela admitiu que havia bons venenos. Permitiu, constrangida e forçada, a dissecação pública*²⁴⁰. Com tais vitórias, Satã estava certo de que viveria.

A medicina surge entre outros territórios marginais, conforme Paracelso: *As universidades não ensinam tudo, portanto, um médico precisa procurar as anciãs sábias, os ciganos, os bruxos e os feiticeiros de tribos, velhos ladrões e outros fora-da-lei para extrair deles conhecimento. Um médico precisa ser um viajante. onhecimento é*

²³⁸ Cf. MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos...*, p. 125-127.

²³⁹ MICHELET, Jules. *A Feiticeira...*, p. 37.

²⁴⁰ MICHELET, Jules. *A Feiticeira...*, p. 37.

*experiência*²⁴¹. A captura da medicina em ciência efetiva-se pela *máquina burocrática de Estado*. Jamais a Igreja, sozinha, poderia destruir o Diabo. A

Igreja, que odiava os médicos, assegurou seu monopólio em prol da extinção das bruxas. Nos tribunais da Inquisição, a medicina foi utilizada para desmistificar o poder da feitiçaria. O poder civil ou a organização da magistratura inseriu a questão médica como uma resistência ao poder eclesiástico da Igreja. Para a medicina, tanto a feitiçaria quanto a possessão são *fenômenos patológicos*²⁴².

No século XVI, a Igreja declara que, se a mulher ousar tratar, sem ter estudado, será considerada bruxa e, condenada, morrerá! Mas como poderia ela estudar publicamente? Que lugar teria a *pobre selvagem* se tivesse ousado entrar na escola? A feiticeira morre, assim, não só pelas mãos do inquisidor da Idade Média, mas pelas do médico, do botânico, do químico, do sábio naturalista, que roubam suas funções. O espírito de Satã estava em toda parte, mas perdendo as feiticeiras. Estava perdendo tudo, mas era ainda uma peça indispensável na grande máquina religiosa.

Quando Colbert²⁴³ destituiu Satã, proibindo os juízes de acatar os processos de bruxaria, o parlamento normando mostrou o alcance de tal decisão²⁴⁴. O Diabo era um dogma que se ligava a todos os outros. Duvidar dos atos do Diabo levava a duvidar dos atos de Deus, dos milagres que fez, precisamente, para combater o Diabo. As colunas do Céu têm os pés no abismo. O que abala essa base infernal pode provocar rachaduras no Paraíso.

A justiça e os tribunais deslocam-se dos territórios religiosos. Este abandono paralisa um mecanismo binário de afirmação divina. Novos territórios são delimitados para as ações legais. Seus contornos são definidos pelos princípios iluministas, constituindo o Direito como um campo do conhecimento. As bruxas, assim, voam para territórios literários, habitando mundos, por vezes, considerados ficção. A bruxaria passa a ocupar a literatura como um modo de permanecer às margens dos regimes de

²⁴¹ COLBERT, David. *O Mundo Mágico...*, p. 54.

²⁴² Cf. FOUCAULT, Michel. *Os Anormais...*, p. 284.

²⁴³ Jean-Baptiste Colbert, que serviu a Luis XIV, foi o iniciador de uma reforma penal na França. Nos decretos de 1667 e 1670, codificou e fixou o direito penal, instituindo que a bruxaria não seria qualificada como crime, na tentativa de encerrar brutalmente a caça aos bruxos locais. Assim, o Estado passa intervir legalmente na questão da bruxaria. Cf. SALLMANN, Jean-Michel. *As Bruxas: noivas de Satã*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2002, p. 119-124.

²⁴⁴ Colbert exigiu que os magistrados estabelecessem a materialidade da prova em um domínio em que isto era difícil de ser feito. Mas, a confusão de papéis entre o juiz de instrução e o magistrado do tribunal criminal, o sigilo da instrução, a ausência de advogado e o hábito da tortura foram mantidos. Na França, somente em 1780 o sistema da tortura começou a ser oficialmente demolido. No entanto, na prática, a tortura já tinha sido, de certa forma, abolida em todo lugar. Cf. SALLMANN, Jean-Michel. *As Bruxas...*, p. 71.

verdade. A poesia e a filologia do romantismo fizeram dos rituais de bruxaria um tema destinado a alimentar a imaginação de escritores e poetas.

Atualmente, a bruxaria ressurgiu positivada pelo mercado e inserida no esoterismo. O esoterismo, mais especificamente, a bruxaria é uma grande produtora de mercado. Inúmeras lojas esotéricas oferecem uma variedade de produtos, incluindo livros, manuais, essências, amuletos, enfeites, bonecas...²⁴⁵.

O discurso corrente para uma justificativa da prática da bruxaria hoje, configura-se como: *o uso da magia na busca da plenitude interior, no despertar interior, na busca de si mesmo. A obrigação final de uma bruxa seria a conquista da felicidade. O mestre esotérico é aquele que conduz até o Grande-mestre que habita o eu superior de cada um de nós. O contato com a bruxaria ocorre através da linguagem dos sentimentos e aos ataques sistemáticos às antigas verdades dos velhos deuses, enfrentando os apelos da instituição massificadora — a Igreja. A missão de uma bruxa é a de portar os segredos da magia, guardando os ensinamentos que foram se somando durante tantos séculos e entregando-os às gerações futuras. Nesta busca, não encontrará a verdade nos antigos livros de magia, mas nas pedras, no fogo, na água e no ar. Estes elementos é que irão conduzir a descoberta dos segredos da vida*²⁴⁶.

As pessoas que buscam o conhecimento da magia são classificadas como pessoas brilhantes: *algumas, já possuidoras de grandes conhecimentos sobre magia e outras simples donas-de-casa que trazem apenas uma inquietação interior. Estas pessoas buscam uma vida mais completa e significativa. As verdadeiras bruxas persistem e se transformam em pessoas felizes que irradiam todos os que a cercam com uma alegria interior e um permanente entusiasmo pela vida*²⁴⁷.

A *Golden Dawn — Alma Dourada — Fraterna Ordem Mística* é uma escola de magos com sede em Florianópolis. Esta escola aponta um caminho para o autoconhecimento. A magia é entendida como: *encanto, beleza e amor, uma comunicação com as energias puras, uma tarefa subjetiva. O maior objetivo da escola é a união*

²⁴⁵ Em uma conversa com uma mulher que se considera bruxa, proprietária de uma loja esotérica chamada *Lilith*, em Porto Alegre, ela relatou que, para abrir sua loja, realizou uma pesquisa de mercado para fazer tal investimento. A pesquisa indicou como possibilidade lucrativa a alimentação em primeiro lugar, os cosméticos em segundo e, em terceiro, o esoterismo.

²⁴⁶ SCHERER, Mário. *À Pequena Bruxa: iniciação à magia*. Porto Alegre, Sulina, 2001, p. 7. Este livro encontra-se na nona edição e já conta com 20.000 exemplares vendidos.

²⁴⁷ SCHERER, Mário. *À Pequena Bruxa...*, p. 10.

*universal com todos os seres na busca de equilíbrio, no encontro maior depositado na Grande Alma — a natureza, que o distribui generosamente a quem buscar*²⁴⁸.

O conceito de bruxa delineado nesta escola afirma que: *Ser bruxo, um feiticeiro ou uma sacerdotisa é um grande compromisso com a vida, é um ato de coragem e de amor. Conhecer os segredos da magia, as vozes do invisível, o canto das fadas e o encanto dos seres do mundo paralelo são novas formas de viver, de envolver-se e de amar. Ser bruxa é superar a ilusão de que se vive à parte das outras expressões de vida, aprendendo a ver todos os seres num conjunto do qual participa, independentemente do conceito que faz das formas, tamanhos e reinos a que supostamente pertencem. Toda a bruxa é portadora do ‘Livro das Sombras’, que é um registro dos rituais e acontecimentos mágicos, uma espécie de diário esotérico*²⁴⁹.

Adeptos da religião *Wicca*, espalhada por todo o país, consideram esta religião como uma nova forma de velhas tradições. As bruxas *Wicca* celebram a natureza e o Grande Espírito, que é o aspecto de Deus. Este é masculino e feminino. O masculino é representado pelo Sol e o feminino pela água. Iemanjá é uma das formas da Deusa. As bruxas *Wicca* são pessoas comuns, já nascem bruxas, mas um dia, descobrem que são bruxas. Elas acreditam na vida após a morte. Homens, também, podem ser *Wicca*, são os sacerdotes. O grande símbolo da religião *Wicca* é o pentagrama: uma estrela de cinco pontas²⁵⁰.

A bruxaria, reterritorializada no esoterismo, ressurgiu desestabilizando a religião católica na qualidade de religião oficial, bem como a ciência com suas formas de classificação e representação do mundo. Suas práticas, freqüentemente, são enquadradas numa medicina “alternativa” que concorre com as prescrições médico-científicas. Este movimento, também, aparece no *Diário da Bruxela: (...) Quando era criança, lembro que a bruxa era assustadora e má, mais tarde já adulta, participando de palestras, indo à casas esotéricas, lendo sobre o assunto em revistas e livros, descobri que elas são nossas amigas e protetoras*²⁵¹.

Em São Paulo, existe a primeira *Universidade Livre de Bruxaria*. O curso é realizado durante treze meses e um dia. O princípio da Universidade é o da *harmonia com a*

²⁴⁸ SCHERER, Mário. *À Pequena Bruxa...*, p. 2.

²⁴⁹ SCHERER, Mário. *À Pequena Bruxa...*, p. 12-31-19.

²⁵⁰ Cf. Reportagem intitulada: *Bruxas*. Veiculada no programa *Fantástico*, Rede Globo de Televisão, em 05 de janeiro de 2002.

²⁵¹ *Diário da Bruxela*, registro de 20 de agosto de 2000.

natureza e com as outras pessoas. As bruxas aprendem a organizar altares e rituais. O currículo é composto pelos seguintes temas: tarô, runas, massagens, rituais, magias e culinária. A bruxa-reitora que fundou a Universidade afirma que para organizar o curso baseou-se nos saberes de sua avó e em pesquisas. As alunas são advogadas, empresárias, artistas plásticas, donas de casa. O lema da Universidade é: *Viver é uma grande magia, tudo que é feito com fé é magia, basta acreditar.* Em depoimento, duas alunas-bruxas afirmam: *as bruxas modernas estão em toda parte, e, no Halloween, ocorre uma quebra nos véus que separam os mundos: o mundo dos vivos e o mundo dos espíritos.* Segundo o texto da reportagem, esta data, além de ser considerada o *Dia dos Mortos* e o *Dia das Bruxas*, marca o início do *Ano Bruxal*²⁵².

Em reportagem veiculada pela imprensa, um casal de magos comanda uma escola de magia. Esta escola oferece mais de quarenta cursos e receita poções para ganhar dinheiro, arrumar emprego e ter sorte no jogo. Os cursos acontecem em São Paulo, com até um dia de duração como: *Pensamento Mágico*, *Espelho Mágico* e *Mago Exorcista*. Estes cursos são independentes e complementares: *Quanto mais a pessoa fizer, mais conhecimento e poder terá.* A escola já atendeu mais de três mil alunos. *Depois o aspirante a mago poderá se aprofundar na sede do Imagick — nome da escola — em São Tomé das Letras (MG).* Junto ao local da sede da escola, foi construída uma pousada para cinquenta pessoas. O casal fundador, formado por um engenheiro civil e uma psicóloga, estuda cabala, alquimia e magia. Eles afirmam: *O instrumento máximo da magia é a mente e o mago treina a própria vontade para conseguir sucesso pessoal até a realização de milagres*²⁵³.

A bruxaria busca equivalentes que garantam o mesmo reconhecimento e estatuto da ciência. Para tanto, funda escolas, universidades, cursos, especializações. Concomitantemente, estende-se às ofertas mais diversificadas no mercado, as quais vão de inúmeros objetos a hotéis destinados para “aspirantes de magos”.

O fenômeno editorial, a série de romances do menino-bruxo, *Harry Potter*, é um sucesso estrondoso. No mundo todo, a série rendeu trinta milhões de exemplares. Este número supera, em muito, a produção anual de livros juvenis no Brasil, segundo a Câmara Brasileira do Livro. Nos Estados Unidos, onde a febre alcançou suas maiores

²⁵² Cf. Reportagem veiculada no *SBT Notícias*, Sistema Brasileiro de Telecomunicações, em 31 de outubro de 2002.

²⁵³ FARAH, Fábio. *Casal Harry Potter*. Revista Isto é Gente, São Paulo, 07 de julho de 2003, p. 51-52.

proporções, *Harry Potter* provocou uma revolução no mercado. Os três livros do mago foram parar no topo da lista de *best-sellers* do Jornal *New York Times*²⁵⁴. Milhões de exemplares, em língua inglesa, do último volume da série foram vendidos somente no final de semana de seu lançamento. Este lançamento, simultâneo, ocorreu em vários países e cidades do mundo inteiro. A ansiedade marcava os rituais para abrir a primeira página do livro, numa sexta-feira, quando era meia-noite em Londres. Foram realizados concursos, onde o menino mais parecido com o *Harry* teria direito de ser o primeiro a alcançar tal façanha. As crianças fantasiadas de *Harry*, adolescentes e pais formavam filas de quarteirões para conseguirem seus exemplares²⁵⁵. O lançamento foi notícia em vários veículos de comunicação no mundo. Este lançamento planetário indica uma das magias de *Harry Potter* que é *não deixar ninguém se esquecer dos seus interesses comerciais. (...) Para um agente do capitalismo internacional globalizado, Potter funciona como as mesmas armas viróticas de 'Matrix' e de certas bandas de rock: explora, por contágio, a síndrome dos rebanhos humanos. Potter para crianças; U2 para adolescentes; Paulo Coelho para adultos espirituais; 'Matrix' para 'intelectuais'. É uma cadeia que deve começar na infância*²⁵⁶. Entretanto, alguns destes agentes globalizados, também, geram movimentos de desterritorialização quando tensionam os limites e os efeitos do capitalismo, ironizando o humano, atravessando outros planos do pensamento.

As ordenadas intensivas que compõem o conceito de bruxaria delimitam contornos irregulares. O roubo consiste em um traço intensivo, uma ponte, uma ligadura que conecta os conceitos de bruxaria e pirataria. A bruxaria transpõe e traça outros planos, realizando uma passagem do céu para o mar. Ela se transmuta em pirataria através do roubo. Bruxa que rouba o barco e viaja, em diferentes velocidades, para outras superfícies, para outros mundos: *Há muitos anos, Balduino da Prudência, pescador da Lagoa da Conceição, percebeu, numa sexta-feira, que sua lancha fora utilizada, embora ele a tivesse fechado à chave em seu abrigo. Alguns comentários na comunidade davam conta que diversas crianças estavam adoentadas, vítimas de terríveis bruxas, que à noite sugavam o sangue daqueles inocentes. Balduino percebeu*

²⁵⁴ Cf. Revista Veja, São Paulo, Ed Abril, 12 de abril de 2000, p. 50-51.

²⁵⁵ Cf. GUTKOSKI, Cris. *O bruxinho cresceu e não perdeu a magia*. Zero Hora, Segundo Caderno, Porto Alegre, 26 de junho de 2003, p. 6-7.

que sua embarcação estava sendo utilizada pelas mesmas criaturas maléficas e armou um plano para surpreendê-las. Numa sexta-feira, escondeu-se na lancha, em um lugar em que poderia ver sem ser visto. Não demorou a perceber um bando de vozes e, surpreso, viu que um grupo de horrendas criaturas, todas mulheres, lideradas pela mais velha, apossou-se da embarcação e partiu com esta para o mar em velocidade indescritível. A bruxa-chefe reclamou, mais uma vez, que havia “sangue real” a bordo, mas a bruxa que estava perto de Balduino, que ele reconheceu como sua prima e comadre, o protegeu mudando de conversa sempre que a chefe falava. A lancha rapidamente chegou a uma terra estranha, onde todas desceram. O pescador desceu também, sem ser visto, e recolheu uma porção de areia e um ramalhete de rosas, voltando antes das bruxas para o seu lugar. Nova viagem rápida, novas reclamações da chefe sobre estranhos a bordo, e novamente, Balduino foi salvo pela sua parente comadre. Na chegada, a lancha foi guardada em seu lugar. Dias depois, apareceu na casa de Balduino a sua salvadora a quem o dono da casa mostrou as flores e a areia, que foi reconhecida como sendo da Índia, quase do outro lado do mundo (...)”²⁵⁷.

Bruxa que voa para o mar, transformando-se em tempestades. Bruxas que atravessam as fronteiras dos conceitos, dos territórios e dos planos. Devir-bruxo capturado, também, nos movimentos do Roberto, em um currículo-pirata.

²⁵⁶ SILVA, Juremir. M. *O bruxo do Marketing*. Correio do Povo, Porto Alegre, 02 de junho de 2003, p. 4.

²⁵⁷ *As Bruxas Roubam a Lancha Baleeira de Pescador da Ilha*. Síntese de Conto Homônimo de Franklin Cascaes. Texto extraído de um painel do *Museu Nacional do Mar: embarcações brasileiras*. Fundação Catarinense de Cultura, São Francisco do Sul, Santa Catarina, Brasil.

Ode Marítima
Fernando Pessoa

Piratas do tempo de Roma! Navegadores da Grécia!
Fenícios! Cartaginenses! Portugueses atirados de Sagres.
Para a aventura indefinida, para o Mar Absoluto, para realizar o Impossível!
(...)

Ah, ser tudo nos crimes! Ser todos os elementos componentes
Dos assaltos aos barcos e das chacinas e das violações!
Ser quanto foi no lugar dos saques!
Ser quando viveu jazeu no local das tragédias de sangue!
Ser o pirata-resumo de toda a pirataria no seu auge.
E a vítima-síntese, mas de carne e osso, de todos os piratas do mundo!
(...)

Ó meus peludos e rudes heróis da aventura e do crime!
Minhas marítimas feras, maridos da minha imaginação!
Amantes casuais da obliquidade das minhas sensações!
Queria ser Aquela que vos esperasse nos portos.
A vós, odiados, amados do seu sangue de pirata nos sonhos!
Porque ela teria convosco, mas só em espírito. Raivado
Sobre os cadáveres nus das vítimas que fazeis no mar!
Porque ela teria acompanhado vosso crime, e na orgia oceânica
Seu espírito de bruxa dançaria invisível em volta dos gestos
Dos vossos corpos, dos vossos cutelos, das vossas mãos estranguladoras!

E ela em terra, esperando-vos, quando viésseis, se acaso viésseis.
Iria beber nos rugidos do vosso amor todo o vasto.
Todo o nevoento e sinistro perfume das vossas vitórias,
E através dos vossos espasmos silvaria um *sabbat* de vermelho e amarelo!
(...)

Navegadores-piratas

O descuido com a bússola e o astrolábio é uma negligência vista a toda hora em nossos navios, porque muitos marujos se negam a obedecer à ciência. Não conheço nada mais importante a ser corrigido com urgência. Um bom timoneiro pode ser tomado pela imaginação, enganando-se de direção. Acha que vai para um ponto e chega noutra bem diferente, mas não demora muito a se dar conta. O compasso também erra, o que pode ser depreendido e corrigido por um segundo piloto mais atento a tudo o que acontece. Ao sabor do vento, sem ler os instrumentos, o homem do mar sabe prever as conseqüências do que se pode evitar, quando alguém vigia e aconselha o piloto na direção certa. Richard Hawkins — um Pirata da Rainha.



oucos são os movimentos que ativam saberes em *Registros de Roberto*, uma vez que são precedidos por um direcionamento para *mensagens e/ou histórias de vida*. O pirata Roberto, freqüentemente, aparece como uma figura estética que gera alegria, felicidade, paz e amor no território doméstico. Entretanto, há circunstâncias em que ele provoca linhas de fuga deste território, apontando outras possibilidades como uma saída da realidade: *E nestes dois dias com a visita de “Roberto” podemos sair um pouco da realidade*²⁵⁸. Nestas ocasiões, o pirata traça o devir do conceito, associando-se ao navio, ao tesouro, ao segredo, ao fantasma, ao roubo. Ele navega no mar, provocando o cruzamento de diferentes universos.

O pirata-navio transforma-se em máquina de navegar. Os navios, os barcos, engendram arranjos heterogêneos, coletivos, polifônicos que misturam elementos humanos e não-humanos: *Estranha e imprecisa essa definição do que é um “navio feliz”. Acredito que começa pela sua força interior, mas passa sempre pelo espírito das pessoas que trabalham ou vivem nele. (...) centenas e centenas de histórias, casos, acidentes engraçados, carinho, que demonstravam que nenhum barco se faz sozinho, ou que uma tripulação de um só não é solitária. (...) barcos são seres imprevisíveis que às vezes gostam de inventar problemas ou mudar de rumo sem muitas explicações*²⁵⁹. Estas naves combinam traços diagramáticos e intensivos, deslizando em diferentes planos, no

²⁵⁸ *Registros de Roberto*, em 11 de setembro de 2001.

²⁵⁹ KLINK, Amyr. *Paratii: entre dois pólos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 90-91-124 e 40.

mar, no pensamento, na educação. *Alguns navios — e idéias — às vezes são tão fortes que não necessitam de tripulação para cruzar um oceano*²⁶⁰.

A navegação data de tempos remotos. Os antigos modos de navegação abarcavam estudos dos mecanismos dos ventos e das correntes marítimas. Enquanto arte – prática que envolve conhecimentos – a navegação consiste em uma máquina acoplada a outras máquinas, ligando rotas comerciais, continentes, investimentos políticos, crenças e mitologias²⁶¹. Este tipo de navegação produz uma experimentação que instaura um espaço liso em movimentos direcionais, porque produzem linhas. A costa se estria em pontos de referência, sem impor-se sobre o mar. Nestes movimentos de navegação, é impossível fixar um ponto no mar.

Nos tempos modernos, a navegação conecta-se aos cortes-fluxos que provocam rupturas com a ordem feudal. Ela consiste em um produto de inventos, instrumentos, técnicas e tecnologias como efeitos do conhecimento científico. Estes inventos possibilitaram o estriamento do mar, marcando posições. Nesses movimentos de cortes-fluxos, ocorre a desterritorialização da costa em direção ao “mar tenebroso”²⁶².

As caravelas portuguesas representaram um notável avanço em relação às antigas embarcações, ao introduzirem, no início do século XV, as primeiras velas triangulares ou latinas, que possibilitaram a navegação oceânica. O mar é reterritorializado pela ciência, medido pela astronomia e disputado pelo Estado. O desdobramento político resultante da constituição do Estado canaliza novos

²⁶⁰ KLINK, Amyr. *Paratii...*, p. 198.

²⁶¹ Os *Vikings*, cinco séculos antes de Colombo, alcançaram a América e os fenícios, muito antes, expandiram sua rotas de comércio, contornando a África.

²⁶² Em 1434, Gil Eanes venceu o famoso Cabo Bojador. Após anos seguidos de tentativas frustradas, a expansão portuguesa avançou, com notável rapidez, até o Golfo da Guiné. A partir daí, o reconhecimento da costa africana em direção ao sul foi lento e difícil. *A corrente de Benguela e os ventos alísios de sudeste sobem fortes a costa da África, constituindo firmes obstáculos para os barcos que seguissem costeando em direção ao sul. O caminho para as Índias só foi descoberto quando, mudando de tática, os navegadores portugueses se afastaram do continente em direção a oeste, adentrando o mar tenebroso para evitar os ventos contrários e a corrente de Benguela, e assim, poderem baixar para o sul.* O primeiro a adotar a arriscada rota, numa época em que se navegava pela costa, de porto em porto, foi Diogo Cão. Quando perder de vista a terra era exceção, ao guinar novamente para o leste, depois de semanas sem ver terra, alcançou a Costa dos Esqueletos em 1485, no cabo que hoje é chamado Cape Cross. Este navegador abriu a porta do mar sem fim para que Bartolomeu Dias descobrisse o Cabo da Boa Esperança e Vasco da Gama, o caminho para as Índias. Na rota de ambos, o Brasil estava mais perto do que a África. Por esta razão, pode-se dizer que Cabral, quando seguia para as Índias, não aportou aqui por acaso. Aliou uma tática de navegação ao interesse de investigação e reconhecimento das terras que, já se sabia, existiam a oeste. Vasco da Gama passou noventa e sete dias sem avistar terra até alcançar o Cabo, depois de uma grande volta e um longo afastamento que o trouxe muito perto de antecipar o feito de Cabral. Cf. KLINK, Amyr. *Cem dias entre o céu e o mar*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 70-72.

investimentos e investidas para além das fronteiras européias. O domínio destas novas regiões e das rotas intercontinentais estabelece ligações econômicas e acúmulo de capital, propiciando transformações radicais no contexto europeu. O triângulo dos escravos entre Europa, África e América; a rota do tabaco, açúcar, rum e algodão; o caminho das especiarias e tantas ligações econômicas entre os continentes estiveram sempre associadas aos avanços na arte de navegar.

As práticas em zonas desconhecidas fazem da navegação um alargamento das fronteiras do conhecimento, bem como uma garantia de novos domínios geográficos e econômicos. A navegação produz uma nova relação com o mundo, desterritorializando a cosmogomia teocêntrica ao assegurar, pelos referentes fundamentados na razão, a sustentação e a autoridade do sujeito do conhecimento. *Os navegadores de então, que guardavam a sete chaves os segredos do cálculo da latitude, em parte como forma de manutenção da autoridade nos navios, podiam calcular em que altura se encontravam, em relação ao equador, e por isso eram capazes de alcançar um determinado ponto geográfico conhecido; mas tinham sérias dificuldades para avaliar o quanto estavam afastados desse ponto em graus de longitude e quando nele chegariam*²⁶³.

Os navegadores alcançam terras tão distantes, unem continentes e depois regressam com ventos soprando a favor na ida e, simplesmente, nunca retornando pelo mesmo caminho. Acompanhando o movimento circular dos anticiclones e aproveitando-se de variações locais e sazonais, o caminho de volta, às vezes, é mais longo, mas existe. A navegação afirma a multiplicidade num exercício inusitado que nunca opera pelo retorno ao Mesmo. Ela cruza o acaso, numa composição de elementos heterogêneos. Neste sentido, os navegadores são aventureiros. Eles lidam com o desconhecido e o imprevisível. Muitos de seus trajetos não são preestabelecidos e, quando o são, na maioria das viagens, sofrem desvios por diferentes acontecimentos. Acontecimentos climáticos, geográficos, acidentes, epidemias a bordo, descuidos com os instrumentos de navegação, imprecisão nos cálculos de latitudes... Sua cartografia se dá no *acontecendo*. Os navegadores, apesar de amparados pela ciência, através dos

²⁶³ KLINK, Amyr. *Cem dias...*, p. 73.

instrumentos de navegação, desconfiam da certeza produzida pelo conhecimento, desterritorializando-a na passagem para outros planos possíveis.

Os estudos dos ventos e das correntes constituem saberes que atravessam acontecimentos. Estes saberes interceptam fluxos e produzem outros, em novas direções, sentidos, intensidades e velocidades. Fluxos políticos, econômicos e sociais da época que implicam em novas maneiras ético-estética-políticas de conceber o mundo.

A pirataria surge neste contexto, como uma linha de fuga que escapa dos domínios da coroa. Frequentemente, é reconhecida como uma prática característica da Inglaterra, mas a pirataria não se restringe a este país. Em diferentes épocas e continentes, navios cargueiros de vários países vivem sob a ameaça de ataques de saqueadores armados que agem em alto-mar: os piratas.

Os piratas desterritorializam os navegadores, capturando os navios, avizinhandose com outros componentes, adquirindo consistência. O devir *currículo-nômade* possui traços dos navegadores que disparam práticas de abandono da terra firme para singrar em outros mundos. Estes traços ligam-se aos piratas quando, por assaltos, fogem do planejado em efêmeros movimentos que tendem a se reterritorializar no conhecimento e nos conteúdos do *currículo-programa*. Em *Registros de Roberto*, o conceito de pirata aparece conectado a (...) *uma pessoa famosa que andou em diversos mares, assaltou vários navios e castelos em busca de ouro, jóias (...)*²⁶⁴.

A pirataria consiste em desvios sujeitos a inúmeras forças que modificam os trajetos marítimos: forças das velocidades e lentidões dos ventos, forças das marés e das correntes, forças da Inquisição preconizada pela coroa espanhola — que dominava econômica e politicamente o mundo; além das forças decorrentes de todos os perigos que se corre em territórios inimigos. A emergência da pirataria ocupa uma lacuna nas relações de forças e poderes entre Estados modernos que disputam, com bases científicas, terras e domínios no além-mar.

As práticas de pirataria são capturadas pelas forças da coroa britânica que passa a incentivar atos de agressão às possessões ultramarinas. Simultaneamente, cria instituições como as *Piracy Commissions*, com a finalidade de condenar o apoio e a proteção aos piratas por outros receptadores, mercadores ou cidades da costa britânica, que interceptassem a exclusividade dos ganhos oficiais da coroa sobre percentuais nos

²⁶⁴ *Registros de Roberto*, em 06 de setembro de 2001.

saques e pilhagens. A função dos trajetos dos piratas é demarcar a latitude do desconhecido e do conhecido, delinear, com precisão, suas costas e terras maiores, indicando nos mapas o ponto exato dos portos, baías, cidades, entrepostos e vilarejos. (...) *para detectar erros na localização de portos ou costas não há outro sistema senão a experiência. Primeiro, os marujos nos informam os desvios*²⁶⁵. Nestes trajetos, também, conhecem como os povos são governados e as mercadorias que as terras oferecem ou necessitam, as coisas que têm ou de que mais sentem falta. Desta maneira, os piratas transformam-se em pesquisadores.

Uma das possibilidades de desterritorialização pelas práticas de pirataria, consiste na reversão do conhecimento quando institui o devir-pirata. Este devir pode possibilitar o atravessamento das fronteiras disciplinares, criando novas posturas que roubam o conhecimento, ativando a circulação de idéias e de saberes. (...) *Na primeira obra localizaremos as cidades, as cordilheiras, os rios e os mares conhecidos. Isto é, somente aquilo que seja certo, que nos tenham comprovado com segurança. Na segunda obra, colocaremos tudo o que tivermos aprendido, seja verdadeiro ou falso. Toparemos com muitas lendas e fantasias, e não é preciso dizer que cometeremos muitos erros. Mas deixaremos uma compilação única do saber humano. Os navegadores e mestres de amanhã se encarregarão de separar o autêntico do imaginado*²⁶⁶.

O devir-pirata institui diferentes modos de perceber e interagir com os acontecimentos. Ávido pela pesquisa e pela transversalização de saberes, lança-se em busca de novos mundos, atento às singularidades e aos elementos não-humanos e humanos que compõem universos inusitados, imprevisíveis e desconhecidos. (...) *No Atlas Real, as inscrições e miniaturas apareciam espaçadas, porque tínhamos conservado apenas as ilustrações que acreditávamos corresponder à realidade. Era uma autêntica cartografia. No Proibido, além dos dados confiáveis, havíamos incorporado grandes novidades, terras desconhecidas e meras suposições (...) condensar o mundo num único mapa, por mais magnífico que fosse, era impossível*²⁶⁷.

Amyr Klink menciona sua curiosidade conectada à pesquisa como forma de transversalizações de saberes e pirataria: *Muitos pequenos veleiros que vêm do outro*

²⁶⁵ BOSCH, Alfred. *O Atlas Proibido*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001, p. 39.

²⁶⁶ BOSCH, Alfred. *O Atlas Proibido...*, p. 57.

²⁶⁷ BOSCH, Alfred. *O Atlas Proibido...*, p. 117.

lado do Atlântico, em viagens de volta ao mundo, costumam fazer escala em Paraty e na Ilha Grande. Não perdia um que se aproximasse. Aos poucos, em verdadeiras abordagens e pequenas “piratarías” para trocas de livros, minha jovem biblioteca foi engordando, até que um dia consegui uma coletânea dos desenhos (...) do famoso projetista do Fram²⁶⁸.

A pirataria incita práticas de busca, de pesquisa, disparada pela curiosidade, positivando o roubo e a pilhagem. Práticas que encarnam um *currículo-nômade*. O devir-pirata do currículo desencadeia ações conectadas à curiosidade das crianças. Elas questionam, buscam e experimentam. Na *Escola Municipal Infantil Humaitá*, por ocasião da Festa Junina, surge o interesse pela comida dos piratas. Um dos livros utilizados pela professora mostra alguns alimentos que fazem parte da dieta dos piratas, contendo uma receita das bolachas à base de farinha e água²⁶⁹. Este alimento é preparado e saboreado pela turma. As crianças mergulham num devir-pirata que se alimenta, confeccionando suas bolachas e provando sua consistência. Elas separam uma porção para observar a sua durabilidade.

O conceito de pirataria apresenta diversos elementos que são enfatizados conforme variações espaço-temporais e investimentos políticos, atribuindo variadas dimensões éticas e estéticas aos piratas. Enquanto conceito, o pirata produz-se inseparavelmente dos acontecimentos, ou seja, muta conforme os acontecimentos.

Em diferentes partes do mundo, os piratas recebem nomes bem específicos. Os *bucaneiros*, que inicialmente ganham fama como caçadores de animais selvagens, aderem à pirataria no século XVII, assaltando navios no Mar das Antilhas. Os *flibusteiros* também agem na mesma área durante os séculos XVII e XVIII. Entre 1500 e 1800, há os *corsários*, que têm permissão de seu país para atacar navios de outras nações, e só são perseguidos quando deixam de dividir o saque com seu soberano. Muitos corsários atuam no Mar Mediterrâneo, sendo os mais famosos os *berberes* mulçumanos, que se utilizam de portos do norte da África.

Na Espanha, para um espanhol que arma um navio e sai a explorar o mundo, fazendo fortuna pela apropriação de riquezas encontradas a bordo de embarcações e portos dos países inimigos, o pior a lhe acontecer é ver seu galeão cair nas mãos de uma armada de seu próprio país. A coroa espanhola não admite a formação de esquadras

²⁶⁸ KLINK, Amyr. *Cem dias...*, p. 131-132.

particulares. A lei impede qualquer um de preparar um navio em seus portos para fazer uma grande viagem sem o pagamento, adiantado, de impostos exorbitantes. Toda a proteção em alto-mar é provida por armadas, onde os barcos e soldados são pagos pela corte.

O espanhol pego no comando de um navio em guerra, sem a comissão do rei, é enforcado no mastro principal de seu barco. A seu lado, ficam pendurados os corpos de todos os seus mestres condenados como piratas. A pena para quem se arrisca em evadir o fisco é, sem exceções, a condenação por pirataria nos Tribunais da Inquisição. Os julgamentos eram sumários, quase sem direito à defesa. A sentença, invariavelmente, é a mesma estabelecida para os corsários estrangeiros: enforcamento em praça pública²⁷⁰.

Todo o navegador que sai da vigilância e da ação do Estado passa a ser considerado pirata. Esses navegadores, enquanto agentes da máquina burocrática de Estado, quando escapam dos seus limites, tornam-se tão ameaçadores quanto às bruxas, merecendo punições igualmente severas. Os piratas indicam um Mal diferente das bruxas porque elas nunca se submetem ao poder do Estado. Os piratas utilizam-se do conhecimento e da máquina estatal para romper com os limites, usurpar e desviar suas riquezas.

Na Inglaterra, é muito diferente. *Uma vez proclamada a guerra, qualquer cidadão tinha liberdade de lutar com seus próprios barcos. Tinham, entretanto, que armá-los e mantê-los sem auxílio pecuniário da coroa. Uma vez bem equipados e tripulados, os barcos eram inspecionados e autorizados a sair pelo mundo, causando prejuízos a tudo o que pertencia ao país inimigo. Os impostos só eram pagos na volta e calculados em proporção ao lucro*²⁷¹. A lei permite aos navegantes apossarem-se do que quiserem, entregando um quinto das riquezas conquistadas aos cofres da Marinha, quando da volta ao porto de origem. Também capacitam os comandantes de navio ou frota a tratarem como bem entendem as coisas e os homens apreendidos. Alguns destes homens que iam à guerra em busca de fortuna, glória e aventuras, tinham sido piratas, antes de se tornarem bons soldados. Provando seu valor no calor da batalha, ficam perdoados das suas dívidas para com a Justiça, apagando as más ações de seus

²⁶⁹ Cf. SPENCE, David. *Piratas! ...*, p. 17.

²⁷⁰ Cf. SAN MARTIN, E. *A viagem do pirata Richard Hawkins: história autêntica da era dos descobrimentos*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2001, p. 404-405.

²⁷¹ SAN MARTIN, E. *A viagem do pirata...*, p. 404.

passados²⁷². Os piratas desterritorializantes, que traçam linhas de fuga, são reterritorializados, capturados como soldados da coroa.

Uma mutação da pirataria ocorre pela sua absorção como ação estratégica de um Estado-nação. Ao mesmo tempo em que a pirataria consiste em uma linha de fuga que alarga as fronteiras e dilui os limites e os acordos oficiais do colonialismo, ela se reterritorializa em uma empresa que corrobora para o acúmulo de capital e para o fortalecimento do Estado. O pirata, reconhecido como pagador de impostos, passa a ser chamado de soldado.

Pirata ou corsário é alguém que, em tempos de paz ou suspensão de hostilidades entre principados, pilha, rouba e tira proveito de navios vindo de países sem conflito com o seu. Também são considerados piratas todos os empreendedores desonestos que traficam e colhem, pilhando inocentes sem licença ou aprovação de seus príncipes. Já, os *Piratas da Rainha* atuam nas guerras e, toda a guerra, por princípio, implica em assaltar navios de países inimigos. Muitos povos acusam de piratas aqueles que cobram resgate pelos barcos capturados ou pela vida de alguém importante reconhecido a bordo. A cobrança de resgate por navios apreendidos pela força do canhão, porém, é uma atitude considerada honrosa e proveitosa para os presos que podem comprar de volta a liberdade e a embarcação. Considerada traiçoeira é a detenção de surpresa de navios ingleses em portos espanhóis, condenando metade da tripulação aos Tribunais da Santa Inquisição.

Em tempos de paz, é notório que, comparada com as práticas de outros países, a pirataria é mais duramente combatida na Inglaterra do que em qualquer outro reino cristão. Em momento algum, homens que se orgulham em defender e até morrer pelos seus príncipes, podem ser confundidos com a ação, classificada como traiçoeira, de piratas sem lei e sem pátria à procura de ganho e lucro fácil.

A traição liga-se ao imprevisível. As reações dos piratas escapam às condutas previstas. Eles borram a verdade, tornam as informações inseguras, criam novas estratégias que desestabilizam quem busca controlá-los. As embarcações-piratas são traiçoeiras, chamadas de navios-fantasmas, já que surgem inesperadamente. O navio-fantasma é o não-identificável que transita e utiliza o mar, positivando os obstáculos geográficos e/ou climáticos. Ele transforma rochedos, névoas, brumas, nuvens,

²⁷² SAN MARTIN, E. *A viagem do pirata...*, p. 405.

correntes, ventos em elementos facilitadores de seus investimentos, empreendendo ações surpreendentes, acontecimentos inusitados. *O fantasma-acontecimento é inseparável do lance de dados (...) se distingue do estado de coisas correspondente, real ou possível. O fantasma não representa uma ação nem uma paixão, mas um resultado de ação e de paixão, isto é, um puro acontecimento. (...) é um fenômeno de superfície, muito mais um fenômeno que se forma em um certo momento no desenvolvimento das superfícies*²⁷³.

A perseguição do navio inglês pela embarcação americana no Pacífico, relatada por Melville²⁷⁴, afirma a transformação do inimigo em fantasma, já que escapa ao reconhecimento e ao controle, deslizando, imprevisivelmente, nas águas entre as Ilhas Encantadas. (...) *o navio retido pela calmaria foi repentinamente movimentado por uma forte corrente em direção de Roc e ele [capitão do Essex] percebeu, então, uma estranha vela que, vítima dos sortilégios reinantes nestas paragens, parecia se dobrar sob o vento violento, enquanto que o Essex ficava sem movimento como que enfeitiçado(...)*²⁷⁵. (...) *Este navio enigmático, americano de manhã e inglês à tarde — todas as velas desfraldadas por uma calmaria — não apareceu jamais. Um navio encantado, sem dúvida alguma. Pelo menos é o que julgaram os marujos que fizeram as manobras do navio [Essex]*²⁷⁶.

No filme *Piratas do Caribe – A maldição do Pérola Negra*, o fantasma, também, está relacionado à transposição para outros mundos, para o mundo dos mortos. Na trama, os piratas estão submetidos a uma maldição, mutando conforme a luz. Durante o dia, são homens e, durante a noite, ao luar, tornam-se esqueletos esfarrapados. Assim, eles transitam em diferentes superfícies, navegando nas águas e caminhando nas profundezas do mar, gerando ataques inesperados²⁷⁷.

²⁷³ DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1998, p. 217-223.

²⁷⁴ Cf. MELVILLE, Herman. *Les Îles Enchantées*. Paris: GF – Flammarion, 1989.

²⁷⁵ MELVILLE, H. *Les Îles Enchantées...*, p. 93. A tradução dos fragmentos desta obra, utilizados nesta Tese, é de Adele Gallicchio.

²⁷⁶ MELVILLE, H. *Les Îles Enchantées...*, p. 94.

²⁷⁷ Este filme é uma produção da *Walt Disney*, dirigido por Gore Verbinski, lançado no Brasil, juntamente com o desenho animado *Sinbad: a lenda dos sete mares*, em setembro de 2003. Estas produções, dirigidas para diferentes públicos, indicam uma retomada da exploração do tema.

As diferentes caveiras utilizadas nas bandeiras das embarcações-piratas visam marcar a presença e a possibilidade da morte. Elas consistem em afectos, cujos efeitos implicam na produção do medo, como uma diminuição de potência. Este afecto é ignorado no *Registros de Roberto*, desterritorializando o pirata em portador da paz, do Bem e de poderes divinos.

O conceito de pirata conecta-se ao segredo. No *Registros de Roberto*, o segredo do pirata encontra-se armazenado na garrafa, abrindo inúmeras possibilidades de acontecimentos: (...) *ele já estava lá em casa com a garrafa na mão e minha mãe falou vai dar uma volta com ele na cancha do colégio e leve os cachorros para brincar com ele e volte 6h.. Porque o segredo da garrafa será desvendado quando a rolha cair*²⁷⁸. O devir pirata-segredo consiste no domínio de um tipo de informação. Esta permite a seu detentor marcar a latitude, assinalando um ponto de localização no mar. O segredo confere ao pirata uma posição privilegiada, merecendo o reconhecimento e a autoridade frente aos seus marujos. Os piratas sem-pátria, desviadores de impostos, fugitivos da justiça, têm seus trajetos e esconderijos, estratégias de ataque e diários de bordo secretos. Somente os letrados autorizados possuem acesso a estes registros. Para os piratas, o segredo abriga as linhas de fuga, enquanto que para os navegadores, o cálculo da latitude — guardado a sete chaves —, constitui-se em um saber que garante poder sobre a tripulação e sobre os rumos da viagem.

Em alto-mar, só estabelece autoridade quem conhece seu compasso, quem sabe o que, a quem e como mandar e comandar. Cercado de água por todos os lados, o bom capitão precisa usar a cabeça o tempo todo. Dormir com um olho aberto, passar o dia alerta, ter a mente rápida e muita presença de espírito. É um posto para quem tem um entendimento imediato das coisas navais. *O comandante também deveria ter muita experiência em navios de todos os tipos, prática na administração dos afazeres de viagem, ter conhecimentos em navegação, intuição e coração de marinheiro para entender seus companheiros*²⁷⁹.

O bom marinheiro, em situações limite, deve assumir o controle da situação por conta própria e tomar decisões, sem esperar pelas ordens do mestre. O *currículo-nômade* produz-se nos acidentes, desorganizando as hierarquias instituídas em sala de aula. Neste devir do currículo, a autoridade da professora desaparece, misturando-se aos

²⁷⁸ *Registros de Roberto*, em 21 de julho de 2002.

saberes e às percepções das crianças-piratas que incitam novos problemas e experimentações em devires.

A experiência é uma das principais qualidades do marinheiro. Ele precisa mapear as correntes do mar, saber como mudam de um ponto para outro, diferenciar pela cor as águas que correm pelo canal, das cheias e vazantes muito semelhantes junto à costa. Deve ser corajoso, aprender os afazeres da vida no mar, navegando desde a juventude.

Novas relações de forças se estabelecem, fazendo o território-terra desterritorializar-se em mar. Neste movimento de desterritorialização da terra, produz-se um devir-mar em que se modificam os componentes, desfazem-se hierarquias e geram-se outras, constituem-se novos saberes. O mar, superfície de novos acontecimentos capturados por novas percepções, afecções e concepções, reterritorializa a terra em navio.

Os piratas não freqüentam a escola, mesmo os filhos de navegadores aristocratas. Estes são educados por tutores particulares e orientados, desde a infância, a dar continuidade à tradição naval da família. O universo da pirataria conta, predominantemente, com a presença dos homens, mas, também, acolhe algumas mulheres. *As Corsárias são mulheres hábeis na manobra marinheira, no governo das tripulações bestiais e na perseguição e saqueio de navios de alto bordo.* Mary Read disse uma vez que *a profissão de pirata não era para qualquer um e que para exercê-la com dignidade era preciso ser um homem de coragem, como ela.* A Viúva Ching foi *a mais aventureira e de vida mais longa, uma pirata que operou nas águas da Ásia*²⁸⁰.

As mulheres-piratas desterritorializam as condições impostas pelo gênero, rompendo com os padrões morais de sua época e com as condutas determinadas. Elas escapam de casamentos indesejados, fogem com amantes ou substituem seus maridos mortos. Muitas são criadas como meninos, travestem-se de homens para obter benefícios que a condição feminina não permite.

Ao penetrar no território pirata, os disfarces masculinos são abandonados. A inserção nesta nova ordem hierárquica não é determinada pelo gênero, mas pelo domínio de códigos, valores e atitudes que ordenam este modo de vida. Estas mulheres comandam frotas de marinheiros e piratas, navegam, combatem, saqueiam, resistem a

²⁷⁹ SAN MARTIN, E. *A viagem do Pirata...*, p.53.

seus inimigos e se arriscam com seus pares. Quando capturadas, são submetidas, indistintamente, às punições destinadas aos piratas. As mais famosas têm o mesmo destino: a forca.

Enfim, todos são piratas. Os bons piratas enriquecem, mas pagam os impostos e até tornam-se *Piratas da Rainha* durante os períodos de guerras, enquanto que os maus piratas desviam os impostos, traindo a coroa.

No século XVIII, com o crescente envolvimento da Inglaterra no comércio internacional, ocorre uma desativação da pirataria, determinando o fim do *privateers* ou *Piratas da Rainha*. Os assaltos, pilhagens e saques de navios e possessões ultramarinas de países em conflito com a coroa britânica são proibidos. A pirataria colabora com a instituição da supremacia inglesa sobre o mundo. Esta nova posição desloca os interesses e investimentos britânicos, fazendo com que a pirataria se torne um obstáculo e uma ameaça a seus domínios, já que expõe suas conquistas políticas e econômicas.

Ocorrem inúmeras transformações decorrentes do acúmulo de riquezas. Elas articulam tempo e capital. O tempo-medida torna-se condição de produção e lucro. É um tempo cronométrico que mede e orienta o trabalho. Este tempo, também, interfere nas condições de conhecimento, especialmente conhecimento marítimo, uma vez que, os instrumentos utilizados para os cálculos de posição no mar necessitam de noção de tempo-medida para precisar as distâncias. A invenção de um novo equipamento — o cronômetro marítimo — permite definir a longitude, transformando o tempo em medida da distância baseada na regularidade da hora, dos minutos e dos segundos²⁸¹. O Globo Terrestre passa a ser quadriculado em coordenadas extensivas.

Os piratas, paulatinamente, deslocam-se e se atualizam. Hoje, navegando, também, nas ondas de rádio e da internet, a pirataria se mantém como uma prática presente no mercado internacional. Novas linhas de fuga se instituem e são capturadas. A pirataria, como produto-produção e o próprio produzir do processo de acúmulo de capital, sofre mutações, adquirindo novas significações. Estas mutações coincidem com

²⁸⁰ BORGES, Jorge Luis. *História Universal da Infância*. São Paulo, Ed.Globo, 1989, p. 14-19.

²⁸¹ Com o quadrante obtinha-se, através da medição da altura meridiana do sol, a latitude (distância medida em graus a partir do Equador), mas a longitude (distância medida a partir do Meridiano de Greenwich para leste ou oeste, cujo cálculo depende do conhecimento exato da hora, minuto e segundo) só passou a ser calculada, de direção modo preciso, com o advento do cronômetro marítimo, em 1782. Assim, a posição, que é um dado mais importante do que a oceânica era estimada, naquela época, pela latitude.

as transformações do capitalismo. O capitalismo é uma produção imanente ao mundo que, para se reproduzir, expande seus limites e fronteiras, gerando linhas de fuga que

são capturadas em movimentos de reterritorialização. Atualmente, *no capitalismo só uma coisa é universal, o mercado. Não existe Estado universal, justamente porque existe um mercado universal cujas sedes são os Estados, as Bolsas*²⁸².

A pirataria compõe este maquinismo nos movimentos do capital. Ela emerge nos tensionamentos produzidos pelo mercado, numa redistribuição desordenada do lucro, em lacunas geradas pelos Estados. A pirataria se coloca ora como máquina de guerra, ora como máquina burocrática. As práticas atuais surgem entre as fronteiras do mercado formal e informal, remetendo-se a uma ampla extensão de produtos falsificados: relógios, perfumes, óculos, peças de automóveis, gasolina, tintas de impressora, programas de computador, brinquedos, CDs, rádios, aparelhos eletrônicos, roupas...

Hoje, a pirataria não se restringe à condição humana, passando, também, a caracterizar produtos. Ela não consiste mais em uma forma de apropriação de mercadorias, mas no reconhecimento e na garantia da qualidade relacionada à marca registrada como original. Assim, a pirataria passa da apropriação para o registro. Os objetos são valorizados pela sobrecodificação da marca que distingue o verdadeiro – original – do falso – cópia.

A pirataria é esquadrinhada pelos meios de comunicação como um tipo de roubo da “criatividade alheia”, pressupondo o original como criativo e a cópia como imitação degradada. Neste sentido, a pirataria é entendida como um obstáculo à criação, porque escapa dos padrões determinados pelos registros de patentes.

A pirataria produz uma desterritorialização, na medida em que rompe com os domínios dos monopólios que instituem o original como o primeiro registro regularmente legalizado. Ela é criadora por produzir outra cadeia hierárquica de distribuição e fiscalização dos ganhos, escapando do controle oficial; porém, não abandona o modelo instituído pelo registro, garantindo a sua reprodução pela associação ao padrão largamente propagado.

As práticas piratas, ainda hoje, mantêm uma estreita relação com a arrecadação estatal. Elas inventam novos meios de burlar a cobrança de impostos, sendo, por isso,

²⁸² DELEUZE, Gilles. *Conversações...*, p. 213.

apontadas como “crime”, um “mal social” que prejudica a todos. Enquanto bem comum, o Estado conserva, nos registros discursivos, as suas características e funções modernas. Esta máquina tem um importante papel de defesa da propriedade, garantindo o poder político pelo recolhimento e distribuição de riquezas, pela inclusão social, através do trabalho formal como signo de cidadania e participação²⁸³.

Ao escapar do controle do Estado, configurando uma máquina de guerra, a pirataria indica a expansão do Capitalismo Mundial Integrado e a fragilidade dos Estados-nações. Os trajetos da pirataria marcam a desordenação das fronteiras nacionais e a imensa dificuldade de controle pelas máquinas estatais. As fronteiras geopolíticas são diluídas pelo trânsito territorial como formas de resistência. Deste modo, a pirataria ganha as ruas e o cotidiano das cidades, respondendo ao desemprego. Esta produz outra rede de distribuição de renda que rompe com as determinações acordadas internacionalmente.

No cotidiano das cidades, os piratas de rua alimentam uma rede rizomática que é legitimada pelas práticas micropolíticas, uma vez que borram as fronteiras hierárquicas de distinções de classes sociais quando ampliam o acesso a produtos como bens distintivos e demarcadores das posições sociais. Daí, a ênfase que o discurso oficial atribui à pirataria como prática criminosa que deve ser identificada e denunciada pelos cidadãos. A prática da pirataria não rompe com a lógica de consumo, quando reforça a aquisição do objeto-mercadoria como um código que produz um efeito de ascensão social.

Como desdobramento da reprodução do capital, a pirataria passa a ameaçar as grandes empresas, desviando os seus lucros e produzindo uma associação entre empresas e Estado que reativa esta máquina burocrática como um prolongamento do capital. As multinacionais exigem que o Estado atue como órgão fiscalizador, redefinindo, criteriosamente, as fronteiras nacionais²⁸⁴.

²⁸³ A pirataria faz com que o fisco, equivalente ao arrecadamento de uma cidade como Belo Horizonte, deixe de ser recolhido. A pirataria equivale a 5% das riquezas que o Brasil produz por ano. Cf. Série de reportagens intitulada: *O País Pirata*, veiculada no Jornal Nacional, Rede Globo de Televisão, no período de 08 a 11 de abril de 2002.

²⁸⁴ Os Estados Unidos recolocaram o Brasil na sua “lista prioritária” de nações “sob observação” por violarem direitos de propriedade intelectual como reação à falta de ação do país frente ao comércio ilegal de CDs e fitas musicais falsificadas e contrabandeadas. Segundo comunicado do Ministério do Comércio Exterior dos EUA, a indústria norte-americana deixou de faturar 700 milhões de dólares no Brasil por causa do roubo de *copyright*. Cf. Reportagem de capa intitulada: *Brasil acusado de não combater a pirataria*. Correio do Povo, Porto Alegre, 01 de maio de 2002.

O conceito de pirataria estende a noção de propriedade para o campo intelectual, reafirmando o conhecimento como posse exclusiva do autor. O conhecimento, a idéia, a produção artística são considerados bens, cuja circulação encontra-se condicionada a termos contratuais de venda e determinações de mercado. A noção de roubo expressa nos *piratas-parasitas*²⁸⁵, reduz a criação intelectual a um autor-sujeito com a finalidade de cristalizar a circulação de idéias em um único vetor de produção, seguindo os modelos platônicos.

A pirataria faz os objetos circularem, diluindo o sujeito da autoria. Utiliza-se das tecnologias para criar uma nova rede de poder que não reforça os mecanismos institucionalizados. Todavia, alguns destes mecanismos são utilizados e direcionados a um modelo de distribuição e consumo paralelo ao determinado pelas máquinas burocráticas. Nas relações capilares, agentes da máquina de Estado acionam mecanismos legais, ao reproduzir um tipo de fiscalização ligada à economia informal. Novos piratas surgem e se disseminam nas ruas em reação frente à crescente concentração de renda que se impõe mundialmente.

Num universo ondulatório, composto pelos meios midiáticos e informatizados, com freqüências e velocidades orientadas para um maior desempenho e melhores resultados, a pirataria intercepta a comunicação, decodifica e descodifica senhas, disseminando vírus que desviam programas e barram o controle contínuo – *os controlatos*. Na concorrência com o mercado formal, a pirataria acompanha a velocidade vertiginosa das inovações tecnológicas. Como uma empresa, ela contrapõe-se à fábrica. Esta sociedade anônima alastra-se como um gás – *alma gás* –, penetrando nas relações de mercado²⁸⁶. Sua prática, concomitantemente, desvia os lucros, afetando a eficácia e a produtividade, e se reterritorializa pela geração de necessidades de serviços especializados para a recuperação dos sistemas.

A identificação de um *hacker* implica em sua punição, assim como o reconhecimento de programas-piratas implica na apreensão, na destruição de equipamentos e na interdição dos envolvidos no delito. A ameaça não se restringe ao

²⁸⁵ Expressão utilizada em reportagem veiculada no Jornal Nacional, Rede Globo de Televisão, em 09 de abril de 2002.

²⁸⁶ Cf. DELEUZE, Gilles. *Conversações...*, p. 221.

controle dos lucros²⁸⁷, visto que viabiliza a produção de novos fluxos de comunicação e de circulação de saberes em sistemas abertos.

Os piratas contemporâneos estabelecem uma outra ética, que rompe com os contratos, tanto nas relações entre os produtores e os usuários da pirataria, como nas relações entre as nações. Muitas propagandas veiculadas pelo discurso oficial – governos e empresas – utilizam-se do argumento de que, ao consumir produtos piratas, as pessoas ficam completamente desprotegidas, pois as empresas-piratas não respeitam a legislação de defesa do consumidor, não têm controle de qualidade, não oferecem garantia e assistência técnica. Afirmam que um consumidor inteligente não compra produtos piratas²⁸⁸. As campanhas voltadas para a venda de produtos, deslocaram seus discursos. O tom intimidatório, que classifica a pirataria como crime, passa a ter um cunho de responsabilização, ou seja, a população que consome produtos piratas está incentivando o crime organizado. O Estado considera a prática da pirataria ousada e criativa, mas perigosa, por remeter-se ao terror e a organizações clandestinas.

A questão da pirataria está tão presente no cotidiano das pessoas que, neste ano, durante o carnaval, o tema apresentado como samba-enredo da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, no Rio de Janeiro, foi a pirataria. A escola produziu várias alas, com a finalidade de narrar *as transformações da pirataria desde os tempos dos corsários até os dias atuais*. Na ala da pirataria na atualidade, os sambistas vestiam indumentárias que reportavam aos produtos mais pirateados no mercado como: CDs, óculos, tênis, produtos eletrônicos..., marcando a existência de um *verdadeiro mercado paralelo existente no Brasil*²⁸⁹.

Em reportagem sobre pirataria e contrabando intitulada *Nem Hulk pode com os piratas*²⁹⁰, o texto assinala: *As indústrias do entretenimento enfrentam um inimigo mais perigoso do que qualquer monstro de ficção, a multiplicação de usuários de obras*

²⁸⁷ Como exemplo, 58% dos softwares vendidos no Brasil são piratas e, muitas vezes, nem são lançados oficialmente no mercado. Cf. *Pirataria S/A*, Zero Hora e Diário Catarinense, Terceiro Encarte, Porto Alegre, 28 de maio de 2002. O tema pirataria rendeu um total de quatro encartes, veiculando vários dados e propagandas antipiratas.

²⁸⁸ Uma propaganda da Souza Cruz do Brasil apresenta o seguinte texto: *Você compra um produto pirata e descobre que ele não vale nada. Com quem você reclama? Com o capitão Gancho?* Contra-capla do encarte *Pirataria S/A*. Zero Hora e Diário Catarinense, Terceiro Encarte, Porto Alegre, 28 de maio de 2002.

²⁸⁹ Comentário realizado pelo narrador do Desfile das Escolas de Samba no Rio de Janeiro, transmitido diretamente do Sambódromo, pela Rede Globo de Televisão, durante o carnaval de 2003.

²⁹⁰ *Nem Hulk pode com os piratas*. Zero Hora. Porto Alegre, Encarte Especial, 13 de julho de 2003, p. 30-33.

pirateadas. Apresenta, também, uma série de dados em relação à pirataria de mercadorias qualificadas como de entretenimento — CDs, vídeos, livros, games... —, no Brasil e no mundo, publicando um mapa dos *Caminhos da Ilegalidade: o passo-a-passo da pirataria*, que indica o maior tesouro dos piratas: os consumidores. Conforme este texto, o avanço tecnológico é um dos responsáveis pela possibilidade de produção de cópias não-autorizadas.

A reportagem intitulada *A Praga dos Mares*²⁹¹ alerta que os oceanos do Hemisfério Sul estão tomados pelos piratas. Eles atacam navios a fim de roubar seus carregamentos de petróleo, alumínio... Os piratas rendem, amarram e atiram ao mar as tripulações, utilizando-se do rádio para falar com seus parceiros e interceptar a comunicação com a guarda costeira: *Os ratos d'água que mataram o velejador neozelandês Peter Blake no Amapá-Brasil, são a ralé de uma praga dos mares*. Na Amazônia, com seus mil rios navegáveis, os piratas são como assaltantes de semáforo das grandes cidades, roubam os botijões de gás, as correntinhas e os relógios e, geralmente, não matam suas vítimas. Iatistas e navios de carga são os maiores alvos. Segundo o consultor de segurança no mar Yp Loke, de Cingapura, os piratas dividem-se em categorias, conforme a região do globo: 1. Litoral da Índia e Indonésia: são campeões de ataques, agem à noite contra navios em movimento, não são violentos quando não encontram resistência. Têm como objetivo dinheiro, cargas e equipamentos. 2. América do Sul e no oeste da África: roubam muitos objetos de embarcações atracadas nos portos. 3. Sudoeste Asiático: grupos que agem em alto-mar, seqüestram a tripulação e conseguem descarregar em qualquer lugar, sob o nariz das autoridades. 4. Extremo Oriente — mares da China e Japão: são os mais violentos, matam os tripulantes e levam o navio, para o qual obtêm documentos falsos. Após, vendem a embarcação ou utilizam-na para transportar cargas clandestinas.

Os traços diagramáticos, que atravessam os investimentos estatais, as máquinas jurídicas, policiais e comunicacionais, conferem à pirataria um único vetor, qualificando-a como crime e violência. Estes traços são capturados e inseridos no devir-

²⁹¹ Esta reportagem divulga que, no ano de 2001, os assaltos no mar e nos portos deixaram 72 mortos e 99 feridos. Dados do *Internacional Maritime Bureau* — IMB, órgão da Câmara Internacional do Comércio, que estima em 200 bilhões de dólares por ano, as perdas provocadas por este tipo de pirataria. Cf. *A Praga dos Mares*. Revista Veja, São Paulo, 19 de dezembro de 2001, p. 90-91.

programa do currículo, aderindo ao Projeto institucional da Rede Municipal de Ensino — *Ação Contra a Violência na Escola*.

A prática da pirataria, também, gera linhas de fuga quando rompe com o lucro e com o mercado. Ela ocorre entre ações governamentais e ações criminosas, escapando de ambas. Na reportagem veiculada na revista *Super Interessante*, são apresentados fragmentos da obra *Piratas no Fim do Mundo*²⁹² de Denis Russo Burgiermam, demonstrando que a pirataria ainda acontece, também, no mar. O navio *Sea Shepherd*, construído para pescar no Ártico, foi transformado em caçador de baleeiros. Este navio possui uma enorme caveira-pirata pintada no convés e, a cada baleeiro afundado, são pintadas, numa parede do convés, bandeirinhas que simbolizam uma vitória. Bandeiras-piratas — com a caveira e dois ossos cruzados. Cada uma delas é um troféu, um deles ganha há vinte e três anos. Seu capitão, Paul Watson, ex-militante do *Greenpeace*, organização da qual era diretor e um dos fundadores, *caça* navios que violam a regulamentação pesqueira, desrespeitando as normas internacionais de conservação das baleias²⁹³. Estes navios baleeiros matam qualquer espécie, até aquelas em extinção, sem restrições a fêmeas grávidas e filhotes. Eles possuem bandeiras de vários países tremulando em seus mastros como uma estratégia de escapar das fiscalizações. Deste modo, para a caça de baleias o mar não tem fronteiras políticas. Quando a polícia de um país aperta o cerco, seus donos registram o navio em outro. São navios-fantasmas porque não são localizados, já que não usam o rádio e jamais anunciam seu destino quando deixam o porto. O navio-pirata é um caçador de baleeiros, tornando-se um instrumento para salvar baleias. Nos seus ataques é proibida a morte da tripulação. Seu comandante já foi alvo de inúmeros processos de conspiração por ter afundado os navios-transgressores. Esta prática desterritorializa, simultaneamente, o Estado e o mercado, sendo considerada conspiratória porque barra o lucro quando destrói a

²⁹² *Piratas no Fim do Mundo*. Super Interessante, Edição 188, São Paulo, Abril/maio de 2003, p. 50-57.

²⁹³ Em 1982, a moratória da caça às baleias saiu, mas só foi colocada em prática em 1987. A partir de então, os membros da *Comissão Baleeira Internacional* concordaram em parar de matar qualquer baleia, em qualquer lugar, por tempo indeterminado. Havia duas brechas no tratado. Uma delas permitia a chamada *caça aborígene*. Povos que matam baleias tradicionalmente teriam cotas anuais. A segunda brecha é a mais importante: uma obscura cláusula do tratado dizia que continuava permitido matar baleias para fins científicos. E, aquele que matasse para fins científicos, deveria utilizar, ao máximo, a carcaça do animal que, afinal, já estava morto. Não por coincidência, o Japão criou, naquele mesmo ano de 1987, os seus “programas de pesquisa”. O maior deles é o *JARPA — Programa Japonês de Pesquisa Baleeira na Antártica*. Consiste em matar 400 baleias *minke* (440 mais precisamente, porque é admitida uma margem de erro de 10% para mais ou para menos, que é sempre para mais.), estudar seus ouvidos, estômagos e intestinos, empacotar a carne e vender nas peixarias chiques, a quase 100 dólares o quilo. É sabido que o JARPA é caça comercial disfarçada de ciência. Cf. Super Interessante..., p. 51.

propriedade. Ela consiste em uma ação que desvincula a vida do capital. Ironicamente, esta luta ecológica é considerada conspiração, pirataria.

O devir pirata-tesouro aparece em diferentes registros. O tesouro, objetivo das ações-piratas, modifica-se de acordo com as políticas econômicas de cada época. Ele consiste em um traço de um rosto. Durante as conquistas ultramarinas, a supremacia de um Estado-nação é indicada por uma política mercantilista que se baseia na quantidade de metais acumulados. Assim, o tesouro compreende ouro e jóias, sendo alvo da pirataria. No capitalismo atual, a pirataria visa a diversificação de produtos em um mercado paralelo que captura o consumidor, deslocando a noção de tesouro.

A presença do Roberto é assinalada pela possibilidade de (...) *viajar num navio com um baú cheio de ouro(...)*²⁹⁴. Em *Registros de Roberto*, o tesouro é ressignificado pela prosperidade material, indicando um componente da felicidade. Os *Piratas do Jardim B* desterritorializam o tesouro da equivalência material, reterritorializando-o em respeito. A turma fez o desenho do baú do pirata, onde foram coladas as seguintes “*palavras de respeito*”, *desenhadas* pela professora: *com licença, por favor, obrigada e desculpa*. No desenho, a tampa do baú está entreaberta, para que novas *palavras de respeito* sejam anexadas. Este baú é considerado *O Tesouro do Jardim B*, devido a uma discussão na aula, quando o respeito pelas pessoas, pelas coisas e pelos animais foi considerado um tesouro. Neste sentido, o tesouro é conectado aos traços diagramáticos da educação.

Os piratas — corsários e flibusteiros — tornam-se personagens literários, principalmente, no romantismo. O herói do romance *não encontra seu lugar a não ser cercado de uma humanidade grosseira, atirada nas cavernas de contrabandistas, embriagada de brandy, cansada de carnificina*²⁹⁵. O corsário literário e seu desejo de liberdade têm como território o mar, sua permanência em terra firme marca os intervalos de suas navegações. Eles são enigmáticos e ávidos, personagens que se apresentam em todos os mestres do romance marítimo ocidental: Victor Hugo, Byron, Balzac, Dafoe, George Sand, Baculard d’Arnaud, Eugène Sue, Fenimore Cooper, Joseph Conrad, entre outros.

²⁹⁴ *Registros de Roberto*, em 11 de setembro de 2001.

²⁹⁵ Cf. CORBIN, Alain. *O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 243-248.

O herói vive no liminar da multidão ordenada e uniforme, de onde recolhe sua denúncia e crítica. Ele está na fronteira entre o indivíduo e a multidão. Neste sentido, é marginal, boêmio e conspirador, rebatendo nos traços constitutivos da representação romântica dos piratas. Para os românticos, o herói caracteriza-se pela *renúncia e dedicação*²⁹⁶. A renúncia se dá frente à paixão, numa emoção intensa que marca a irracionalidade. Os valores presentes no romantismo destacam *a subjetividade do indivíduo, desenvolvimento da riqueza do ego em toda a profundidade e complexidade de sua afetividade, mas também, em toda a liberdade do imaginário*²⁹⁷.

É na abordagem romântica de delimitação da subjetividade que se encontra uma das formas de resistência à reificação. O novo e a revolta assinalam a exaltação do ego do indivíduo, fazendo do herói um sujeito, ao mesmo tempo, marginalizado e glorificado. Alguns românticos *glorificam o seu próprio isolamento e o ego do artista ou do indivíduo privilegiado — o indivíduo como herói. Separado da comunidade real onde vive por causa da sua incapacidade de se integrar em uma coletividade “alienada” (...) o indivíduo mal adaptado transforma, por vezes, uma obrigação em uma ocasião de mérito e celebra sua independência altaneira, sua carência de vínculos humanos*²⁹⁸. Tornando o herói segregado, mas especial.

A postura do herói romântico atribui novos elementos e contornos à concepção de liberdade: de escolha, de expressão, de imprensa, de arte sob todas as formas, de consciência, filosófica e científica, política e civil, de associação e de reunião²⁹⁹. A concepção e o conceito de liberdade transbordam as fronteiras nacionais, conferindo ao romantismo um aspecto universal que tende a abandonar a valorização do nacionalismo.

A condição de marginal, segregado, resistente e livre, mescla herói e pirata. Nesta relação, o pirata desterritorializa o traço nacionalista do movimento literário, já que, no mar, desfaz a noção de terra-pátria, território político. Porém, ele é capturado pela liberdade como valor ligado à delimitação do sujeito dotado de conflitos e emoções. Desta maneira, a pirataria transita no plano de composição com figuras estéticas e personagens literários que ressurgem no cinema, nos desenhos e nas histórias infantis.

²⁹⁶ BENJAMIN, Walter. *A Paris do Segundo Império em Baudelaire*. In KOTHE, Flávio, R. (Org.). *Walter Benjamin*, São Paulo, Ática, 1991, p. 98.

²⁹⁷ LOWY, M. & SAYRE, R. *Revolta e Melancolia: romantismo na contramão da modernidade*. São Paulo, Brasiliense, 1995, p.45.

²⁹⁸ LOWY, M. & SAYRE, R. *Revolta e Melancolia...*, p. 46.

Os piratas continuam sem pátria, agora, também, singrando em novas ondas. Eles desestabilizam a maior economia mundial, desenham um novo mapa do mercado internacional e, possivelmente, pirateiam alguns currículos pelo mundo.

Mar: paisagem da educação



plano de consistência que confere à educação uma função diagramática, ora pode ser de rostidade — *que irá rebater os fluxos de significâncias e subjetivações, sobre os nós de arborescência* —, ora opera uma desrostificação, desfazendo os estratos, atravessando os muros de significância e os buracos de subjetividade. A desrostificação abate as árvores em prol dos rizomas, conduzindo os fluxos em linhas de desterritorialização, de fuga criadora³⁰⁰. Fuga que desterritorializa a educação e o currículo. Currículo nômade dele mesmo.

O mar, quando consiste numa superfície de desterritorialização, desmancha as fronteiras e os limites. Ele se torna paisagem. Criar traços de paisageidade é desfazer o rosto, *atravessar o muro do significante, sair do buraco negro da subjetividade*, traçar linhas de fuga, deixar de ser território. É preciso procurar os buracos-negros, os muros brancos, conhecer os rostos para desfazê-los³⁰¹. A bruxa quando voa para o mar, transformando-se em tempestade e o pirata, sem rumo, ficando à deriva, sem o porto-seguro da educação, desfazem a política da *Escola Cidadã*. Eles deslizam para o mar sem fim, mar-paisagem da educação.

O mar como espaço liso, corpo sem órgãos, desvia, corre entre o organismo e a organização. Nele, ocorre o abandono do humano, onde bruxas e piratas, seres desconhecidos, monstros, forças, ventos, tempestades se compõem e ocupam-no. (...) *A paisagem [é] anterior ao homem, na ausência do homem*³⁰². Para chegar à paisagem *devemos sacrificar tanto quanto possível toda a determinação temporal, espacial,*

²⁹⁹ Cf. WINOK, Michel. *Les voix de la liberté, les écrivains engagés au XIX siècle*. Paris, Ed. Seuil, 2001.

³⁰⁰ Cf. DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 3, p. 58.

³⁰¹ Cf. DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 3, p. 58.

³⁰² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?...*, p. 219.

objetiva (...) na paisagem deixamos de ser seres históricos, isto é, seres eles mesmos observáveis³⁰³.

A paisagem traça um plano de possibilidades, de potência, de criação, de devires. *Quantas coisas acontecem numa viagem sem escalas! Apenas mar desde que parti, só mar até chegar e, no entanto, de tudo havia ao redor. Paisagens novas e tão diferentes entre os mesmos elementos. Novos e maiores voadores, agora solitários, esquadras inteiras de “caravelas infláveis”, pequenas águas-vivas de cor violeta velejando na mesma direção, um penico de plástico amarelo, pedaços de um contêiner e até um navio russo inteiro: a lista de seres e objetos passantes não tinha fim*³⁰⁴.

Nesta superfície, novas percepções são disparadas pelos devires. Neles, extraem-se perceptos das percepções. *A paisagem vê*³⁰⁵. O homem dilui-se na paisagem e conecta-se a baleias, tubarões, dourados, ventos, gaivotas... Estas relações geram afectos e ativam conceitos. *Os afectos são precisamente estes devires não-humanos do homem como as paisagens não-humanas da natureza*³⁰⁶. A presença do homem torna-se um componente estranho no mar. Ela provoca surpresa em um devir-gaivota. *Lutando contra as ondas para manter o rumo que desejava e prestando atenção para não levar um golpe dos remos no peito, quase não percebi uma gaivota estranha, pairada no céu, me acompanhando em cada movimento. O que faria ali em cima, me observando com tanta precisão? Que vista fantástica deveria ter, poucos metros acima, e um horizonte tão maior que o meu. Totalmente negra e muito maior do que todas que já vira. Era linda. Não movia um milímetro sequer da ponta das asas. Simplesmente se sustentava no vento. Imaginei-me visto de cima. O que pensaria uma ave tão perfeita ao encontrar tão estranho e desajeitado ser sobre as ondas, debatendo-se com as asas dentro da água? De fato, diante de formas tão finas e aerodinâmicas, de um conjunto tão harmonioso de equilíbrio e movimento, nada poderia parecer tão inadequado e impróprio para cruzar o oceano que um ser humano movido pela força de seus braços e arrastando um par de madeiras na água*³⁰⁷. Melville produz perceptos oceânicos: É

³⁰³ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 220. (Citação de Erwin Straus).

³⁰⁴ KLINK, Amyr. *Paratii*..., p. 198.

³⁰⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 219.

³⁰⁶ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 220.

³⁰⁷ KLINK, Amyr. *Cem dias*..., p. 152-153.

*Ahab que tem percepções do mar, mas só as tem porque entrou numa relação com Moby Dick que o faz tornar-se baleia*³⁰⁸.

O devir-baleia é experimentado por Klink quando: *Ao entrar para anotar a altura no caderninho preto, uma sombra escura apareceu ao lado e, tranqüila, aflorou tão perto e tão impressionante que não pude me mover. De emoção. De beleza. De mágica força. Desfilando o seu corpo cinzento cheio de manchas e marcas, e um olhar aído e sonolento, ao alcance de um braço, percebi que o ponto branco refletido em seu olho era o casco do meu barco, a “lâmpada flutuante” onde eu vivia*³⁰⁹.

Nos movimentos do mar, ações e forças compõem e se decompõem, ocupando sua superfície. Nela surgem as ondas, produzidas entre o vento e a água: devires vento-água, vento-som, vento-cães, vento-onda. (...) *O vento faz-se massa e torna-se vento outra vez. Os ventos combatem esmagando e defendem-se, esvaindo-se. Quem depara com eles só pode lançar mão de expedientes. (...) Quantos cadáveres debaixo destas dobras sem fundo! Os ventos empurram sem piedade a grande massa obscura e amarga. (...) Cometem coisas que parecem crimes. Não se sabe sobre quem atiram eles os punhados brancos de espuma. (...) Os ventos correm, voam, abatem-se, revivem, pairam, assoviam, rugem, riem: frenéticos, lascivos, desvairados, tomam conta da vaga irascível. Têm harmonia esses berradores. Tornam sonoro todo o céu. Sopram nas nuvens como um metal; embocam um espaço, e cantam no infinito, com todas as vozes amalgamadas dos clarins, buzinas e trombetas, uma espécie de tangeres prometeanos. (...) São os donos das matilhas. Divertem-se. Fazem ladrar as ondas, que são os seus cães, contra as rochas. (...) A água é flexível porque é incompressível. Resvala debaixo do esforço. Apertada por um lado, escapa por outro. É assim que a água faz a onda. A vaga é a sua liberdade*³¹⁰.

As ondas adquirem nomes próprios. Elas povoam o mar. Quando deslizam nesta superfície, entre as relações de forças e os estados da água, os navegadores produzem conceitos, ativam saberes, inventam nomes próprios que escapam do conhecimento. O conceito é uma heterogênese, ato do pensamento que adquire consistência, assinalando multiplicidades: (...) *entre discussões e mal-entendidos com as ondas, passei a conviver suportavelmente com seus humores. Senti que não deveriam ser xingadas quando me*

³⁰⁸ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 220.

³⁰⁹ KLINK, Amyr. *Cem dias...*, p. 162.

³¹⁰ HUGO, Victor. *Os Trabalhadores do Mar*. São Paulo, Editora Nova Cultural, 2003, p. 258-260.

enfurecia, pois sempre respondiam à altura. Desse forçado relacionamento surgiu, no meu diário, uma não muito ortodoxa classificação para as ondas (...) As “madames” eram ondas imensas, de crista e colares formados por uma espuma branca, mas que, com toda a pompa não faziam mal nenhum. As “fresquinhas” não eram grandes, mas passavam chamando a atenção e se sobressaíam bem. As “cuspidadeiras” eram ondas sempre pequenas, porém, mal-intencionadas. As mais irritantes, pois me molhavam a todo instante e não deixavam as roupas secar no varal instalado na antena. As “comadres” pareciam amigas, mas nem sempre eram de confiança, acertavam o barcopor trás. E havia ainda as “perdidas”, que chegavam sempre com o mar agitado, atacando por todos os lados, tornando difícil o controle do leme. Mas as piores de todas, imensas e traiçoeiras, eram as “madrastas”, que podiam alcançar nove metros e me deixavam desprotegido e vulnerável. Foi numa reunião de “madrastas” que eu capotei no início da viagem³¹¹.

Na paisagem, os limites do mar e do céu borram-se e se desfazem. A linha do horizonte é mutante e imprecisa. Ela é movimento. Os navegadores procuram fixá-la para marcar seus deslocamentos. Entretanto, esta linha provoca novas percepções e perceptos. O céu e o mar se misturam formando uma zona de imprecisão, de indiscernibilidade: (...) *nenhuma idéia da linha do horizonte. Sempre a mesma zona indefinida de fusão entre o céu e o mar. A cada novo dia desses de neblina e neve, eu voltava a pensar nos homens que um dia andaram por aqui, descobrindo terras onde só havia gelo, navegando por astros que nunca se mostravam, apoiados num horizonte tão incerto³¹². A paisagem torna-se invisível porque quanto mais a conquistamos, mais nela nos perdemos³¹³.*

Nesta paisagem, a imprecisão e o descontrole anunciam as fragilidades dos limites do conhecimento, da realidade e da verdade. Quando escreve sobre as *Ilhas Encantadas*, Melville³¹⁴ marca a incerteza e a desterritorialização da terra firme no mar. (...) *Estas ilhas que algumas vezes se mostram ao olhar/ Não são nem solo firme, nem substância fixa/ Mas terras desgarradas entre muitas águas/ E aqui e lá correndo: Ilhas Vagabundas./ Lentamente elas se transformam/ Num risco inacreditável e mortal infortúnio/ Porque aquele que posou o pé/ Sobre sua margem enganosa/ Erra para*

³¹¹ KLINK, Amyr. *Cem dias...*, p. 107.

³¹² KLINK, Amyr. *Mar sem Fim*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p. 65.

³¹³ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 220. (Citação de Cézanne).

*sempre na insegurança*³¹⁵. Um espaço liso se constitui no movimento do pensamento: *fazei um esforço de imaginação para dar a elas [cinzas] a grandiosidade de montanhas e ver no terreno uma planície marinha; tereis, então, uma idéia certa do aspecto geral das Encantadas ou Ilhas Encantadas (...)*³¹⁶. Neste espaço, a humanidade dilui-se. Ilhas que apagam vestígios humanos e recusam-se de serem habitadas pelo homem: *Aí vivem penas alguns répteis, tartarugas, lagartos, aranhas gigantes, serpentes, e a singular anomalia da excêntrica natureza: o iguana*³¹⁷. Ilhas moventes, cuja localização incerta, provocada por ventos e correntes, produz sua duplicação no mar: *Estes elementos, assim como os ventos suaves e variáveis, trouxeram muitas diferenças nos cálculos dos navegadores, que acreditaram por muito tempo na existência de dois grupos distintos de ilhas separadas por uma dezena de milhas. Tal era a opinião de seus primeiros visitantes: os bucaneiros; e, até 1750, os mapas desta região do Pacífico ratificaram esta estranha ilusão: a localização aparentemente flutuante e irreal das ilhas foi, sem dúvida, uma das razões que levaram os espanhóis a batizá-las de Encantadas ou Arquipélago Encantado*³¹⁸.

No mar é impossível fixar-se, mesmo quando o movimento e as velocidades diminuem os graus de intensidade, assumindo a densidade da calmaria ou das águas que se solidificam em gelo. *O meu caminho não seria de forma alguma o mesmo que havia feito até aqui. E, embora prisioneiro do gelo por meses ainda, o Paratii, internamente, já navegava em alta velocidade, em outra direção*³¹⁹.

O mar é invadido pelo deserto. Os planos se superpõem, diluindo a fronteira da costa e anunciando a existência da terra pelo deslocamento de seus elementos e partículas em novas composições que flutuam na superfície, colorindo a água. (...) *notei algo diferente no convés. Passei o dedo sobre a tinta clara: havia pó. Um pó avermelhado. Quase não acreditei. Quando olhei para cima não havia muitas coisas brancas. Velas, antenas, deck, convés, tudo avermelhado no lado que recebe o vento – o*

³¹⁴ Estas ilhas foram visitadas pelo autor em 1841 e 1842.

³¹⁵ MELVILLE, H. *Les Îles Enchantées...*, p.61. (Estes versos, que abrem os *Primeiros Traçados* de Melville são citações de obras de Spenser.)

³¹⁶ MELVILLE, H. *Les Îles Enchantées...*, p. 62.

³¹⁷ MELVILLE, H. *Les Îles Enchantées...*, p. 63.

³¹⁸ MELVILLE, H. *Lés Îles Enchantées...*, p. 65.

³¹⁹ KLINK, Amyr. *Paratii...*, p. 105.

*direito! A novecentas milhas do Senegal, no meio do Atlântico, eu estava coberto da poeira fina e errante do Saara! O deserto cruzando o oceano*³²⁰.

As forças e as velocidades dos ventos provocam um deslocamento que abre infinitas possibilidades de criação e afirmação de diferentes mundos. *O vento é cheio desse mistério. Do mesmo modo o mar. Também ele é complicado: debaixo das suas vagas de água, que se vêem, há outras vagas de forças, que não se vêem. Compõe-se de tudo. (...) Tentai conhecer este caos (...) reservatório para as fecundações, cadinho*

*para as transformações. Amassa, depois dispersa; acumula, depois semeia; devora, depois produz. (...) No fenômeno do mar todos os fenômenos estão presentes*³²¹.

A passagem para outros planos faz da navegação e da pirataria práticas marcadas pelo abandono da terra firme, da realidade e da condição humana. Ela corta fluxos, gerando uma abertura para novos modos de vida. *Gilliatt, no ócio laborioso que compunha a sua existência, era um observador estranho e fantástico. O mundo noturno é um mundo. A noite é um universo. (...) As coisas sombrias do mundo ignorado tornam-se vizinhas do homem, ou porque haja verdadeira comunicação, ou porque as distâncias do abismo tenham crescimento visionário; parece que as criaturas invisíveis do espaço vêm contemplar-nos curiosas a respeito da criatura da terra (...) uma vida que não é a nossa agrega-se e dissolve-se, composta de nós mesmos e de um elemento estranho (...)*³²².

O pirata Roberto incita deslocamentos para outros mundos, levando a (...) *navegar num oceano azul da cor do nosso céu. Foi maravilhoso*³²³. Sua presença dispara um distanciamento, uma estranheza frente ao cotidiano, fazendo com que (...) *as pessoas parem e pense no que fazer da vida*³²⁴. Na paisagem, as percepções são alteradas, desviadas, ativadas em novas relações: *A imensidão do mar tornara minúsculos os meus maiores problemas e gigantes as menores alegrias. Ensinou-me a dar valor à vida e a pequenas coisas que às vezes passavam desapercibidas. (...) tantos*

³²⁰ KLINK, Amyr. *Paratii...*, p. 194.

³²¹ HUGO, Victor. *Os trabalhadores...*, p. 199.

³²² HUGO, Victor. *Os trabalhadores...*, p. 42-43.

³²³ *Registros de Roberto* em 11 de setembro de 2001.

³²⁴ *Registros de Roberto*, s/d.

*outros pequenos acontecimentos foram motivos de grandes alegrias — tornando-se por isso importantes*³²⁵.

O mar é um espaço liso que se deixa estriar. *O liso e o estriado se afrontam no mar*³²⁶. Um movimento estria o liso, mas outro, não simétrico, restitui o liso a partir do estriado. Movimentos dissimétricos que quebram a oposição simples liso/estriado, remetendo a alternâncias, superposições, complicações.

É possível habitar de um modo liso um espaço estriado. Habitar o mar em *viagem-árvore e viagem-rizoma*³²⁷, numa mistura. *Pensar é viajar*, mesmo as viagens no mesmo lugar podem ser nômades. Viagens de intensidades. *Viajar de modo liso é todo um devir, e ainda, um devir difícil, incerto*³²⁸. O devir-pirata das crianças provoca viagens para o mar, produzindo o *currículo-nômade*. Este devir do currículo abre possibilidades de instituições de espaços lisos em deslocamentos no espaço estriado da escola. O mar transforma-se em superfície de desterritorialização.

O estriamento do mar tornou-se uma ordenação extensiva a outros lugares: o deserto, o céu, o gelo, a estepe, a terra estriada, a educação. *É no mar que pela primeira vez o espaço liso foi domado*³²⁹.

Na Bíblia, particularmente no *Gênese*, nos *Salmos* e no *Livro de Jó*, o mar é o *Grande Abismo*, lugar de mistérios insondáveis, massa líquida sem pontos de referência, imagem do infinito, do incompreensível, sobre a qual, na aurora da Criação, flutuava o espírito de Deus. Não existe mar no Jardim do Éden. O horizonte líquido sobre cuja superfície o olhar se perde não pode integrar-se à paisagem fechada do paraíso. Querer penetrar os mistérios do oceano é resvalar no sacrilégio. Esse reino do inacabado, vibrante e vago prolongamento do caos, simboliza a desordem anterior à civilização. Uma criatura feita à imagem de Deus não saberia estabelecer sua morada fora do jardim ou da cidade. *O texto bíblico, aliás, não menciona senão as criaturas dos ares e dos campos. As espécies marinhas, submersas na sombra misteriosa do abismo, não podem ser designadas pelos homens, e, por conseguinte, escapam à sua dominação*³³⁰. Leviatã (na Bíblia), em companhia de Lilith (no Zohar), são monstros que habitam o mar, marcando a presença satânica. O oceano, recipiente líquido dos monstros, é um mundo

³²⁵ KLINK, Amyr. *Cem dias...*, p. 163.

³²⁶ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 186. (Citação de Pierre Chaunu).

³²⁷ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 189.

³²⁸ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 190.

³²⁹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs...*, v. 5, p. 187.

condenado, obscuro, onde criaturas malditas se entredevoram. Esse mundo cruel da absorção em cadeia, da devoração em série, anuncia o domínio de Satã, das potências infernais. O caráter demoníaco do mar em cólera justifica o exorcismo. As tempestades são obras destes monstros. Os marinheiros portugueses e espanhóis do século XVI lançam, às vezes, relíquias às ondas. Estes navegadores têm a convicção de que a tempestade não se apazigua por si mesma.

O devir-tempestade gera desvios das explicações científicas e meteorológicas: *Olhei para a carne e achei, não sei porque razão, que deveria devolvê-la ao mar. Joguei-a na água, como se fosse uma oferenda devolvida. E, a partir desse instante, o mar acalmou-se e o tempo melhorou. Supertições à parte, tenho certeza de que a carne de órix foi bem recebida*³³¹.

O oceano caótico, avesso desordenado do mundo, morada dos monstros, agitado por poderes demoníacos, apresenta-se como uma desrazão; a violência imprevisível de suas tempestades hibernais atesta sua demência e a fuga do caminho divino para a salvação dos homens. *A Igreja representa a figura do barco, o Espírito Santo, a do timoneiro que conduz ao porto eterno, objeto do desejo do cristão, enquanto o pecado faz derivar, para longe da rota da salvação*³³². A Igreja utiliza a imagem do mar para afirmar sua legitimação política, produzindo um rosto judaico-cristão. Numa relação com a paisagem, a educação rostifica uma ação salvacionista articulada em seus traços diagramáticos. A educação e a escola, ainda hoje, não deixam de prometer uma espécie de paraíso — a cidadania, a inclusão, o combate a qualquer forma de preconceito, a paz, um lugar no mercado de trabalho.

O barco, na abundante literatura científica e médica, desterritorializa-se da Igreja, já que passa a articular-se às experiências dos navegadores modernos, reforçando as imagens negativas do oceano. A embarcação é entendida como um lugar maléfico. Entre seus flancos de madeira úmida acumulam-se os germes da fermentação e da putrefação; no fundo do abismo negro e fétido do porão, a latrina concentra toda a podridão. Dos navios, surge, freqüentemente, a infecção, emerge a epidemia. A nave no porto ameaça a saúde da cidade.

³³⁰ CORBIN, Alain. *O Território...*, p. 12.

³³¹ KLINK, Amyr. *Cem dias...*, p. 87.

³³² CORBIN, Alain. *O Território...*, p. 19.

O mar faz apodrecer os marujos. A travessia provoca o escorbuto, doença que deteriora a carne de suas vítimas. A decomposição dos alimentos embarcados, a descoberta de doenças exóticas, leva a comparação do navio com um lugar onde se depositam dejeções, lixo, imundices. O devir barco-doença torna seus habitantes ameaçadores, sujos e indesejáveis. Assim, o mar torna-se um território dos marginais em que se reconhecem navegadores e piratas. O próprio mar putrefaz.

O estriamento do mar compõe-se com o céu. A marcação e a medição de pontos celestes pela astronomia e pela geometria provocam a fixação de referências. Este estriamento conecta-se aos investimentos políticos que se desdobram, fazendo uso da navegação para assegurar o domínio europeu sobre o mundo e o acúmulo de capital.

No século XVIII, inúmeros inventos, instrumentos — aperfeiçoamento de lunetas e telescópios —, e teorias relacionadas aos planetas e seus satélites e à estabilidade do sistema solar possibilitam medição e cálculos das posições dos corpos celestes, bem como de seus deslocamentos. O mapa do céu fixa pontos. A determinação do Meridiano de Greenwich transforma o mar em um plano quadriculado que se distribui em coordenadas espaço-temporais com correspondentes celestes.

Entre 1660 e 1675, os mistérios do oceano começam a dissipar-se graças aos primeiros estudos do universo marinho. Este conhecimento científico, iniciado no século XVII, desfaz a imagem caótica do mar: *Essas estranhas animações são ao princípio rejeitadas pela ciência, segundo o hábito de sua excessiva prudência; depois estuda-as, descreve-as, classifica-as, inscreve-as, põe-lhe rótulo, procura exemplares; expõe-nas em museus; elas entram em nomenclaturas; ela os qualifica moluscos, invertebrados, raiados; verifica-lhes as fronteiras; um pouco além dos calamares, um pouco aquém os depiários; para estas hidras da água doce, o argironete; divide-as em grande, média e pequena espécie; admite mais facilmente a pequena espécie que a grande, o que é, em todas as regiões, a tendência da ciência, a qual é mais microscópica que telescópica: olha a sua construção e chama-os cefalópodes; conta as suas antenas e chama-os octópodes. Feito isto, deixa-os assim. Onde a ciência os larga, a filosofia os retoma. A filosofia estuda por sua vez estes entes. Ela vai menos longe e mais longe que a ciência. (...) Esses prolongamentos de monstros, no invisível ao princípio, no possível depois, foram suspeitos, vistos talvez, pelo êxtase severo, e pelo*

*olhar fixo dos magos e dos filósofos*³³³ O conhecimento científico indica uma nova percepção de mundo que coincide com a destituição do Satã por Colbert. O mar e os tribunais jurídicos deixam de ser territórios de monstros e de bruxas. Entretanto, o mar é capturado pela ciência. Os estudos marítimos compõem, no século XIX uma nova ciência, a oceanografia. Esta torna o oceano um espaço de investimentos em que participam a maioria das nações marítimas. A oceanografia estabelece um mapa provisório do fundo dos mares no início do século XX.

Atualmente, os oceanógrafos da *Universidade Federal de Rio Grande – RS*, através do som, desenharam a geografia do fundo do mar. O mapa mostra o relevo, como as espécies estão distribuídas (a concentração por área). Este mapeamento compreende o Chuí, no extremo sul do Brasil, até a fronteira do estado da Bahia com Sergipe. A principal função do mapa é a localização para os pescadores³³⁴. Convém salientar que, hoje, a pesca é uma das maiores atividades econômicas do país³³⁵, tanto que foi criada, pelo atual governo, a *Secretaria Nacional de Pesca e Aquicultura*. Esta Secretaria é responsável pelas políticas que envolvem os segmentos de pesca industrial, artesanal, maricultura, aquicultura continental e construção naval no país.

Um censo³³⁶ inédito da vida marinha está descobrindo, em média, três novas espécies por semana e prevê a existência de cerca de cinco mil espécies ainda não identificadas. A investigação, realizada por trezentos cientistas de cinquenta e três países, deverá ser concluída em 2010. Neste período, os cientistas poderão catalogar cerca de dois milhões de novas espécies. A iniciativa surgiu após um relatório da *Academia Nacional de Ciências dos EUA*, de 1995, que aponta os efeitos, possivelmente irreversíveis, do crescimento da população humana sobre a diversidade da vida nos oceanos.

O mar é capturado por diferentes campos científicos. As tecnologias que viabilizam o lançamento de satélites artificiais vinculadas a instrumentos de precisão

³³³ HUGO, Victor. *Os Trabalhadores...*, p. 290-291.

³³⁴ Cf. Reportagem intitulada: *O Mapa do Fundo do Mar*. Veiculada no Jornal Nacional, Rede Globo de Televisão, em 06 de setembro de 2003.

³³⁵ O Brasil é o segundo maior exportador de ostras no mundo.

³³⁶ *O Censo da Vida Marinha* catalogou 15.304 espécies de peixes e de 194.696 a 214.696 espécies de animais e plantas, que segundo estimativas, representam 10% do total mundial. Os estudiosos acreditam que os oceanos, que ocupam 70% da superfície terrestre, abrigam 20 mil espécies de peixes e, aproximadamente, 1,98 milhão de espécies de outros animais e plantas. Este censo, financiado pelos EUA, já, apresentou como custos cerca de 1 milhão de dólares. Cf. *Censo quer mapear os oceanos até 2010*. Correio do Povo, Porto Alegre, 24 de outubro de 2003, p.10.

como o *Global Positioning System*³³⁷ — GPS —, permitem a localização de qualquer ponto no mar e na superfície terrestre.

O mercado e o lucro esquadrinham o mar em investimentos oficiais e não-oficiais. Refinarias de petróleo, nas costas consideradas territórios nacionais, combinam geologia, topografia, oceanografia, para extrair matéria-prima de seu subsolo. Nos oceanos, em que as fronteiras dissipam-se, seres marinhos são alvos de conhecimento e exploração de todo tipo. Tubarões, baleias, golfinhos, inúmeras espécies de peixes, ostras, mexilhões, crustáceos, algas, etc, convertem-se em uma diversificada gama de

mercadorias. A pirataria, no mar, produz vetores em diferentes direções, ora barrando o lucro, ora desviando-o para domínios que se reterritorializam em mercados paralelos.

Quando as máquinas burocráticas anunciam campanhas de conscientização e de combate ao mercado paralelo e ao crime organizado, ativam os traços diagramáticos da educação. Os cidadãos tornam-se equivalentes aos bons consumidores que, além de participarem de uma rede de fiscalização e/ou denúncia, devem acreditar que tal combate garante a promessa de inclusão social com base na inserção pelo trabalho no mercado formal.

Todavia, o mar como espaço liso, dispõe de uma potência de desterritorialização sobre o espaço estriado da educação. O liso pode ser traçado e ocupado por potências diabólicas, pois há dois movimentos não-simétricos: o que estria o liso, mas, também, o que restitui o liso a partir do estriado. Neste instante, o mar torna-se paisagem, corpo sem órgãos da educação. Na sociedade de controle, o mar, em seguida o céu, ressurgem como espaço liso para melhor controlar a terra estriada. O controle dá-se por ondas, pelo movimento ondulatório de satélites, sonares, e não mais por pontos. Os devires-piratas transpõem-se para mundos estranhos, transitando no mar. As práticas das crianças indicam este nomadismo que desterritorializa a educação, instituindo espaços lisos, currículos-nômades.

³³⁷ Este Sistema é mantido pelo governo dos EUA, sem custo adicional ao usuário. Além dos navegadores, é utilizado, também, por praticantes de esportes radicais como montanhismo, *rallys*, trilhas, etc.









Infinitos Trajetos

Um dos estriamentos do mar pela educação é marcado pelo *devir-programa* do currículo. Desta maneira, a Bruxela e o Roberto transpõem planos, tornando-se observadores parciais, traçando um plano de referência. Nele, o *currículo-nômade* é interceptado, desviado e capturado. Os acontecimentos transformam-se em fenômenos distribuídos em coordenadas extensivas que possuem correspondentes em padrões, referentes. Estas coordenadas instituem modelos (prospectos) válidos para outros acontecimentos segundo condições determinadas, assumindo um caráter geral.

O objeto da ciência consiste em um *estado de coisas como referente, e por condições as referências que constituem valores de verdade*³³⁸. O conhecimento científico não concerne ao acontecimento, mas à relação com o estado de coisas ou de corpos, bem como às condições destas relações³³⁹. Assim, a ciência extrai dos acontecimentos as condições extensionais através de operações de enquadramento em coordenadas espaço-temporais e energéticas, em conjuntos determinados.

A ciência distingue-se da filosofia porque busca apreender o movimento, fixar uma posição, atribuir um limite à velocidade, determinando uma finitude para o universo. *A ciência tem uma maneira inteiramente diferente [da filosofia] de abordar o caos: ela renuncia ao infinito, à velocidade infinita para ganhar uma referência capaz de atualizar o virtual*³⁴⁰. Neste sentido, a ciência cria proposições ou funções, não conceitos. *No caso da ciência é como uma parada sobre a imagem. É uma fantástica desaceleração, e é por desaceleração que a matéria se atualiza, como também o pensamento científico, capaz de penetrá-la por proposições. Uma função é uma Desacelerada. Desacelerar é colocar um limite no caos, sob qual todas as velocidades*

³³⁸ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 36.

³³⁹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 35.

³⁴⁰ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 154.

*passam de modo que formam uma variável (...) ao mesmo tempo que o limite forma uma constante universal que não se pode ultrapassar*³⁴¹.

A função compreende uma *variável complexa que depende de uma relação entre duas variáveis independentes (...)*³⁴². A função persegue as constantes, os traços recorrentes em um conjunto de variáveis para construir as proposições científicas. Estas proposições tornam-se universalizantes porque se estendem e se projetam para inúmeros fenômenos sob condições similares. Desta forma, as funções científicas atualizam o acontecimento num estado de coisas, uma coisa ou um corpo referíveis. Esta idéia de função permite *às ciências refletir e comunicar*³⁴³.

O devir-programa do currículo transita pelo conhecimento científico, reafirmando uma ciência régia. A ciência faz *aparecer 'observadores parciais' com relação às funções nos sistemas de referência*³⁴⁴. Os observadores parciais têm como propriedades o reconhecimento e a seleção que independem da ação direta. Eles se constituem *pontos de vista nas coisas mesmas, que supõem um escalonamento de horizontes e uma sucessão de enquadramentos (...)*³⁴⁵. A percepção e a experimentação científicas transformam os afetos em *relações energéticas e a percepção em uma quantidade de informações*³⁴⁶.

A Bruxela e o Roberto, como observadores parciais, provocam a instituição de objetos circunscritos em velocidades limitadas, cujas coordenadas explicativas são sustentadas por um *currículo-programa* e por formações discursivas. Nesse movimento, os acontecimentos deixam de ser experimentados e passam a ser interpretados segundo proposições científicas, enquadrados em modelos projetivos e preditivos, dispostos em conjuntos finitos num plano de referência.

A professora realiza uma captura do *currículo-nômade* pelo *currículo-programa* quando propõe atividades pedagógicas dirigidas a um tipo de trabalho que *é feito a partir do interesse demonstrado. Aquilo que desperta a curiosidade é lançado em situações que possibilitem a introdução do conhecimento científico sobre o assunto,*

³⁴¹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 154.

³⁴² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 158.

³⁴³ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 153.

³⁴⁴ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 167.

³⁴⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 171.

³⁴⁶ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*..., p. 171.

*trazendo o maior volume de informações possíveis. Desta forma, é desfeita a idéia de que as crianças não compreendem determinadas coisas*³⁴⁷.

Nesse movimento de reterritorialização dos saberes, ocorre a sua transformação em informação e conhecimento, restituindo uma hierarquia e um escalonamento introduzido pelas noções científicas. Conhecer corresponde a interpretar e a compreender, e não mais a experimentar.

Inúmeros problemas são lançados, entretanto, o problema para a filosofia distingue-se do problema para a ciência. A ciência põe em curso de determinação elementos correspondentes, escolhendo boas variáveis independentes, instalando um observador parcial eficaz, construindo as melhores coordenadas de uma equação ou função. O deslocamento do problema introduz às crianças um ponto de vista científico e um esquadramento disciplinar³⁴⁸.

As atividades pedagógicas absorvem os componentes dos conceitos, convertendo-os em referentes. O mar é capturado pela ciência, operando a observação do Globo Terrestre em que a geografia (física e política) propicia a localização dos sete mares, a definição dos limites e fronteiras, a representação dos continentes e países com suas respectivas bandeiras. Estes elementos viram conteúdos curriculares.

A vassoura da bruxa transforma-se em meio de transporte, acionando o exame das formas de locomoção para a geografia e a história. A professora utiliza-se dos livros da *Bruxa Onilda* e suas viagens neste estudo. O barco do pirata é classificado entre diferentes tipos de embarcações.

A garrafa do Roberto é tratada como meio de comunicação. As crianças estudam as modalidades de comunicação no passado e no presente, inscrevendo-as na categoria de intercâmbio.

A partir das noções de fronteira, a localização “dentro e fora” é trabalhada pela teoria dos conjuntos. Elementos matemáticos, símbolos e conjunto vazio são inseridos no programa curricular. A professora confecciona o *Quadro dos Ajudantes do Dia*, no qual a listagem dos nomes das crianças está disposta em duas linhas. A escolha dos ajudantes funciona por ordem alfabética (critério escolhido pela turma) e, no início de

³⁴⁷ Cf. Reportagem intitulada *Escola Municipal Infantil Humaitá. Jornal do 4º Distrito*, Anchieta, Farrapos, Floresta, Humaitá, IAPI, Ilhas, Navegantes, São Geraldo e São João. Porto Alegre, 1ª. quinzena de setembro de 1994, ano 4, 33ª. edição.

cada aula, a professora sinaliza os nomes com um prendedor de roupas decorado com uma cara de pirata. Através desta atividade, segundo a professora, ela trabalha a noção de "linha" e dos números "um e dois".

A perspectiva biológica recorta os animais e plantas do mar. Igualmente, os animais que vivem com as bruxas, mencionados, também, na música, são estudados e classificados. Doenças como o escorbuto, comum entre piratas, inserem-se nesta abordagem científica.

O pavor associado ao sangue é atenuado pelo conhecimento do corpo humano e do aparelho circulatório. As ervas e as misturas das bruxas são absorvidas por noções de química e biologia, levando à distinção entre homeopatia e alopatia, à interpretação de receitas médicas e caseiras. As misturas passam a ser agrupadas em homogêneas e heterogêneas. Nelas, são incluídas as composições de cores e pigmentos.

A atividade culinária é pedagogizada pela compreensão da receita e a elaboração de misturas em analogia com os preparos das bruxas. Do mesmo modo, o estudo da conservação dos alimentos define critérios de qualificação entre natural e industrial. A alimentação é abordada pela história segundo métodos comparativos, correlacionando piratas e gaúchos. Os hábitos alimentares, as tradições e as receitas típicas ratificam a identificação regional.

A língua é apreendida pela disciplina no momento em que a palavra *pasmaceira* tem o seu significado confirmado pela consulta no dicionário. Nesta ocasião, as palavras são classificadas em sinônimos e antônimos.

No *Mapa da Turma dos Piratas do Jardim B*, são desenhados os bairros Humaitá, Anchieta e Farrapos em decorrência das proveniências das crianças. Neste desenho, são assinaladas as casas de cada um deles, a escola e, também, a localização da zona Norte na cidade de Porto Alegre com os pontos cardeais. Este processo gera um trabalho de pesquisa para a professora, porque várias crianças, têm como endereço, nas fichas da escola, quadras e o número correspondente e não ruas. A cada visita do Roberto, os alunos marcam, com caneta colorida, o trajeto do pirata. Este mapa é pendurado na porta da sala de aula e, através dele, aprendem o que é um *panô*, os pontos

³⁴⁸ A disciplina como dispositivo atravessa diferentes territórios. Organiza, distribui, e regula não somente práticas e condutas, como, também, define objetos em áreas científicas do conhecimento. Cf. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder...*, p. 244-247.

cardeais, a localização no mapa da zona onde está situado o bairro em que residem e sua escola.

A cartografia transforma-se em uma representação, quando o mapa é padronizado em convenções e técnicas de construção e interpretação. Nele, proporções e escalas são trabalhadas. A localização das casas, quadras, ruas reproduz o plano cartesiano do planejamento urbano em que o bairro é parte da cidade. Geografia, história e política reforçam o rosto anunciado pela *Escola Cidadã*, o reconhecimento do cidadão como sujeito que pertence à cidade e, conseqüentemente, deve participar de sua gestão.

A turma do Maternal I elenca suas *palavras mágicas: por favor, muito obrigada, com licença, desculpa...*, que devem ser usadas sempre, na escola e em casa. A turma solicita que a professora *desenhe* estas palavras para serem fixadas na parede da sala de aula, acima do desenho do caldeirão da Bruxela, com a finalidade de que todos não esqueçam de utilizá-las. As *palavras-mágicas* ligadas à Bruxela e as *palavras-tesouro*, ao pirata Roberto, destacam as normas e as condutas apropriadas em que cortesia e respeito compõem um repertório, sinalizando os valores e os padrões predominantes da cultura moderna ocidental. Palavras de inclusão, signos de cortesia, como bens distintivos.

As mensagens acumuladas na garrafa de Roberto, durante o ano, são lidas coletivamente. É possível detectar a transformação do pirata Roberto em um signo interpretativo, um ícone, virando figura estética. Na condição de signo, o pirata com suas mensagens, passa a equivaler a santos católicos com seus juízos e funções divinas. O teor disciplinar, prescritivo e moralista das mensagens reforça o caráter das *palavras-tesouro*. Tanto as palavras, quanto às mensagens barram a fuga, a criação e a travessura do *currículo-nômade*.

A abertura da garrafa com as mensagens que acompanha Roberto em suas visitas, juntamente com o baú e o *Registros de Roberto*, realiza-se no final do ano letivo, próximo à formatura da turma. Sentados numa rodinha e, com muita expectativa, as crianças, com a ajuda da professora, colocam o lenço vermelho de pirata e um tapa olho. Vestidos de piratas, eles ouvem a leitura das mensagens-surpresas que foram escritas pelos pais, assim como aquela que escreveram em nome da *Turma dos Piratas do Jardim B: Amamos todas as pessoas do mundo, da escola e das nossas casas*.

Nas mensagens colocadas pelos pais, temas como paz, saúde, felicidade, amor, harmonia são recorrentes: *Que em cada pôrto que te ancorares, possas levar contigo amor, carinho, compreensão, harmonia e paz. Espalhando por todos os mares o que as pessoas de bem te oferecer. Ao amigo pirata Roberto, um abraço de M.. (...) Roberto, gostaríamos que distribua muita saúde, paz, amizade, tranqüilidade, humanidade a todas pessoas do universo. (...) Desejamos muita saúde, paz e Amor. (...) Quero paz para o mundo. (...) Desejo que haja paz no mundo, na vida de todos. Espero alcançar coisas boas e ser feliz.*

O tom de oração, presente nos registros, reproduz-se nas mensagens: *(...) Que Deus Nosso Poderoso Pai junto com o Roberto me faça ser uma pessoa de bem, feliz, saudável e que possa realizar todos os sonhos que virão. (...) Obrigada meu Deus pela saúde dos meus filhos. A e V. (...) Onde houver desespero que sejamos a esperança. Onde houver ódio que sejamos o amor, onde houver brigas que sejamos a paz. Amém. J. (...) Desejamos paz e felicidade para todos e que este desejo se multiplique, como um campo cheio de flores onde todos nós passaremos por ele, com a graça de Deus! F. e R. (...) Minha filha J. você escute com atenção... Deus é o Melhor caminho que seguimos com alegria na cabeça e no coração e sempre em pençamento. Nós fizemos menos travessuras. (...) Devemos sempre fazer o bem não importa a quem. Devemos sempre amar ao próximo. (...) Se você amar alguém Será leal para com ele, custe o que custar. M., pensei em você Quando li na Bíblia esta passagem, você ama cada rostinho que atento lhe olha Todas as manhãs e aprende a cada dia o significado de amor e lealdade. N. e B.*

Após a abertura da garrafa com as mensagens, o pirata Roberto é sorteado entre os alunos. Na formatura da *Turma dos Piratas do Jardim B*, a decoração é feita com motivos relacionados aos piratas. Um grande painel com o céu e o mar decora a sala. As crianças desenham o sol e cada gaivota, que voa no céu, carrega, em seu bico, as mensagens lidas em aula. O mar estava repleto de barcos, peixes e plantas marinhas. No final da cerimônia, vários balões brancos, simbolizando a paz, são soltos, produzindo a reterritorialização do pirata no Bem.

O pirata-feio-sujo-malvado é capturado pela paz, quem sabe, preso pelos *Soldados da Paz*³⁴⁹, seguindo pelo traço diagramático da educação em direção à *Ação Contra a Violência na Escola*. O pirata Roberto, com a Bruxela, atravessa esta Tese, navega pela Universidade, pelo *ateliê* de Heloísa Maia e segue, junto com a bruxa, para Paris. Deriva, vaga no mar, desvia do porto-seguro da educação, interceptando, roubando, pilhando, seqüestrando, saqueando, pirateando outros currículos. *Currículos-vagamundos?*³⁵⁰

A interceptação dos movimentos do personagem conceitual e do observador parcial reorienta a Bruxela à qualidade de figura estética. A saída da professora da *Escola Municipal Infantil Humaitá*, antes do encerramento do ano letivo, intercepta alguns fluxos da Bruxela. Ela passa a habitar, juntamente com sua sacola, seu diário e seus presentes, uma das prateleiras da sala do Maternal I. Com a transferência da professora para o *Jardim de Infância Municipal Cirandinha*, as monitoras assumiram a turma. Segundo os seus depoimentos: *Pegamos o trabalho andando... Para nós, era só uma troca de presentes. Não sabíamos o que fazer com a Bruxela, até a orientação da Coordenadora Pedagógica da escola que otimizou o trabalho. As crianças ainda têm interesse pela Bruxela. Elas relatam coisas que vão além do registro das mães. Quando lemos o registro de cada visita da Bruxela, elas complementam, contando mais coisas. Uma das crianças contou que a Bruxela ficou trancada no guarda-roupa.*[fato que elas atribuíram ao zelo da Mãe pela integridade da Bruxela!!!]. *As crianças adoram falar sobre o que fizeram com a Bruxela. Todos dormem com ela e, alguns, até querem tomar banho com ela. A Jennifer foi uma delas. Não queria se desgrudar da Bruxela. A mãe da Andressa relatou, no diário da Bruxela, que a visita dela trouxe sorte. Foi no dia em que ela conseguiu um emprego e, a partir de então, passou a acreditar em seus poderes mágicos de bruxa! As mães consultam os filhos, eles que escolhem os presentes... . Todos curtem os presentes de todos... A Bruxela tem seu canto na sala de aula, numa das prateleiras, onde ela fica com suas coisas... Na festa das bruxas, dois meninos, filhos de pais muito católicos, aqueles que presentearam a Bruxela com uma dezena do rosário, vieram fantasiados de anjos. Os pais são daquele movimento chamado de*

³⁴⁹ Aqui, faço alusão ao título de um dos vários projetos desenvolvidos na *Rede Municipal de Ensino*. Este especificamente, foi realizado na *Escola Municipal de Ensino Fundamental José Loureiro da Silva*. Atualmente, a iniciativa da SMED em trabalhar com o tema da violência nas escolas é denominada *Educação para a Paz na Escola*, em parceria com várias Secretarias, além dos Conselhos Tutelares e dos Juizados da Infância e da Juventude.

carismáticos, lá da Igreja São Martinho [localizada na Zona Sul da cidade e uma das pioneiras do *Movimento Carismático em Porto Alegre*, para tanto, estes pais atravessam a cidade, porque moram na Zona Norte, em Humaitá, o bairro onde está situada a escola].

As monitoras da escola param de alimentar os devires da bruxa no *currículo-programa*, uma vez que desconhecem os caminhos pedagógicos traçados pela Bruxela. Elas reconhecem na Bruxela uma boneca que propicia a troca de presentes e relatos de uma memória oral.

A Bruxela-arranajamento é autopoietica. Ela pode, também, morrer por falta de realimentação ou derivar em direção a destinos que a tornem estrangeira dela mesma. Nada está pronto. Tudo deve ser retomado do ponto de emergência. Potência do eterno retorno. Devir-bruxa-boneca que habita a prateleira da escola, estabelecendo novas relações em devires não-humanos. A Bruxela torna-se uma obra de arte, um *ser de sensação*. Ela se constitui um *bloco de sensações, um composto de afectos e perceptos*³⁵¹. Nos momentos em que emerge, é chamada para brincar, provocando novas afecções, produzindo novos afectos e perceptos.

A Bruxela escapa da escola, atravessa fronteiras, transita em novos territórios, levando em seus trajetos o coletivo que a compõe. Intercepta esta cartografia, voa para a Universidade e, na véspera do “Dia das Bruxas”, no ano de 2002, aterriza no *Colégio Santa Rosa de Lima*³⁵², conhecendo as crianças da Educação Infantil, visitando as casas da segunda série do Ensino Fundamental, turma 23, que estava trabalhando em um projeto sobre bruxas. Bruxela voa, também, em outros devires, para a redação do ZH Escola³⁵³, ultrapassando fronteiras, sobrevoando, numa linha de fuga, o oceano. Bruxela prossegue sua viagem pelo mundo, em infinitos devires, atravessando o *Inferno da*

³⁵⁰ Cf. CORAZZA, Sandra M. *Noologia do Currículo: Vagamundo, o problemático, e Assentado, o resolvido*. Educação e Realidade, v. 27, n. 2, p. 131-142. jul./dez., 2002.

³⁵¹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?...*, p. 213.

³⁵² Trata-se de uma escola particular, localizada em Porto Alegre, em um bairro de classe-média.

³⁵³ Em 02 de junho de 2003, foi publicado o artigo intitulado *As Bruxas andam soltas na Educação...*, onde aponto que *o poder de encantamento das bruxas é tão intenso que virou tema de minha Tese*. Relato, brevemente, a aparição e o meu encontro com a Bruxela e como ela bifurcou em Roberto. Assinalo a potência criadora da professora *ao transformar os bonecos em intercessores qualitativos na composição do currículo* e como uma *via de ativação dos saberes da comunidade na elaboração do que formalmente chamamos de conhecimento*. Cf. Zero Hora, ZH Escola, Porto Alegre, 02 de junho, 2003, p.2.

*Educação*³⁵⁴, numa dança-demoníaca, num *ballet-bruxólico*, que bota o currículo para dançar³⁵⁵.

Esta cartografia começa traçando um plano de imanência, enfatizando os personagens conceituais e os conceitos. Inúmeros trajetos são possíveis e merecem maior atenção, podendo bifurcar em pesquisas que possibilitem demorar-se no plano de composição, nas figuras estéticas, nos blocos de sensações e no plano de referência, nos observadores parciais, no processo de construção de proposições.

Os devires do currículo seguem e assinalam, nos vãos e travessias de bruxas e piratas, a impossibilidade de isolar planos, apontar vetores em uma única direção, ou ainda, de separar os afectos, perceptos e os conceitos como se fossem categorias ou unidades. Esses devires do currículo produzem um zig-zague que se desdobra em movimentos simultâneos e infinitos.

³⁵⁴ Cf. CORAZZA, Sandra M. *Inferno & Educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002. p.14-16.

³⁵⁵ Cf. SILVA, Tomaz. T. da. *Dr Nietzsche, curricularista – com uma pequena ajuda do Professor Deleuze & A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze*. In CORAZZA, Sandra. & TADEU, Tomaz. *Composições*. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.







Referências Bibliográficas

- ALLIEZ, Eric. *A assinatura do mundo: o que é a filosofia de Deleuze e Guattari?* Rio de Janeiro, Ed.34, 1994.
- A PRAGA DOS MARES*. Revista Veja, São Paulo, 19 de dezembro de 2001.
- AS BRUXAS ROUBAM A LANCHA BALEEIRA DE PESCADOR DA ILHA*. Síntese de Conto Homônimo de Franklin Cascaes. Texto extraído de um painel do *Museu Nacional do Mar: embarcações brasileiras*. Fundação Catarinense de Cultura, São Francisco do Sul, Santa Catarina, Brasil.
- BARROS, Maria Nazareth Alvim de. *As Deusas, as bruxas e a Igreja: séculos de perseguição*. Rio de Janeiro, Editora Rosas dos Tempos, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *A Paris do Segundo Império em Baudelaire*. In KOTHE, Flávio, R. (Org.). *Walter Benjamin*, São Paulo, Ática, 1991.
- BERTOLUCCI, Mariana. *A imaginação que ensina*. Zero Hora, ZH Escola, Porto Alegre, 2003, nº 60.
- BORGES, Jorge L. & GUERRERO, Margarita. *O Livro dos Seres Imaginários*. São Paulo, Ed. Globo, 2000.
- BORGES, Jorge Luis. *História Universal da Infâmia*. São Paulo, Ed.Globo, 1989.
- BRASIL ACUSADO DE NÃO COMBATER A PIRATARIA*. Correio do Povo, Porto Alegre, 01 de maio de 2002.
- BRUXAS*. *Fantástico*. Rede Globo de Televisão, em 05 de janeiro de 2002.
- CASCAES, F. *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2000, v. 2.
- CENSO QUER MAPEAR OS OCEANOS ATÉ 2010*. Correio do Povo, Porto Alegre, 24 de outubro de 2003.
- CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 2001, v. 1.
- CICLOS DE FORMAÇÃO: PROPOSTA POLÍTICO-PEDAGÓGICA DA ESCOLA CIDADÃ*. *Cadernos Pedagógicos*. Secretaria Municipal de Educação, Porto Alegre, nº. 9, dez. 1996.
- COLBERT, David. *O mundo mágico de Harry Potter: mitos, lendas e histórias fascinantes*. Rio de Janeiro, Sextante, 2001.

- COOK, Monte. PWEET, J. & SKIP, W. *Dungeons & Dragons: Livro do Jogador, Regras Básicas I*, São Paulo, Devir Livraria, 2001.
- CORAZZA, Sandra M. *Inferno & Educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002. p.14-16.
- CORAZZA, Sandra M. *Noologia do Currículo: Vagamundo, o problemático, e Assentado, o resolvido*. Educação e Realidade, v. 27, n. 2, p. 131-142. jul./dez., 2002.
- CORAZZA, Sandra, M. *História da Infância Sem Fim*. Ijuí, Editora Ijuí, 2000. p. 201-206.
- CORBIN, Alain. *O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996, v. 3.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995, v. 1.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996, v. 4.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Ed. 34, 1997, v. 5.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O Anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Assírio & Alvin, s/d.
- DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo, Ed. Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo, Brasiliense, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *O pensamento nômade*. In: MARTON, Scarlett (Org.). *Nietzsche hoje?* São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DIÁRIO DA BRUXELA. Porto Alegre, Escola Municipal Infantil Humaitá, Maternal 1, 2000.
- DOCUMENTO PROPOSTA DE GOVERNO DA AP EM PORTO ALEGRE, policopiado, s/d.
- ESCOLA MUNICIPAL INFANTIL HUMAITÁ. *Jornal do 4º Distrito*, Anchieta, Farrapos, Floresta, Humaitá, IAPI, Ilhas, Navegantes, São Geraldo e São João. Porto Alegre, 1ª. quinzena de setembro de 1994, ano 4, 33ª. edição.

FARAH, Fábio. *Casal Harry Potter*. Revista Isto é Gente, São Paulo, 07 de julho de 2003.
Veja. São Paulo, Ed Abril, 12 de abril de 2000.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. São Paulo, Martins Fontes, 2002, p. 255-298.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 1996.

GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia*. São Paulo, Cia das Letras, 1996..

GINZBURG, Carlo. *História Noturna: decifrando o Sabá*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix. *A Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 65.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, Papyrus, 2001.

GUATTARI, Félix. *O Inconsciente Maquínico: ensaios de esquizo-análise*. Campinas, Papyrus, 1988.

GUTKOSKI, Cris. *O bruxinho cresceu e não perdeu a magia*. Zero Hora, Segundo Caderno, Porto Alegre, 26 de junho de 2003..

HIGHFIELD, Roger. *A Ciência de Harry Potter: como a magia realmente funciona*. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 2002..

HUGO, Victor. *Os Trabalhadores do Mar*. São Paulo, Editora Nova Cultural, 2003.

JINGLE. Zero Hora. Porto Alegre, 11 jun. 2003.

JOGO DA BRUXA MILIONÁRIA. Revista Veja. São Paulo, Ed. Abril, 10 de novembro de 1999.

JORNAL HOJE. Rede Globo de Televisão, 30 de agosto de 2003.

JORNAL NACIONAL. Rede Globo de Televisão, em 09 de abril de 2002.

KLINK, Amyr. *Cem dias entre o céu e o mar*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
BOSCH, Alfred. *O Atlas Proibido*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.

KLINK, Amyr. *Mar sem Fim*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

KLINK, Amyr. *Paratii: entre dois pólos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

KOLTUV, Bárbara Black. *O Livro de Lilith*. São Paulo, Cultrix, s/d.

KROEF, Ada Beatriz G. *As bruxas andam soltas na Educação*. Zero Hora, ZH Escola, Porto Alegre, 02 de junho, 2003.

- LARREULA E. & CAPDEVILA R. *A Bruxa Onilda*. São Paulo, Scipione, 1999. DESCAMP, Christian. *As Idéias Filosóficas Contemporâneas na França (1960-1985)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- LOWY, M. & SAYRE, R. *Revolta e Melancolia: romantismo na contramão da modernidade*. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos: bruxas e bruxarias da Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 1993.
- MELVILLE, Herman. *Les Îles Enchantées*. Paris: GF – Flammarion, 1989.
- MEU PRIMEIRO LIVRO. Porto Alegre, Escola Municipal Infantil Humaitá, Jardim B, 2000.
- MICHELET, Jules. *A Feiticeira*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1992, p. 11.
- NEM HULK PODE COM OS PIRATAS. Zero Hora. Porto Alegre, Encarte Especial, 13 de julho de 2003.
- O AMOR É A MELHOR HERANÇA, CUIDE DAS CRIANÇAS. Zero Hora. Porto Alegre, 16 jun. 2003.
- O MAPA DO FUNDO DO MAR. Jornal Nacional, Rede Globo de Televisão, em 06 de setembro de 2003.
- O PAÍS PIRATA. Jornal Nacional, Rede Globo de Televisão, no período de 08 a 11 de abril de 2002.
- PESSOA, Fernando. *O Eu profundo e os Outros Eus: seleção poética*. Rio de Janeiro, Edição Nova Fronteira, 2001.
- PIRATARIA S/A. Zero Hora e Diário Catarinense, Terceiro Encarte, Porto Alegre, 28 de maio de 2002.
- PIRATAS NO FIM DO MUNDO. Super Interessante, Edição 188, São Paulo, Abril/maio de 2003.
- PROPOSTA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Cadernos Pedagógicos*. Secretaria Municipal de Educação, Porto Alegre, nº 15, abril, 1999.
- REGIMENTO DA ESCOLA MUNICIPAL INFANTIL HUMAITÁ. Porto Alegre, 1996, policopiado.
- REGISTROS DE ROBERTO. Porto Alegre, Escola Municipal Infantil Humaitá, Jardim B, 2001.
- RICCI, Ângelo. *Mitologia*. São Paulo, Abril Cultural, 1973, p. 2-3.
- SALLMANN, Jean-Michel. *As Bruxas: noivas de Satã*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2002.
- SCHERER, Mário. *À Pequena Bruxa: iniciação à magia*. Porto Alegre, Sulina, 2001.

- SAN MARTIN, E. *A viagem do pirata Richard Hawkins: história autêntica da era dos descobrimentos*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2001.
- SANTOS, Roberto P. dos & SANTOS, Walmor. *O capitão pirata e o gênio invisível*. Porto Alegre, WS Editor, 1998. s/p.
- SBT Notícias*, Sistema Brasileiro de Telecomunicações, em 31 de outubro de 2002.
- SHAKESPEARE, William. *Macbeth*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- SICUTERI, Roberto. *Lilith: A Lua Negra*. São Paulo, Paz e Terra, 1998.
- SILVA, Juremir. M. *O bruxo do Marketing*. Correio do Povo, Porto Alegre, 02 de junho de 2003.
- SILVA, Márcia R. *Projeto Aventure-se com a Turma dos Piratas*. Porto Alegre, 2001, policopiado.
- SILVA, Tomaz. T. da. *Dr Nietzsche, curricularista – com uma pequena ajuda do Professor Deleuze & A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze*. In CORAZZA, Sandra. & TADEU, Tomaz. *Composições*. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.
- SPENCE, David. *Piratas!* São Paulo, Ed. Moderna, 1998.
- TAUSSIG, Michel. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. São Paulo, Paz e Terra, 1993.
- VÍDEO SHOW*. Rede Globo de Televisão, veiculado em 31 de outubro de 2000.
- WINOK, Michel. *Les voix de la liberté, les écrivains engagés au XIX siècle*. Paris, Ed. Seuil, 2001.

